

MARIÁ NOSSA MÁE NOSSO MODELO

\mathcal{M}_{aria}

NOSSA MÃE NOSSO MODELO

1ª edição

EDIÇÕES PAULINAS RIO DE JANEIRO — S. PAULO — PORTO ALEGRE FORTALEZA — BELO HORIZONTE — CURITIBA

Nihil obstat
Rio, 24 de outubro de 1949
Padre J. Cabral
Censor.

Pode imprimir-se Rio, 25 de outubro de 1949 Mons. Caruso pro Vigário Geral.

Duas palavras

Percorremos atentamente as páginas do livro "Maria — Nostra Madre — Nostro Modello" que vai ser editado em nosso país.

Raras vezes — estamos certo — o título de uma obra será tão expressivo e corresponderá tão bem ao conteúdo do mesmo.

Efetivamente, este precioso tratado de mariologia mostra-nos a nossa Mãe e o nosso Modêlo, que é a Santíssima Virgem.

Nestas páginas de sublime doutrina e de preciosos ensinamentos, encontramos Aquela que é, pelos desígnios do Eterno, a Nossa Mãe e que, consequentemente, deve ser também o Nosso Modelo, isto é, o exemplar que devemos reproduzir em nós, para conseguirmos o fim último para o qual Deus nos colocou neste mundo.

As verdades eternas e os dogmas de fé, sempre antigos e sempre novos, são versados em linguagem simples e clara, acessível a todas as inteligências. Isso, porém, sem prejuizo da elevação e da sublimidade dos conceitos.

À parte doutrinária segue sempre a narração de um fato histórico, que é também um exemplo edificante. Uma súplica ardente e filial encerra cada capítulo, elevando, destarte, a alma às regiões da feliz eternidade.

Um tal livro está fadado a produzir um grande bem às almas, guiando-as pelo caminho seguro e reto da fidelidade aos deveres de estado e às obrigações quotidianas.

O povo brasileiro, tão amante e tão devoto da Mão de Deus, certamente acolherá de modo caloroso a edição nacional de uma obra que diz das grandezas, das glórias e das misericórdias de Maria Virgem.

Rio, 24 de outubro de 1949 Festa do Arcanjo São Rafael

A toda bela

"Tu és bela, ó minha dileta: em ti não há mancha".

(Cant. 4, 7).

No princípio — depois que Deus reuniu nas cavidades imensas da terra que nós chamamos mar, toda a água; depois de cobrir de montes e vales a parte enxuta do nosso planeta; depois que semeou nas planícies, flores e plantas; depois que, aos pés das rochas, nas encostas dos montes, fez surgir os bosques e as florestas; depois de lançar no espaço, como pedaços de ouro, bilhões de estrêlas; depois de povoar os oceanos, o ar e a terra com seres animados e vivos — fez o homem e a sua companheira Eva.

Deus os criou maravilhosamente belos, amou-os tanto que para enriquecer ainda os dons da natureza, deu-lhes qualquer coisa de Si mesmo, isto é, deu a graça, com a liberdade e a soberania sobre toda a criação animada e inanimada. Em paga desta incomensurável liberalidade, não exigiu, como homenagem, senão um ato de obediência.

Este casal venturoso não soube contentar-se com a sua boa sorte: quis igualar-se Àquele a quem tudo devia e foi para desobedecer-Lhe que usou da sua liberdade. Deus teve tal horror por esta ingratidão que tirou a graça ao culpado e à sua descendência. Adão que devia ser rei, tornou-

se escravo; nem ele, nem os seus filhos teriam direito algum ao reino celeste; os seus descendentes nasceriam filhos de homem e de homem decaido: não seriam mais filhos de Deus.

Mas Deus é o *bom Deus!* No mesmo instante em que castigou o culpado e o deixou entrever o perdão: uma virgem escapará à desgraça universal, esta virgem gerará um filho que salvará o gênero humano... Esta Virgem é Maria.

Após longos séculos de espera, finalmente esta Virgem apareceu. Nascida como nós de um pai e de uma mãe, ela como nós havia de contrair a mancha do pecado original, mancha que é a falta da graça ou vida sobrenatural. Uma vez que Adão infetara a natureza humana, Maria devia, como nós, ser contaminada pela natureza transmitida pelo culpado: mas assim não sucedeu.

Nem mais nem menos que nós, Maria não poderia ser salva senão por meio de Jesus; mas a sua salvação operouse de uma maneira mais maravilhosa e surpreendente que a nossa; tanto é verdade que, trazemos nós a culpa do pecado original até recebermos o Batismo: Batismo de água, batismo de sangue ou de desejo; ao passo que Maria entrou no mundo toda resplandescente de graça e beleza. Antes que o pecado original tivesse tempo de manchá-la, antes que Satanaz a tivesse um momento sob o seu jugo, Aquele que devia nascer da Virgem, resgatou a sua mãe; resgatoua com antecipação, a crédito podemos dizer. Antecipadamente Deus perdoou o débito da mãe, sabendo que seria pago pelo filho.

O dógma da Imaculada Conceição é este: "Maria foi concebida e veio ao mundo segundo as leis ordinárias da conceição e do nascimento: mas desde o primeiro instante da sua existência, ela foi preservada do pecado original e penetrada pela graça santificante. Este privilégio, único ela o deve, segundo a Bula da definição, "aos méritos de Jesus Cristo Salvador do gênero humano". Desde o



primeiro instante da sua conceição, quer dizer, no momento em que a sua alma e o seu corpo foram unidos para formar um ser vivo, o Espírito Santo estabeleceu em Maria a sua morada, inundando a sua alma de luz, de graça, de beleza.

A beleza física de Maria:... o Evangelho nada diz; a tradição afirma que Maria era bela, belíssima de rosto. S. Lucas regozijava-se em retratá-la... ordinàriamente os artistas não tomam modêlos feios! S. Dionísio Areopagita, convertido por S. Paulo, conheceu a SS.ma Virgem e, com certeza, a achou belíssima porque escreveu: "Vi a SS.ma Virgem e se não soubesse que embora divina, ela não era Deus, te-la-ia adorado!" É a sua beleza que ele teria adorado; podemos crer. Agora, quando ela se digna mostrarse, é sempre com tal semblante que ficam em êxtase as criaturas favorecidas com a sua visão.

"Vistes a SS.ma Virgem, — dizia a S. Bernardete uma menina — é bela?"

'Tão bela — respondeu a vidente — que desde que a vi, desejo morrer para tornar a vê-la!"

Toda beleza é um reflexo de Deus e é por isso que todas as belezas conquistam: mas a beleza física é um reflexo muito efêmero; há mais que isto em Maria: ela possui a beleza da graça!

A graça!... Ouvindo sempre repetir esta palavra: "graça", ela não nos impressiona mais... e todavia... todavia todas as belezas da terra não podem comparar-se com a beleza produzida em uma alma pelo mínimo grau de graça. Toda beleza é um reflexo de Deus; mas a graça não é sòmente um reflexo, é verdadeiramente algo de Deus; é a vida de Deus, a sua própria vida que ele comunica à alma, como o pai e a mãe comunicam a vida humana ao corpo dos seus filhos.

Esta vida divina e sobrenatural, Deus a comunica em tal abundância à alma de Maria que desde o princípio da sua existência a medida da sua graça ultrapassa a medida da graça reunida em todas as criaturas. Não contando Jesus Cristo cuja santa humanidade deve ser sempre considerada superior à de qualquer criatura humana e angélica, ninguém participará jamais da vida de Deus como Maria participa desde o princípio da sua vida: "É uma cousa absolutamente certa que a SS.ma Virgem desde o primeiro instante da sua existência recebeu um conjunto de graças proporcionado a sua dignidade futura e proporcionado ao amor do seu Divino Filho por ela. Com todas as luminosidades com que brilham os maiores servos de Deus, por mais maravilhosos que sejam no momento do seu máximo esplendor, nenhum jamais igualará a de Maria". (1)

A medida da graça dá a medida da santidade e a medida da santidade dá a medida da beleza. Maria sendo entre todas as criaturas aquela que recebeu mais graças é entre todas a mais santa e a mais bela. De maneira que desde a sua aurora ela se pode proclamar em sentido próprio "rainha da beleza".

Nenhuma língua, a não ser uma língua celeste, pode descrever esta beleza que jamais cessará de aumentar. O que se pode dizer é isto: que Deus dela se enamora. Depois de ter pousado sobre ela seus olhares, Ele acha a Imaculada tão bela que não pode afastar os olhos.

Quando Deus olha, ama, e aquilo que Deus ama, diviniza. Pois que Ele se via em Maria contemplava-a com alegria e como a via tão bela, queria-a mais bela ainda. E como tudo que não é infinito pode ser aumentado, Deus sempre a aumentava: acrescentando graça à graça, a beleza de Maria torna-se esplendor!

Como ficaria consolado Adão culpado, se pudesse ver na profundidade dos séculos esta Virgem que devia dar ao mundo o reparador da sua culpa! Em que êxtase o ter a lançado esta criatura de mistério, mais branca que o primeiro lírio apresentado aos seus olhares! mais pura que a

⁽¹⁾ P. Terrien, A Mãe de Deus e a Mãe dos homens segundo os Padres e a Teologia Vol, I. c. A.

onda cristalina na qual pela primeira vez ele contemplara a sua imagem; mais bela, imcomparàvelmente mais bela que a sua companheira Eva cuja aparição inesperada o inebriara de um intraduzível transporte de amor, antes de causar a sua perda! Se Adão tivesse podido vê-la!

Se nós mesmos pudessemos vê-la além da nossa fé! Ó Maria "quanto sois bela no meio dos lírios". (1) O vosso candor imaculado expande sobre nós a luz e a vida!

A sua candura... Maria mesma maravilha-se. Quando a pastora dos Pirineus lhe perguntou:

- Senhora, quereis ter a bondade de dizer-me quem sois?

O nome que sai dos seus lábios é o do seu primeiro privilégio. ${}^{\raisebox{3.5pt}{\text{\circle*{1.5}}}}$

— Eu sou a Imaculada Conceição.

Seria o mesmo que dizer: eu sou a toda branca, a toda pura, a toda bela.

Imaculada é o seu nome.

* * *

Não temos a pretensão, nem o poder de usurpar, não importa qual seja o louvável esforço, a coroa da Imaculada. Ela permanecerá eternamente a Rainha, a verdadeira Rainha da beleza; mas não teremos o desejo de ocupar no seu coração um lugar muito especial? Filhos de um pai culpado, sofremos a consequência de uma culpa que não cometemos. Isto sucede como numa família: os filhos padecem por culpa dos pais. Mas Deus é sempre o bom Deus: no batismo Ele nos restituiu a sua graça e os seus favores. Naquele dia, também a nossa alma foi toda branca toda bela; naquele dia, sobre ela, Deus se inclinou com amor. Quando um raio de sol envolve uma gota de orvalho, torna-a um brilhante; ela não muda de natureza; a sua constituição íntima é a mesma expressa sempre com a fórmu-

⁽¹⁾ Cant. 7, 7.

la química H2 O e todavia foi transfigurada. Ela brilha com um esplendor que não tinha antes e que é seu; porém tal esplendor vem do sol porque o sol lho comunicou e isto torna-a, de qualquer modo, igual a ele, como se qualquer coisa de si tivesse passado para ela; ele é o lume, ela é luminosa; luminosa por participação. Se o sol tivesse conciência das coisas, se fosse capaz de inteligência e de amor, ele se inclinaria com complacência sobre esta gota brilhante e se regozijaria nela porque nela se reconheceria. (1)

O que o sol não sabe fazer. Deus o fez. Como Ele se inclinou sobre a alma de Maria, assim se curva sobre a alma em estado de graça: olha-a, ama-a porque se vê refletido nela; e para se reconhecer melhor, acrescenta outro dom ao divino que já deu e a alma se embeleza sempre mais até o momento em que uma infração à lei divina O obriga a retomar os seus dons sobrenaturais: a graça não habita com o pecado. Neste caso não é o pecado de sua origem que torna a alma pobre e miserável, mas é a sua própria culpa: o seu pecado, o pecado deliberadamente consentido, porque não há pecado onde não há vontade. Felizmente Deus é bastante bom para perdoar ainda este pecado e para restituir-nos novamente o que nos retomou: mas não esqueçamos que o Puríssimo une-se somente com a pureza". (2) Vigiemos sobre a nossa.

* * *

Como o Santo Cura d'Ars amava a Virgem puríssima! Era como por instinto que o seu coração se dirigia à pureza virginal da Imaculada. Muito antes que esta verdade fosse um dogma, ele mandou erigir sobre a fachada da sua igreja uma estátua à "Toda Bela" e consagrou a ela toda a sua Paróquia. Os peregrinos que vão à pequena aldeia imortalizada pelo santo sacerdote, podem ver dentro da igreja, à esquerda na entrada da capela da SS.ma Vir-

⁽¹⁾ Mons. Landrieux. Sobre as pegadas de S. João da Cruz.(2) S. Agostinho.

gem, num grande quadro em fundo azul, estas palavras; com letras de ouro: "Consagração da paróquia de Ars a: Maria concebida sem pecado, feita em 1º de maio de 1836, por J. M. Vianney, cura d'Ars". Ao lado, aos pés da estátua que se acha sobre o altar está suspenso um coração de prata; se o abrirdes, encontrareis escrito de seu próprio punho, sobre um pedaço de pergaminho branco, o nome de todos os seus paroquianos.

Vianney amava a Virgem Puríssima e sabia fazer amála! Em todas as famílias de sua paróquia introduzira a sua
imagem firmada por ele, em baixo; sobre a fachada de todas as casas via-se a sua estatueta; nas festas dedicadas
em sua honra a igreja não era suficiente e jamais estava
deserta; de manhã ia-se à missa na qual as comunhões
eram numerosíssimas; à tarde ia-se à homilia, na qual o
apóstolo celebrava com a piedade simples e penetrante que
conhecemos, a grandeza da virtude, do poder e do amor
desta Rainha virginal. Quando soube que Roma se preparava para promulgar com a magnificência devida, a definição do dogma, a sua alegria foi imensa. Quis ele mesmo
preparar os seus paroquianos para celebrar este grande
acontecimento.

Num discurso de circunstância, recorda com transportes de amor, tudo que fôra feito na paróquia por Maria. Imaculada. Um frémito perpassa sobre o auditório quando ele ao terminar exclama: 'Sim, para dar qualquer cousa à SS.ma Virgem desejaria vender-me e me venderei". (1)

A 8 de dezembro de 1854 o papa Pio IX definiu: "Em virtude da autoridade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e da sua própria, que a SS.ma Virgem fôra preservada de toda mancha de pecado original desde o primeiro instante da sua conceição".

Os paroquianos de Ars ofereceram a seu pastor um esplêndido jogo de paramentos de brocado de ouro, sobre o

⁽¹⁾ Processos diocesanos.

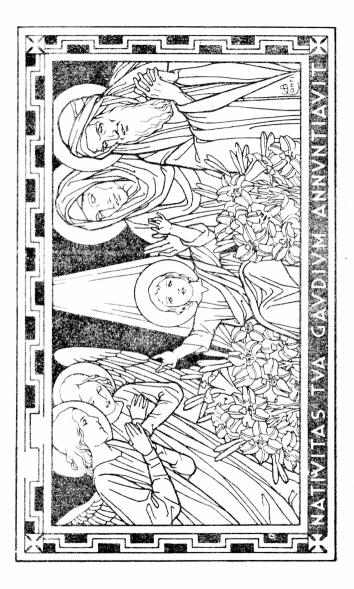
qual o arquiteto Bossan tinha desenhado pessoalmente finíssimos arabescos, e o Pe. Vianney vestiu-o naquele mesmo dia com uma alegria inexprimível. Depois das vésperas foi benta uma estátua erigida no meio do seu jardim. À noite fez-se em Ars o que jamais fôra feito: uma esplêndida iluminação. A torre, a igreja, a fachada de todas as casas foram magnificamente iluminadas e os sinos da paróquia soaram tão longamente que também das paróquias vizinhas acorreram pessoas crendo que fosse um incêndio. Esta festa "foi um dos mais belos dias da vida do santo Cura; quase setuagenário, pareceu rejuvenescer pelo menos vinte anos. Jamais um filho ficou mais contente e jubiloso de ver triunfar sua mãe". (1)

Ó Virgem Imaculada!

Lírio branco e belíssimo no qual "a resplandecente e sempre tranquila "Trindade" tomava suas delícias, ensisinai aos vossos pobres filhos da terra a respeitar os dons de Deus. Se estes estiverem ainda vestidos com as vestes batismais, vigiai para que não as maculem. Se pelo contrátrário, já não as possuem, que esses se esforcem por substuí-los com o austero hábito da penitência e do arrependimento. E vós Maria, toda bela e também toda boa, vigiai o tesouro confiado aos vossos filhos tão fracos! Guardai este tesouro do qual infelizmente, eles não conhecem o vavalor. Pedi a vosso bendito Filho para que zele e conserve nossa alma como ele conservou e zelou pela vossa e que faça crescer em nós a graca e a beleza.

Ó Maria, concebida sem pecado orai por nós que recorremos a vós.

(1) A. Trochu



O nascimento da eleita

"Tudo nesta pequena criança é cheio de mistério: tudo pleno de maravilhas".

Um dia em Nazaré, na Galiléa, na casa de Joaquim e de Ana, houve uma grande alegria. Depois de dez anos de vã espera e de vã esperança, quando eles, avançados emidade, não esperavam mais, nasceu deles uma criança.

Com longas e perseverantes orações eles tinham pedido a Deus esta criança e prometeram consagrar ao Senhor, no Templo, toda a infância desta criatura tão ardentemente desejada.

O Senhor os ouvira; todavia, para mostrar que eles receberam de Si próprio este dom, Deus retardou a sua felicidade. Um dia, finalmente, nasceu na sua própria casa, a menina que eles chamaram Maria. (1) A alegria naquela casa foi imensa.

Mas quão maior seria a alegria e o reconhecimento se tivessem suspeitado os gloriosos privilégios da sua pequena filha e a missão sublime que Deus lhe reservava!

Eles, porém, nada sabiam destas cousas inverossímeis. Ignoravam que a sua filha — a primeira resgatada, a única preservada — gosava já do uso da razão. Ordinàriamen-

⁽¹⁾ Maria significa: Luz, Estrela do Mar, Doçura, Senhora, Soberana.

te, no primeiro período da existência, a alma incapaz de praticar as operações das quais traz o princípio, está como paralizada; a inteligência não entra no primeiro ato da formação do organismo: esta é a lei. Mas Aquele que fez a lei, pode libertar-se dela; de fato, revogou-a vor da Virgem que devia ser a Mãe do Redentor. Adão, como Eva, como os Anjos, Maria desde o primeiro instante teve conciência dos próprios atos: ela sabia o que devia saber, o que queria e o que fazia. Sob os olhos dos seus progenitores ela crescia com todas as aparências de uma criança comum: dormia, comia, sorria, dava os seus primeiros passos, balbuciava as primeiras palavras como todas as crianças. Mas enquanto elas fazem todas estas cousas mais absoluta inconciência, enquanto para elas permanece desconhecido por longos meses e anos, Maria, ao contrário, abriu a sua alma desde o seu primeiro instante e desta alma desprendiam-se, para não cessar mais, os atos de adoração, de amor e de oração. Maria conheceu Deus, amou-O, quis agradá-lO desde o começo da sua existência; desde que abriu os olhos à luz do dia, o menor dos seus movimentos atraia uma nova graça, porque estes movimentos partiam de sua vontade, diretamente a Deus, como uma homenagem.

De tudo isto ninguém soube, nem os seus pais nem os outros. De outra parte se adivinhassem, como poderiam compreender? Deus nada disse. E nós mesmos não poderíamos conhecer estes privilégios se a fé não os revelasse; são mistérios e diante do mistério só nos resta curvarmonos. A razão, para ser razoável, deve admitir que Deus pode fazer mais do que podemos compreender e mais do que podemos explicar. Uma criança compreende ou explica tudo o que faz seu pai? E a distância que separa a inteligência da menor criança, da do homem mais talentoso, que é comparada com a distância que separa o finito, o limitado por todas as partes, do infinito que não tem medida nem limite?

Deus podia fazer por Maria o que fez; e se o fez não o fez sem motivo: Ele preparava em segredo a mãe do Homem-Deus.

Durante a espera — não há necessidade de dizê-lo — Ana cumpriu escrupulosamente com a filha todos os deveres de mãe. Embora ignorasse o destino sublime, admirava as precoces qualidades. Qual a mãe que não admira o Que mãe não encontra nele atrativos desconhecidos e novos, frequentemente imaginários? Mas Ana. naquilo que via ou acreditava ver, não via nada de mais, ou melhor, não suspeitava que havia mais do que via. Ela educava a sua filhinha com toda ternura e piedade, acrescentando assim, à graca infusa com a qual Deus a tinha enriquecido, a ciência adquirida que os pais têm o dever de dar ou fazer dar aos pequenos, que o céu lhes confiou. Maria, a mais dócil e a mais perfeita de todas as crianças, aproveitava maravilhosamente as solicitudes maternas; jamais o mínimo ímpeto, jamais a minima insubordinação. Na luz sobrenatural que a envolvia, tinha ela a clara visão do bem que se mostrava tão belo aos seus olhos, que o mal era afastado por instinto: a menina não via no mal senão fealdade e tormento. Na realidade, no mal não existe outracousa.

Ana entrava no plano de Deus por Maria, como os pais entram no plano de Deus pelos seus filhos: pensa-se nisto bastante? Quando a jovem mãe inclina-se sobre o berço, olha o primeiro olhar e o primeiro sorriso do seu filho que dorme, pensa na grandeza deste pequeno cristão ao qual Deus deu o título de adoção e de herdeiro celeste? Pensa na dignidade do seu pequeno no qual reside o Espírito Santo? Pensa que este pequeno tem deveres a cumprir para com o hóspede divino? Pensa que estes deveres devem ser ensinados ao seu filho mais com exemplos seus que com palavras? Desde o despertar da sua razão, pensa, de manhã e à noite, em juntar as suas mãozinhas para formular uma oração? À medida que a criança cresce, pensa em au-

mentar no seu espírito a fé na presenca invisivel de Deus? Pensa em apresentar-lhe como um boníssimo amigo este Deus que ele traz em si e que deve amar mais que a todos, mais do que a própria mãe? Pensa em fazê-lo compreender bem a verdade de que este hóspede divino vê tudo que faz, escuta tudo que diz, conhece tudo que pensa? Pensa em dar-lhe o hábito de contar, à noite, antes de dormir, a este Amigo boníssimo tudo que fez durante o dia e se houver alguma falta, pedir-lhe perdão, prometendo-lhe ser mais prudente no dia seguinte? Pensa em ensinar-lhe a ser obediente porque este Amigo, e este Deus, Mestre seu, quer que obedeça? A trabalhar, porque este Mestre quer que trabalhe? A rezar, porque quer que reze? Pensa em recomendar-lhe a recorrer a este Deus em todas as penas, em todas as dificuldades, em todas as suas iniciativas e empresas? Pensa em dizer-lhe e tornar a dizer-lhe que tudo aquilo que Deus quer é bom, que tudo aquilo que quer deve ser feito sem hesitação e sem demora? Sobre cada um destes seus pequenos Deus tem desígnios, talvez grandes desígnios, como os tinha sobre Maria: o dever de toda mãe é o de favorecê-los. Sem dúvida não haverá uma outra Imaculada, uma outra Mãe de Deus; mas desta geração nascente devem sair Profetas, sacerdotes, apóstolos, virgens, chefes de estado, de indústria. de família; desta geração devem sair santos e santas: talvez Mônicas ou Brancas de Castela. Como S.ta Ana favoreceu em Maria o progresso da sua santidade eminentíssima, cada mãe deve desenvolver no seu filho o progresso das virtudes necessárias ao seu destino futuro; destino sempre sublime pois todos são chamados para fazer parte da corte celeste.

Pode ser que a tempestade se desencadeie sobre a cabeça destas crianças durante o seu desenvolvimento, mas se a mãe cuidar de cultivar a semente lançada por Deus no mais profundo da sua alma, num dia ou no outro, verse-á que dará os seus frutos. Mas será um dano incalculavel se a mãe deixar por sua culpa morrer esta semente. * * *

Quando S. Francisco de Sales foi pela última vez a Lião, onde devia morrer, o S.r Olier, intendente da Justiça (presidente de tribunal) foi visitá-lo. Excelente cristão e pai de numerosa prole, Olier confiou-lhe as inquietações que um dos seus filhos, chamado Jean Jacques, dava à família.

Este menino com quase 15 anos, parecia insensivel a toda boa influência, exortações, conselhos, castigos, punições, nada dobrava sua indocilidade e sua resistência.

— Quero ver este menino — respondeu o santo.

Voltando à casa, Olier pediu à sua senhora que conduzisse o filho à presença do santo e a esposa o fez. O Bispo e o *menino rebelde* tiveram um colóquio e em seguida e Bispo de Genebra disse à mãe:

— Senhora, ficai tranquila. O céu escolheu este menino para sua glória e para o bem da sua Igreja.

O santo prelado não se enganara; ele descobrira dentro desta alma fechada, toda uma germinação de virtudes que os seus pais não suspeitavam e que eles cultivavam desde a sua primeira infância, sem resultado aparente.

Um dia, Jean Jacques Olier declarou que se consagraria a Deus. Recebeu as ordens, uniu-se a S. Vicente de Paulo e pregou com grande sucesso nas missões de Alvernia, Velay, Bretanha e outros lugares. Teve assim ocasião de ver um pouco em toda parte, o clero da França. Viu nele uma preparação insuficiente: faltavam-lhe, frequentemente, a ciência e a virtude que requer um estado tão sublime. Contristado por este estado de coisas, o Abade Olier resolveu consagrar toda sua vida à formação do clero jovem, de dirigí-lo ao estudo e à santidade; começou primeiro por fazer os sacerdotes a estimarem a si mesmos e o seu estado, a fazer nascer neles o desejo e a vontade de

tender continuamente à perfeição necessária à dignidade de padre.

Em 1642, quando se pensou fazer bispo o Abade Olier, ele deixou a cátedra e fundou uma Sociedade de padres dedicados à formação dos aspirantes ao sacerdócio: criou assim os Seminários. A obra foi iniciada em Vaugirard; depois, sendo nomeado Olier cura de S. Sulpício e professor de teologia dos jovens clérigos, instruiu-os a celebrar santamente a missa, a rezar o ofício, a administrar os sacramentos e mostrou-lhes por meio das suas virtudes, como deviam proceder para fazerem-se santos.

O S.r Olier e a sua esposa não teriam pensado em 1622, que o seu filho Jean Jacques seria uma glória da I-greja, mas eles cumpriram junto deste menino travesso e indócil todos os seus deveres de pais cristãos. Com a perseverança na oração, no esforço e no sacrifício eles prepararam esta glória.

* * *

"O' Maria, a mais terna e a mais poderosa de todas as mães, nós nos dirigimos a vós como pequenas crianças, com a nossa ignorância e nossa impotência, mas também com a nossa confiança. Conheceis os nossos defeitos e os nossos deveres: ajudai-nos a corrigir os primeiros e a cumindócil todos os deveres de pais cristãos. Com a perseverança na oração, no esforço e no sacrifício eles prepararam esta glória.

A apresentação ao Templo

"Quando tiveres um voto a Deus não tardes a cumpri-lo".

(Ecle. 5,3)

Passaram-se três anos depois do nascimento da toda Bela e chegou para Ana e Joaquim a hora do sacrifício.

Uma manhã em companhia de sua filhinha caríssima eles abandonaram Nazaré para se dirigirem a Jerusalém. Maria conhecia o fim da viagem: ela sabia que seus pais haviam-na consagrado ao Senhor, que era Nazarena, isto é, consagrada. Esta consagração, que a separava da mãe e do pai, pão só foi por ela aceita, como também ela a completou com um ato interior pessoal; os seus pais doaram-na a Deus por dez anos, mas ela usando o privilégio da sua razão precoce, deu-se para sempre: seria Virgem por toda a vida. Seus pais vieram para cumprir o voto; ela acompanhou-os para cumprir o seu.

A tradição nos diz que Joaquim e Ana possuiam uma casinha na Cidade Santa, nas proximidades do Templo, mas não é nessa casinha nem junto dos pais que Maria deve crescer, mas no próprio Templo. (1)

Não se deve imaginar o Templo de Jerusalém construido como as nossas igrejas; nada de semelhante. De fa-

⁽¹⁾ Os judeus, esparsos em todo o mundo não tinham mais que um templo, o de Jerusalém, único lugar onde era pemitido oferecer sacrifícios.

to, aquele templo era uma imensa praça calçada, contornado em três lados por um muro entremeado de portas e dupla galeria para refúgio em caso de chuva. Sob estas galerias, chamadas pórticos, Nosso Senhor ensinava e os vendedores estabeleciam os seus negócios. No páteo todos podiam entrar; era o páteo dos pagãos ou dos prosélitos judeus. (1)

Ao fundo, elevava-se a construção do Templo propriamente dito. Protegia-o um duplo muro; este muro, não muito alto, possuia treze portas e outras tantas inscrições que proibiam aos pagãos de ultrapassarem sob pena de morte. Dentro deste muro, em níveis diferentes, estavam o páteo das mulheres cercado de pórticos; na parte superior o páteo dos judeus e em frente o páteo dos sacerdotes com todos os acessórios necessários à imolação das vítima: a mesa de mármore para depô-las e para cortá-las; o altar dos holocaustos para consumí-las (2), uma grande bacia de bronze e muitas outras bacias menores para conter a água de que o culto judaico necessitava e prescrevia em abundante e frequente uso.

Atrás do altar se elevava o santuário de mármore branco e ouro. Compreendia um vestíbulo que conduzia a uma sala chamada o "Santo"; a porta desta saña, sem batentes, permitia ver o grande e rico véu atrás do qual se achava o "Santo dos Santos". (3). Em qualquer lugar do santuário e atrás, sobre o muro, havia as casas que ser-

(2) O altar dos holocaustos era uma mesa com 2 x cm 50; os levitas subiam por um plano inclinado.

Porisso «o Santo dos Santos» do segundo Templo estava vazio

⁽¹⁾ O páteo dos pagãos tinha 225 metros de largura.

⁽³⁾ O «Santo» era uma sala de 18 x 9 ms; continha a direita a Mesa das proposições sobre a qual se colocavam os pães oferecidos em sacrifício; à esqueda o candelabro de sete braços; no meio a altar dos perfumes, sobre o qual, de manhã e a tarde, se queimava o incenso.

No Templo de Salomão a sala que se achava atrás do véu e que se chamava o «Santo dos Santos», fôra construida para guardar a Arca da Aliança, que continha as Táboas da Lei, a vara de Aarão e uma medida de Maná do deserto, conservada milagrosamente. Quando no tempo do grande cativeiro de Babilônia (588 a. C.) os caldeus incendiaram o Templo e a cidade de Jerusalém, a Arca desapareceu no desastre.

viam de sacristia, de sala de reuniões para os Doutores e de depósito dos materiais do Templo, que eram consideráveis.

Havia anexo ao Templo um colégio de jovens, aberto só para as crianças da casta sacerdotal. Graças ao sacerdote Zacarias, esposo de Isabel e chefe da família, Maria pôde ser admitida. Foi neste colégio que a Virgem puríssima foi educada.

Um dia, conduzida pelos pais, esta menina passou o pórtico do Templo, atravessou o páteo dos pagãos e só, como narram as tradições, subiu cinco degraus que conduziam ao apartamento das mulheres. Sobre estes degraus Zacarias esperava-a; tomou a criança entre os braços, ofereceu-a ao Senhor e depois a conduziu às pessoas encarregadas da sua educação. E o pai e a mãe viram afastar-se o seu tesouro.

O que se passou então entre aquelas três santas almas que formavam uma só, os livros santos não dizem; mas o nosso coração talvez no-lo dirá, se o consultarmos. Ana e Joaquim separaram-se desta criança que tinham desejado tanto e esperado longamente, desta criança que lhes tinha já dado tantas consolações. E ela, com uma generosidade superior à sua idade, esta pequenina que tinha por seu pai e sua mãe tão delicada ternura, aceitou a separação.

Podemos crer que tudo isso sucedesse sem sofrimentos de ambas as partes? Supô-lo seria fazer uma injúria a nós mesmos e demonstrar que não temos coração. Pelo contrário nós sabemos amar. Talvez conheçamos a dor de certas separações e saibamos quanto custam.

Se estas três almas nobres se dirigiram ao sacrifício, é porque compreendiam que, depois de haver recebido, era preciso saber dar. Este dever Maria o aprendera de seus pais, depois de aprendê-lo de Deus. Bela lição para nós.

e continha apenas uma pedra chata sobre a qual o sumo Sacerdote (o Papa dos judeus) depunha o turibulo, uma vez ao ano, no dia da festa da Expiação. Só ele podia penetrar neste lugar santíssimo e só neste dia.

Não é sòmente com Maria que Deus se mostra generoso; não é sòmente com seu pai e sua mãe, mas com todos os homens...

Também nós recebemos inumeráveis benefícios da liberalidade divina; também nós os recebemos todos os dias; mas pensamos em agradecê-los? Experimentamos alguma vez a necessidade de dar qualquer coisa que conta Aquele cujo amor dá sem contar? Sabemos ver somente o que recebemos? Sabemos reconhecer os benefícios de Deus? Infelizmente as almas reconhecidas não enchem a estrada; mas isto não causará surpresa quando se pensa em todas as qualidades que requer o reconhecimento. A gratidão é a virtude dos grandes corações e os grandes corações são raros. Saudemos os três corações que o céu nos apresenta neste dia e a seu exemplo esforcemo-nos por formar o nosso.

É com o amor que se pagam os dons de Deus e o amor prova-se com as obras: quem ama, dá! Sabe-se pedir, sabe-se prometer quando a necessidade se faz sentir; mas quando tudo passa, regeita-se, retarda-se, transfere-se para mais tarde o pagamento do próprio débito, a execução de um voto, a realização de uma promessa e termina-se por esquecer. Soube-se receber; soube-se *importunar* Deus, mas não se sabe retribuir. Com Deus a todo momento, falta-se à honestidade.

Ana e Joaquim não eram deste gênero; eles não temporarizaram com Deus e menos ainda, Maria. Pelos pais, pelas crianças, o seu exemplo deve ser imitado e felizmente há quem o imite: D. Bosco e sua mãe souberam dar a Deus o que Deus lhes pedia.

A SS.ma Virgem tinha uma particular predileção por D. Bosco, que Pio XI colocou sobre os altares; ela lhe revelou, por meio de sonhos, todo o plano de Deus sobre ele. Ele aprendeu de Maria que deveria salvar muitos jovens e que não seria fácil. Antes de tudo, para salvá-los precisava ser padre... era este o sonho de Joãozinho: nasce-

ra apóstolo. Desde a idade de cinco anos ele reunia ao redor de si as crianças da sua vila para ensinar-lhes o catecismo; aos dez anos não havia estratagema que não inventasse para conduzir a Deus os seus pequenos companheiros...

Mas para fazer-se padre era preciso dinheiro, e este era bem escasso na casa de Bosco! João não tinha ainda dois anos quando sua mãe chorando, lhe disse: "Meu filho, não tens mais pai!" Desde daquele dia a pobre viuva sofreu não pouco para dirigir os trabalhos do campo, para dedicar cuidados a uma veneranda avó e criar três filhos, dos quais o maior, filho da primeira mulher, fugia de toda a sua influência. Como pensar em deixar esta mãe no momento em que ele deveria sustentá-la com o seu trabalho? Todavia Nossa Senhora lá estava: vinha repetidamente, mostrando os cordeiros do Bom Pastor e os lobos crueis dos quais ele, João, tinha a missão de arrancá-los.

A mãe de João, a boa "mamãe Margarida", que o amava com todo o coração, era uma mulher de fé ardente e de caráter magnânimo; quando soube que Deus chamava o seu filho ao sacerdócio, não tentou disputá-lo. Longe de calcular a soma dos sacrifícios aos quais uma tal honra a condenaria, a virtuosa mãe sustentou, com a sua ternura e com seus conselhos o seu filho predileto, assinalado pela Providência.

Foram numerosissimos os obstáculos que se interpunham à realização deste grave dever; o mais difícil era o de encontar dinheiro para os estudos e vencer a inveja e a aversão do irmão maior que se fizera chefe da família e que não admitia sob o teto dos Bosco outra vocação que a de cultivar a terra. E todavia era para ser cultivador de almas que o santo fora chamado.

Deus ajudou — Nossa Senhora também — e um dia "mamãe Margarida" viu aquele que sempre fora para ela o seu Joãozinho, revestido pela batina e transfigurado pela aureola do sacerdócio, estender as suas mãos consagradas

sobre a sua cabeça e ela, chorando e de joelhos, recebeu a sua primeira bênção. Naquele dia ela decidiu não se colocar entre seu filho e a vontade divina e a nobre mulher disse ao jovem padre: "Segue a tua vocação sem te preocupares com ninguém. Deus antes de tudo!"

Apoiando-se em sua fé e no poder dAquele que dá o auxílio ao mesmo tempo que confere uma missão, D. Bosco fundou para que prosseguisse a sua obra, uma nova família religiosa, e sem apôio, sem casas, sem dinheiro, sem nada de humano, encontrou o meio de educar, de sustentar, de criar milhares de crianças abandonadas das quais ele se fez irmão. Hoje, pequeno João de Becchi (1) é São João Bosco.

* * *

O' Maria, em tudo e por tudo nosso perfeito modêlo, inspirai-nos o respeito e o amor à vontade de Deus, vontade muitas vezes misteriosa, mas sempre sábia e sempre boa. Ensinai-nos a crer sem ver, a adorar sem compreender, a obedecer sem demora e infundi em cada um dos nossos corações o desejo sincero de realizar completamente todos os desígnios de Deus sobre nós.

⁽¹⁾ Becchi, vila natal de D. Bosco, situada a trinta quilômetros de Turim,

A Nazarena

"Segundo a vocação à qual Deus destina um ser, enriquece-o de dons naturais e sobrenaturais necessários para o pleno cumprimento dos seus desígnios".

(R. P. Terrien)

O sacrifício cumpriu-se: Maria, a criança do milagre, a maravilha da graça deixou os seus pais e reuniu-se no colégio anexo ao Templo, àquelas que seriam de ora em diante as companheiras de sua vida. Lá, esta pequena criança de três anos, fez o que fazem as crianças de sua idade em uma casa de educação séria. Aprendeu a rezar, a ler e a trabalhar.

Os filhos consagrados pelos pais a serem educados no Templo, ficavam aí, os meninos até os doze anos e as meninas até os treze. Maria devia portanto, viver até os treze anos dentro deste colégio e com as crianças consagradas ou com as nazarenas, como as chamavam os judeus. (1)

Três obrigações tinha o Nazareno: Não saborear o fruto e nem o suco da vinha; deixar crescer os próprios cabelos; não ter contrato algum com os mortos.

⁽¹⁾ Para os judeus o voto chamava-se «nazaretismo» e os que eram ligados ao voto, «Nazareno e no feminino «Nazarena».

Maria não teria, portanto, vinho e uva sobre a sua mesa e as mulheres, filhas ou esposas dos sacerdotes, cuidariam de afastar todas as facas e tesouras com as quais estas criancinhas poderiam ferir-se e também cortar ou encurtar os seus cabelos.

À medida que crescia em idade, Maria aplicava-se a todos os trabalhos ordinários de casa: costurava, remendava, tecia o linho, os ornamentos sacros e manuseava os tecidos preciosos do Templo.

Duas vezes ao dia ela assistia ao sacrificio: às nove havia o sacrifício da manhã e às três o sacrifício da tarde. Diante dela estavam os páteos, espécies de terracos, sobre os quais se faziam sacrifícios: tinha portanto sob os olhos toda a cerimônia do culto judáico. Via os sacerdotes e os levitas, designados para o sacrifício do dia subirem a estes doze páteos, os sacerdotes com as suntuosas vestes de linho e ouro, tecidas com pedras preciosas e os levitas, com as brancas túnicas de linho e com os cabelos soltos sobre os ombros, Espetáculo único, dizem. Os outros sacerdotes e levitas mesclavam-se e povoavam o páteo dos judeus. (1) Todos os dias o Templo ficava apinhado: as trombas de prata anunciavam o início do sacrifício que era acompanhado por uma música solene e pelos cantos alternados. Desde o princípio de maio até outubro, a jovem Nazarena seguia as cerimônias sob um céu sem nuvens, porque nestes meses jamais chove na Palestina. Mas de novembro até maio. Maria com as suas companheiras, devia frequentemente refugiar-se sob as galerias cobertas; de fato, então, as chuvas eram abundantes, sobretudo em dezembro e janeiro; e dali assistia durante todo o tempo em que os sacerdotes ofereciam, a céu aberto, o sacrifício.

* * *

⁽¹⁾ O sacerdócio era herança exclusiva dos filhos de Aarão, irmão de Moisés. Os sacerdotes dividiam-se em 24 classes e cada classes ficava de serviço uma semana. Os levitas pertenciam à tribu de Leví. Eles cumpriam no Templo as funções secundárias. Eram serventes, músicos, cantores, tesoureiros, guardas, etc.

Foi no segundo Templo dos judeus que Maria foi educada. O primeiro, o incomparável Templo de Salomão, onde o ouro, a prata e as pedras preciosas brilhavam entre os tecidos preciosos, fôra destruido pelo rei da Babilônia; depois da volta do grande cativeiro, Zorobabel, chefe político da região, fizera construir este segundo Templo sobre as ruínas do primeiro (1), mas era pobre e pequeno em comparação com o outro. Herodes, imposto como rei pelos romanos, para conquistar o coração dos seus súditos, começou a engrandecer e embelezar o seu templo. As obras foram iniciadas no mesmo ano do nascimento de Maria.

Quando a SS.ma Virgem entrou no Templo as restaurações estavam em via de execução; viu, portanto, levantar os muros e quando a grande obra foi terminada, assistiu a festa da inauguração. No tempo deste acontecimento histórico e sensacional, que atraiu a Jerusalém gente de todas as regiões, Maria tinha dez anos. A história nos diz que esta festa foi grandiosa. Um imenso cortejo, no meio do qual figurava Herodes cercado pelos lictores da sua guarda estrangeira, atravessou a cidade. Maria devia ter tomado parte neste cortejo e o esplendor das cerimônias devia ter-se realizado sob seus olhos.

Certamente, neste dia, como em muitas outras circunstâncias análogas, a jovem passou despercebida. Nada distinguia-a exteriormente das suas companheiras e todavia como era diferente! Que se passava no fundo de sua alma? Os seus sentimentos, os seus pensamentos, a sua união de amor com a SS.ma Trindade como poderiam ser revelados?... Quem a conhece?... Seria preciso ser Deus para contemplar a alma sobrenaturalmente resplandecente da "toda Bela". E nós não somos mais que nós!...

⁽¹⁾ Os judeus foram deportados para as margens do Eufrates; 66 anos depois, Ciro, rei dos persas, que tinha conquistado Babilónia, permitiu aos hebreus retornar ao seu país e reconstruir a cidade e o Templo. Mas após alguns anos de liberdade feliz, eles cairam sob o domínio do rei da Síria, depois sob o dos romanos, a eles particularmente odioso. Os romanos impuseram-lhe como rei o indumeu Herodes.

realização da vontade particular de Deus sobre nós. Maria, cumprindo ponto por ponto todos os seus deveres de educanda, é mais perfeita aos olhos de Deus que os maiores penitentes do mundo. Não é o ato que agrada a Deus, mas o amor que requer este ato e ninguém porá tanto amor nos próprios atos como Maria, porque ninguém terá quanto ela, tanta vida sobrenatural na sua alma. No cumprimento destes pequenos deveres, Maria dava a Deus o que daria durante toda a sua vida: a alegria de ver na terra uma criatura entrar a fundo nos Seus designios. Se também houvesse sòmente uma ocasião de comprazer-se nisto, Deus ficaria contente de ter criado o mundo. Realizar completamente, em todas as suas partes, os desígnios de Deus é tão belo, tão grande!

Aos consagrados a Deus, Ele pede mais que aos outros, porque entre eles e Deus há um contrato especial. Se os reis da terra não podem suportar que os contratos feitos com eles sejam tratados caprichosamente, tanto menos pode admití-lo o Rei dos Reis, o Senhor dos Senhores. Quanto mais um ser se eleva, tanto mais vivo é o sentimento da sua dignidade. Por isto Deus sente as ofensas mais que os outros; é por isso também que, para um consagrado e por tudo o que lhe díz respeito, tudo é grave!

Tudo o que é consagrado a Deus é de Deus: um templo, um cálice, a casa do sacerdote, o coração de uma virgem, o voto de um particular. Não os toqueis! Não os profaneis! Deus não quer que os retomeis e não o permite!

Abrí a Bíblia no capitulo 13 do livro dos judeus e lêde a história de Sansão: tereis uma prova!

Sansão, nascido tarde devido às orações de sua mãe estéril, por reconhecimento foi consagrado a Deus e por toda sua vida.

Para ser *nazareno* não era necessário morar no Templo, nem em Jerusalém nem na Palestina; como os judeus estavam espalhados em todo o mundo, encontravam-se nazarenos em toda parte, mesclados com os que não o eram,

como entre nós encontram-se meninos que trazem as medalhas da SS.ma Virgem em meio dos outros que não as trazem

O nazaretismo não proibia o matrimônio, mas proibia, já o dissemos, saborear os produtos da vinha e de pôr tesoura ou navalha na própria cabeleira, isto é, de cortá-la ou encurtá-la. Como nazareno, Sansão devia respeitar esta dupla obrigação, mas não o fez.

Antes de contar a sua história, façamos uma rápida consulta aos livros do Velho Testamento.

Para conservar a crença num Deus único e a fé no Messias vindouro através de todas as gerações, Jeová (1) escolhera um povo muito pequeno, que nada podia fazer por si mesmo, mas em favor do qual o Onipotente multiplicava os seus prodígios: este povo era o povo hebreu.

Rodeado de nações idólatras, este povo esquecia muitas vezes a sua missão e imitando os seus vizinhos adorava os falsos deuses. Estas infidelidades irritavam o Senhor; para punir os ingratos e para retorná-los ao dever, Ele os abandonava a si mesmos e retirava a sua ajuda. Déběis demais para defenderem-se, os inimigos apoderavam-se das suas terras e os conduziam como escravos entre eles. Longe de Sion, os culpados reconheciam o seu erro, choravam e se humilhavam diante do Altíssimo, invocando perdão. Deus sempre misericordioso, não o negava; apenas invocado, suscitava um chefe militar que os livrava das mãos dos inimigos. Sansão foi um dos mais notáveis destes chefes, aos quais os judeus chamavam "Juizes".

Os hebreus estavam sob a dominação dos filisteus, quando o céu enviou-lhes este chefe militar. Eles eram numerosos e potentes, mas Deus que proporciona os seus dons conforme a missão que deve ser cumprida, tinha dado a Sansão, porque lhe era necessária, uma força milagrosa.

⁽¹⁾ Jeová, nome santo de Deus e para os judeus significa «Aquele que foi, Aquele que é e Aquele que será, o Deus eterno, sem princípio e sem fim»,

Quando mocinho, viu precipitar-se sobre ele, um leão furioso; agarrou-o com as duas mãos pelas mandíbulas e esquartejou-o como se fosse um cabrito.

Conseguiu, não se sabe como, prender trezentos lobos (1) vivos, amarrou às suas caudas tochas acesas e os lançou contra os campos de trigo maduro dos filisteus, destruindo deste modo toda a colheita. Furiosos, os inimigos reuniram-se para apoderarem-se dele; no caminho Sansão encontrou uma queixada de burro, agarrou-a e com ela massacrou os seus agressores e depois retirou-se para a cidade de Gaza. Esperando perdê-lo, "com um estratagema", os filisteus fecharam as portas da cidade e fizeram emboscadas para surpreendê-lo e assassiná-lo durante o dia. Sansão, no meio da noite, deixou o teto que o abrigava, arrancou as portas e as trancas que as sustinham e carregouas sobre os ombros e as levou sobre a montanha que estava diante de Ebron.

Mas eis que Sansão se enamorou de uma mulher filistéia, chamada Dalila. Por causa dela desprezou as filhas de Israel e — para sua desgraça — desposou esta mulher pagã. Os príncipes dos filisteus chegaram-se a ela e disseram: "Consiga saber donde provém a sua força e o que devemos fazer para nos apoderar dele".

A princípio Sansão resistiu às pérfidas insinuações, mas ele não era dono do seu coração. A medida que se dava a Dalila, subtraia-se de Deus e Deus afastava-se dele. Um dia este invencível atleta cedeu diante de uma mulher. Dalila lamentou-se de sua falta de confiança e de afeto; as lágrimas e as carícias triunfaram. "Eu sou — disse o indomável — nazareno de Deus; jamais a navalha passou sobre a minha cabeça; se me cortarem os cabelos a minha força abandonar-me-á e serei como os outros homens". Revelado o segredo, Sansão adormeceu sobre os joelhos de Dalila. Os seus cabelos cairam. Ele acordou; os filisteus

⁽¹⁾ Alguns traduzem raposas.

estavam defronte dele; quis defender-se, mas não pôde; os seus inimigos arrastaram-no, furaram-lhe os olhos, ligaram-no com dupla corrente e fizeram-no girar uma roda de moinho.

Jeová abandonara-o. Com Ele perdera a sua força irresistíve!

Ai do consagrado que põe Deus na necessidade de afastar-se de si!

* * *

Ó Maria que merecestes, com a vossa fidelidade, a graça de agradar ao Altíssimo e no céu, a soberania acima dos Anjos e dos Santos; fazei-nos compreender a que altura Deus levaria nossa alma se nos aproveitassemos de todas as graças que ele nos oferece. Fazei-nos sentir o erro que cometemos contra nós mesmos, preferindo ao dever, as mesquinhas satisfações. Fazei-nos ver que a nossa vida só tem e só terá valor pela nossa correspondência aos dons de Deus. Ensinai-nos a fugir de tudo o que pode diminuíla, de tudo o que pode manchar a santidade e a beleza. Ó Maria, Virgem fiel, ajudai-nos a realizar em nós mesmos a nossa vida como Deus a concebeu nos seus eternos desígnios.

A escola íntima

"Há quem reconheça a impotência da razão em penetrar tudo e a onipotência da luz da fé que desce em nós pelo Pai do Verbo e pelo Espírito Santo".

(R. P. Vallée)

No colégio do Templo, o estudo tinha lugar entre o trabalho manual e as cerimônias do culto. O programa do estudo não era complicado: as crianças de Isreal aprendiam a conhecer a religião e isto era tudo! Para os meninos toleravam-se algumas noções de grego; para as meninas jamais; as línguas eram ocupações dos escravos.

Entre os judeus, as mulheres não tinham o direito de ensinar; só os Doutores eram os intérpretes da Lei. O título de "Doutor" não era privilégio exclusivo dos sacerdotes; todos os bons israelitas podiam dedicar-se ao estudo dos livros que continham a Lei; formou-se assim uma classe de literatos que se chamavam "rabí" ou mestres. A sua profissão consistia em explicar as Escrituras e em fazer compreender a doutrina nos seus comentários.

Quando o rabí tinha um conhecimento tão perfeito dos Livros Sagrados que podia explicá-los a todos, era um sábio aos olhos do povo.

O historiador Flávio José disse que sòmente um ou

dois conseguiram este conhecimento perfeito da Escritura (1). Isto não deve surpreender: a Sagrada Escritura é todo o velho Testamento, compreendendo toda a antiguidade, como a história da Igreja compreende todas as questões modernas, não podendo nenhuma ser indiferente a Deus.

O grupo dos Doutores compreendia muitas seitas: a dos Fariseus era a mais estimada pela piedade e pelo saber. E' por isso provável que no colégio do Templo, o estudo fosse a eles confiado e que Maria fosse uma aluna sua; deles aprendeu a lei e a maneira de observá-la.

Não era pouca coisa: a religião de Moisés entrava em todos os atos da vida; tinha o seu posto nas menores particularidades e os Fariseus, depois da volta do cativeiro, acrescentaram uma imensidade de minúcias que a tornavam o fardo esmagador, contra o qual se levantou mais tarde o Filho de Maria.

Durante a espera, a santa Menina que devia ser sua mãe, ouviu os rabís com piedade e respeito: era o seu dever e ela era toda atenção. Mas além das palavras humanas que feriam os seus ouvidos, internamente o Espírito completava a lição. O Mestre invisível vai mais depressa, mais longe e mais profundo que os Doutores; Ele ilumina todos os pontos obscuros.

O Espírito Santo, eis o Mestre o verdadeiro Mestre da dulcíssima Virgem, não sòmente durante a sua infância, mas durante a sua vida toda. Eis o Mestre que não cessaria de iluminar e de instruir, o Mestre que ela não cessaria mais de ouvir e de entender.

Este Mestre que na necessidade substitui todos os outros, é também o nosso Mestre; mas nós, não o entendemos sempre, porque nem sempre O ouvimos: muitas outras vozes falam em redor de nós ao mesmo tempo que Ele fala. Em torno de nós está o mundo, o amor próprio, o egoismo, o orgulho, a inveja, a inimizade e todas as outras paixões. As vozes de fora conseguem substituir a sua e entrar na

⁽¹⁾ Flávio José - Antiguidades judaicas - XX, 19.

alma; mas se as vozes fazem ruido no interior, este ambiente não é propício à percepção da voz dulcíssima do Espírito de Deus, que fala sempre no silêncio.

Todavia não se deve crer que o Espírito Santo fale às almas sòmente na solidão e na igreja. Ela fala onde o dever nos leva: em casa, na estrada, na oficina, no trabalho, em toda a parte. Trata-se simplesmente de saber ouví-lO, quer dizer, de querer ouví-lO. A maior parte não pensa nisso; outros não querem pensar.

As lições deste Mestre invisível são austeras; o sacrificio alí tem um lugar e um lugar de destaque e os quetêm medo de sacrificio em vez de ouví-lo, afugentamno. Mas fazendo isto nada ganham; antes, perdem muitíssimo. Eles fecham-lhe a porta, mas os sofrimentos visitam-no do mesmo modo e as consolações não aparecem.

Virão as consolações se se tiver o espírito de sacrificio, que não é mais que a aceitação *por amor*, dos inevitáveis sofrimentos. Impossível supôr — a menos que se tenha feito experiência — quanto o espírito de sacrificio põe paz e alegria na vida e como suprime os sofrimentos.

O espírito de sacrifício significa os sofrimentos aceitos em expiação dos próprios pecados e dos pecados dos outros; o sofrimento santificado, transfigurado pela união aos sofrimentos do Divino Salvador dos homens, o sofrimento livre de todos os pesos da revolta é — não importa qual seja a dor — o mais doce calmante, o mais ativo dos reconstituintes. Em um minuto o espírito de sacrifício refaz a coragem põe diante dos olhos um heroi e um santo.

O Mestre invisível ensinava estas coisas a Maria e se nós soubermos ouví-lo, ensiná-las-á também a nós. Enquanto alguém não tiver compreendido as lições íntimas de Deus, nada saberá sobre a virtude, mas sòmente o queela custa; desconhecerá tudo o que dá.

E ignora também a sua ignorância; ninguém fala com tanta desenvoltura das coisas religiosas como aquele quedesconhece até as primeiras palavras. Na fúria da sua ignorância, ele não vê em Deus senão um ser aborrecido, enfadonho e insatisfeito.

Deus é perfeitamente o oposto: é o mais amável dos seres, o amigo mais apaixonado; é o mestre mais fácil de contentar: basta um verdadeiro suspiro de amor e os erros mais graves são perdoados. Pode-se dizer outro tanto dos amigos sobre a terra? Os santos são sempre felizes em quaisquer circunstâncias; e os ímpios?

Para ser sempre feliz é preciso conhecer Deus, servílo e amá-lo. Para chegar a isto, os mestres humanos devem ajudar-nos e nos ajudarão verdadeiramente, se formos humildes, doutos e piedosos. Mas quando eles tiverem ensinado a nós tudo o que sabem sobre Deus, restanos aprender tudo o que Deus é em Si mesmo, tudo o que Deus é para nós e tudo o que Deus quer fazer de nós. Só Deus pode revelar a si mesmo e os seus segredos.

E é para revelar-nos estes segredos que o Espírito Santo tem escola. Oh, se as almas que dormem pudessem acordar! Se quisessem ouví-lO! A todos o Espírito Santo tem qualquer coisa para dizer; não teremos o desejo de ouví-lO?

Os santos ouviram-no: todos os que estudaram a história "daqueles que se distinguem sobretudo por uma grande pureza, sabem com que familiaridade Deus lhes revelou, em misteriosas comunicações, os seus mais íntimos e imperiosos segredos". (1) Felizes os puros que na expectativa de ver a Deus, o entendem! Deus revelava a Maria mais segredos que aos outros porque ela era imaculada e jamais estava distraída enquanto Ele lhos revelava.

No século XV, quando o Papa Julio II encarregou Rafael das decorações das quatro salas de Belvedere no Vaticano, o artista concebeu na sua mente duas grandiosas composições que ele transportou para os muros da primeira sala e que depois todo o mundo admirou.

⁽¹⁾ Terrien, II, pag. 53.

São dois afrêscos: a escola de Atenas e a defesa do SS.mo Sacramento, que correspondem ao nosso assunto a condição de serem chamados o primeiro a escola profana, e a escola da fé, o segundo.

O primeiro grupo mural reune sob o peristilo misterioso de um templo, os mestres da ciência e da filosofia mais célebres da antiguidade. Em baixo, na base de uma grande escada, à direita, distingue-se uma personagem que se destaca entre as outras. Ajudada por uma régua e um compasso, ela resolve um problema aos olhos dos seus discípulos atentos: é a classe dos matemáticos práticos. À esquerda, no centro do segundo grupo, Pitágoras imerso no mundo dos números, ensina aos discípulos a matemática especulativa; mais no alto, no segundo degrau da monumental escada, Diógenes, o Cínico, mais deitado que sentado, ostenta com a falta de séquito, o desprezo que professa pela fisica, pelas abtrações das quais se ocupam mais em baixo, e pela mesma humanidade.

Enfim, no degrau mais alto, em cima da escada, o gênio de Rafael pôs o áspice da sapiência humana: os escritores e os filósofos. Mais de trinta personagens entre os quais Sócrates, reunem-se à entrada do templo e no meio, diante da porta fechada os dois maiores espíritos do mundo pagão: Platão e Aristóteles.

A filosofia, a mais elevada e a mais nobre das ciências humanas, vê assim sob ela todas as outras ciências. Sòmente ela subiu até a entrada do santuário, mas não pôde entrar. Com a ajuda da razão conseguiu ela provar a existência de Deus, os seus atributos, a sua ação natural sobre o mundo pela criação, conservação e direção. Em resumo, a filosofia conduziu o homem até Deus, mas não pôde introduzí-lo na vida Íntima de Deus. A escola profana vai a-até a porta deste divino santuário, mas não vai mais além.

* * *

Diante desta cena importante, no segundo afrêsco, o artista reuniu os Padres da Igreja, os Doutores e os Papas

que tiveram parte especial nas controversias Eucarísticas. Não é mais sob o peristilo que ele coloca as suas personagens, mas dentro do mesmo templo, à direita e à esquerda do altar, sobre o qual um ostensório apresenta à sua adoração, o Deus de amor e de bondade. À direita, as tiaras permitem reconhecer, sobre o segundo degrau do altar o Papa Mártir, Sto. Anacleto e sobre o primeiro, o Papa Inocêncio III. Diante deles, em hábito episcopal, Sto. Ambrósio e Sto. Agostinho. Atrás, revestido pela púrpura cardinalícia, São Boaventura. Ao fundo, Dante coroado de louro. À esquerda, S. Gregório Magno com os olhos levantados para o céu. S. Jerônimo imerso na leitura da S. Escritura, S. Tomás de Aquino sob o seu manto de monge e outros. No alto, na glória. a igreja triunfante: os patriarcas, os apóstolos. Maria e o próprio Deus, que preside esta reunião de teólogos inspirados pela mesma SSma. Trindade.

Neste afrêsco, Rafael exalta o triunfo da Igreja, que recebeu e que recebe o ensinamento daquele que sabe o que o homem por si não pode saber. Aos conhecimentos tão nobres, tão elevados, tão profundos da filosofia, a teologia acrescenta toda a revelação.

Forte, rica deste depósito sagrado, a Igreja ensina ao homem não sòmente a ação natural de Deus sobre a sociedade e sobre o indivíduo, mas ela lhe revela mais a sua ação sobrenatural, fruto do amor do Criador pela criatura. A filosofia impele as suas investigações até o limite do espírito humano; a teologia liberta-o deste limite e como Deus mesmo lhe abriu as portas, ela penetra na intimidade da vida divina e aí introduz os seus discípulos. Elevada a esta altura, onde a levou o sumo Mestre do mundo, a escola da fé vê abaixo de si, todas as outras escolas, também a própria escola de Atenas.

Ao lado destes dois afrêscos, destas duas escolas, resta pintar uma terceira: é a escola misteriosa mantida pelo Espírito Santo na intimidade das almas. O artista não tentou pintar este terçeiro afrêsco; ele ultrapassou o seu gênio. São inúteis aqui, os pinceis e as cores: não se pode representar o Espírito de Deus ensinando ao espírito humano. Para revelar-se à alma, Deus não tem necessidade de voz, de forma, de rosto. Improvisadamente, tudo de uma vez, a alma vê tudo o que não via, compreende o que não compreendia, sabe o que não sabia. Como o viu, como o compreendeu, não pode ela mesma dizer: mas aquilo que ela sabe, que vê, que compreende, corresponde a todas as suas aspirações. Nenhum sistema, nenhuma hipótese, nenhuma controversia: ela sente que desta vez é a verdade. É a paz, é o bem, é o simples, é o divino, em perfeito acôrdo com o ensinamento da Igreja.

Quantas lutas é preciso sustentar, quantos sofrimentos aceitar, quantas horas de solidão e de silêncio é preciso suportar antes que estas lições sejam claramente percebidas? Não contamos. Mas sabemos que para merecer entender a voz misteriosa que arrebata as almas e as transforma, basta, minuto por minuto, sem contestações, temor, dilações e recriminações, corresponder à vontade de Deus compreendida no dever presente, no dever do momento.

Procurar outro é errar infalivelmente. Sabemos também que o ensinamento divino posto em prática torna o homem feliz e ao mesmo tempo virtuoso. Não tenhamos medo da santidade e do que ela custa; nada é demais!

* * *

Ó Maria, vós que escutastes com tanto respeito e atenção as lições do Espírito de Amor, que pela vossa docilidade em seguir os Seus ensinamentos, merecestes a confidência de tantos segredos divinos, ensinai-nos a ouvir, a aceitar plenamente e praticar as lições da santa Igreja. Ensinai-nos a viver, como vós, dentro da nossa alma, a ouvir como vós, a ser doceis como vós, a amar como vós e assim, merecer, conhecer, como vós, as alegrias da virtude e o encanto de Deus. Amém!

A cheia de graça

"Deus pode fazer mais do que podemos explicar e compreender".

Durante a sua estada em Jerusalém, Maria perdeu os pais e quando chegou o tempo de deixar o colégio, encontrou-se orfã. Provàvelmente pelos cuidados do sacerdote Zacarias, a quem os progenitores a haviam recomendado, ela tornou-se antes de partir, noiva de José, o justo, o qual como ela era descendente do rei e profeta Daví. Em Nazaré, aonde ela voltou, viviam os seus primos ou primos segundos, Maria de Cleofa e os seus filhos, os quais Jesus chamou de "seus irmãos", conforme o costume do lugar, onde a palavra "primo" não estava em uso. (1)

Um dia, em Nazaré, a graciosa "cidade das flores", suspensa nos flancos de uma montanha, só em seu quarto, Maria rezava. Improvisamente, sem que um bater de asas anunciasse a vinda, Gabriel, o enviado de Deus apareceu em meio do silêncio.

"Eu te saúdo — disse — cheia de graça! O senhor é contigo, tu és bendita entre todas as mulheres!"

O Anjo não disse: eu te saúdo, Maria; mas disse: "Eu te saúdo, cheia de graça!" "Cheia de graça" é o seu nome, como a "Imaculada" a "Toda Bela".

Naquele momento, Maria estava ainda bem longe de alcançar a sua santidade definitiva; sob o olhar e sob a

⁽¹⁾ Maria de Cleofa, nascida de um primeiro matrimônio, seria uma irmã consanguínea da SS.ma Virgem no caso de ser sua irmã.

ação do Espírito Santo, cada momento assinalava nela um aumento de virtude, de graça e de mérito. Ora, Maria deveria ainda viver milhões e milhões de minutos, o que lhe permitiria multiplicar por milhões, o seu tesouro sobrenatural, porque sabemos que ela não perderá nenhum destes minutos.

Como falar então de plenitude?

Como? Em nossa opinião é uma cousa simplicíssima e lógica como a santidade, porque de todas as coisas que se podem pensar, a santidade é a coisa mais simples e ê tudo o que há de mais lógico: fazer a vontade de Deus... eis tudo.

Maria, com tantos e tão misteriosos privilégios, mostrou-se digna desde o seu primeiro instante. Correspondeu à graça sem diminuí-la e sem excedê-la, engano que a faria retardar, porque a graça não teria caminhado após si, mas teria esperado *que a muito apressada voltasse atrás*. A providência conduz, não se deixa conduzir.

Maria tinha muitas luzes e não podia errar; conhecia a sua graça, de maneira que quando o anjo lhe trouxe a mensagem celeste, a Virgem encontrava-se exatamente no ponto onde devia ser encontrada; Maria andará mais longe, mas hoje devia estar aqui; o seu grau de santidade correspondia ao grau marcado por Deus para aquele dia. Eis porque aos seus olhos, desde a aurora da vida, a Imaculada foi cheia de graça; eis porque até ao seu amoroso trânsito, Deus a viu cheia de graça: tudo e sempre, na vida da Virgem, correspondeu ao desenvolvimento do plano divino.

A Providência caminha diante de nós como caminhou diante de Maria. Caminha semeando sobre nosso caminho os seus dons e, ao mesmo tempo, os nossos deveres.

Se nos utilizarmos de uns para cumprir outros, caminharemos sem nos deter sobre as pegadas de Deus; se não caminharmos ao lado nem andarmos muito depressa, isto é, se permanecermos nos nossos deveres, nos nossos deveres de estado, dos quais nada, nem o maior bem aparente deve afastar-nos, sucederá que também nós estaremos sempre onde Deus nos quer. Certamente teremos ainda que adquirir muitas outras virtudes e corrigir muitos defeitos; os nossos próximos, os nossos familiares que nos vêm exteriormente, dir-nos-ão que somos muito imperfeitos e não se enganam; mas o bom Deus que vê o interior e o exterior, ficará talvez muito contente; pode ser que a nossa santidade do momento corresponda à que Deus nos marcou para aquele dia; pode ser que aos seus olhos sejamos cheios de graça; os Livros Santos não nos dizem que "Estevão cheio de graça e força operava grandes prodígios?" (1)

Sem dúvida a nossa plenitude não será a de Maria, não será a do primeiro martir S.to Estevão, nem a do nosso irmão e do vizinho: será *a nossa*. Toda alma tem a sua plenitude. "A plenitude da graça é proporcionada à capacidade do recebedor e a capacidade deste não é mais do que a função sobrenatural que deve cumprir". (2)

As missões são diversas e, portanto, também diversas são as graças.

Destinada por Deus à maternidade divina a mais sublime missão que se pode conceber sobre a terra, Maria, em vista da função que devia cumprir, recebeu tantas graças, tantas luzes sobrenaturais, que desde o primeiro instante ela viu o mal tal qual como era verdadeiramente, isto é, uma indecência, uma indecência tão repugnante que ela por instinto se afastava, como de um objeto de horror; como por instinto ela caminhava para Deus, que a fé lhe apresentava como suma beleza. Isto explica porque pôde, sem cessar de ser livre, atravessar um mundo corrupto sem manchar-se.

Infelizmente não sucede isso conosco! Os mais favore-

⁽¹⁾ Atos, 6, 8.

⁽²⁾ Terrien, op. cit. t III. pág. VII. c. 4.

cidos, os mais prudentes, os mais fiéis devem deplorar muitas vezes a infidelidade. Felizmente Deus acolhe o arrependimento e o sangue do Salvador repara: mas isto está bem longe da integridade da "Toda Bela" que nada tinha a reparar. E' por isto que ela é bendita entre todas as mulheres. "Os seus fundamentos estão pousados sobre os cimos dos montes" (1): a sua santidade comeca acima das alturas sobre as quais se eleva, no fim da vida, a santidade dos maiores santos. "Haverá, disse o profeta uma montanha preparada pelo Senhor sobre o pico de outra montanha (2). O que é o fim para os outros, é o princípio para ela. Ela não começa onde os outros terminam: começa acima. Recebeu desde a sua origem o que nenhuma mulher receberá. Maria possui a plenitude da excelência: ela está acima, sempre estará acima de tudo o que não é Deus

Maria é também a plenitude da superabundância.

E' de fé que nenhum ser humano se perde por causa de Deus. Deus dá a todos, com a vida, uma graca suficiente para salvar-se. Desta graça, alguns aproveitam, outros não. Os eleitos são os que mais aproveitam, mas todos os eleitos não a aproveitaram na sua medida certa. Existem aqueles que se apresentam ao tribunal de Deus tendo apenas o suficiente para pagar a permanência entre os bemaventurados no mais modesto dos postos; e isto já é uma graça inapreciável; outros chegam diante do juiz retíssimo com uma opulência tal que merecem ocupar logo os postos gloriosos, ver Deus mais perto, penetrar na profundidade dos mistérios, ser admitidos na intimidade mais cordial, numa palavra, ter um céu mais belo e uma alegria maior. Com esta riqueza valeram-se e valem-se eles para salvar outras almas, que se perderiam sem este apoio.

Inútil acrescentar que esta superabundância, este

⁽¹⁾ Salmo. 86, 1.

⁽²⁾ Isaias, 2, 2,

transbordamento de méritos se encontra de modo particular em Maria e que se espalha um pouco sobre todos. Inútil dizer que a superabundância de Maria provém da superabundância de Jesus. Maria deve tudo a Jesus como nós devemos tudo a Ele. Sempre sob a sua influência divina, Maria cuja vida foi toda uma efusão de amor, recepeu a jorros, incessantemente, a superabundância dos inscritos do Redentor, méritos mais que suficientes para o resgate do gênero humano.

A superabundância de Jesus pode também reverter sobre nós; a única condição que se pede é a de estarmos constantemente sob a enxurrada da torrente das graças divinas; isto significa: permanecer sempre no dever, mostrar-nos dóceis a todas as inspirações do Espírito Santo, sujeitar-nos amorosamente a todas as vontades divinas.

Também nós, por nossa vez, podemos ter superabundância. Também eu posso ter esta superabundância que se derrama como a de Maria e que se confundirá, sem se perder, na de Jesus. Tudo virá dele, mas a minha parte provirá também toda de mim, porque Ele ma deu.

E com a superabundância de Jesus, com a de Maria, com a de todos os santos e com a minha mesma, poderemos salvar as almas, muitas almas, todas as almas que querem ser salvas.

A medida das graças sucessívas, pelas almas fiéis é, segundo o Evangelho, a medida da que já se possui: "A quem tem será dado e terá em abundância: mas àquele que não tem, será tirado também o que parece ter". (1). O talento do servo preguiçoso foi tirado porque ele nada fizera e foi dado ao servo fiel que o juntou ao seu capital porque ele fez frutificar os dons recebidos.

Com o nosso respeito à graça, permitimos a Jesus que satisfaça a sua generosidade, inundando-nos com a sua superabundância que se tornará nossa.

* * *

⁽¹⁾ Mat. 25, 29.



S. João Crisóstomo, patriarca de Constantínopla e doutor da Igreja amava apaixonadamente a Jesus Cristo e não podia suportar que atentassem contra os seus dons divinos. Atacava os vícios com grande coragem e mais deuma vez não duvidou em flagelar sem piedade os desregramentos da corte.

Um dia, na presença dos cortezões, o Imperador Arcádio, cheio de ódio disse:

- Como poderei vingar-me deste bispo?
- Exilai-o e para muito longe, para que ninguém o veja mais disse um.
 - Confiscai todos os seus bens disse outro.
- Carregai-o de correntes e atirai-o numa escura prisão — acrescentou um terceiro.
- -- Não sois o dono do império? Fazei-o desaparecer; matai-o -- disse um quarto.

Mas um outro que conhecia melhor a elevação da virtude do santo bispo, respondeu sacudindo a cabeça:

— Enganai-vos; não o vencereis com nenhum destesmeios.

Que adiantaria mandá-lo ao exílio? A terra toda é a sua pátria.

Os seus bens? Se os confiscásseis, tirá-lo-eis dos pobres não dele...

Se o atirardes num cárcere, ele beijará as suas correntes e se julgará feliz por trazê-las pelo seu Deus...

Se o condenardes à morte, abrireis o céu para ele... Imperador, crêde-me — disse voltando-se diretamente para o soberano — se quiserdes vingar-vos do patriarca, fazei-o cometer um pecado; conheço este homem: eleteme neste mundo só o pecado.

O conselho era certo, mas de difícil execução; fazer cometer um pecado a este homem de Deus ultrapassava o poder do imperador Arcádio.

Foi portanto necessário adaptar-se a um dos conse-

Ihos precedentes. Condenado a viver em exílio, no remoto Cáucaso, S. João Crisóstomo morreu durante o trajeto.

* * *

O' Maria, cheia de graça, inspirai-nos o vosso horror pelo mal e o vosso amór ao bem; ajudai-nos a utilizar todos os dons naturais e sobrenaturais que Deus preparou para nós no seu amor e obtende que sejamos não sòmente salvos, mas salvadores,

Magnificat!

"Vinde, ouví: narrarei tudo o que Deus fez por mim".

(Ps. 65, 16)

Depois de ter dirigido o maior louvor que uma criatura humana pode receber, Gabriel expôs a sua mensagem.

E Maria perturbou-se: queria permanecer virgem, portanto, não podia ser mãe.

Logo o anjo tranquilizou-a e deu-lhe as explicações pedidas: se Deus a escolhera para tornar-se o tabernáculo vivo do Verbo, fôra justamente porque era virgem, e permanecendo virgem, tornar-se-ia mãe, se consentisse.

Sem compreender todo o mistério da mensagem celeste, Maria compreendeu entretanto que Deus tinha sobre si desígnios inconcebíveis, insuspeitáveis; crendo que para Deus nada é impossível, tranquilizou-se, pronunciou o seu "Fiat" e abandonou-se Aquele que tudo pode.

Felizes os puros!... só eles penetram os mistérios de Deus! Porque era pura, Maria compreendeu, creu e aceitou a honra oferecida: "A Santidade do Padre deu ao Filho, igual a Ele, a geração eterna; a virgindade de Maria dará a este mesmo Filho a geração temporal... e o Verbo se faz carne. O maior acontecimento da história do mundo se cumpre".

Mas o anjo anuncia também a Maria que a prima

Isabel poderia ter necessidade dos seus servicos. Imediatamente, não ouvindo senão a caridade, ela se levantoudeixou tudo e "dirigiu-se a uma cidade das montanhas de Judá" (1) onde morava a prima. Esta cidade, que dizem ser Hebron, encontrava-se cerca de cinco dias de Jerusalém e aí se estabeleceram quatro das antigas classes dos sacerdotes, após a volta do cativeiro de Babilônia. Zacarias, esposo de Isabel, ia à Cidade Santa só quando lhe tocava servir no Templo; permanecia aí cinco semanas durante o ano, porque Zacarias era sacerdote (2).

Doce surpresa! Isabel não esperava a jovem parente embora tivesse secretamente este desejo. Ignorava o que se passava em Nazaré, mas se preparava para contar o que sucedera a ela, em íntima confidência. Antes que Maria falasse. Deus por uma efusão de luz divina, revelou à Isabel o segredo misterioso operado na Virgem. Sem nenhuma explicação, sem nenhuma dúvida, Isabel exclamou: "E porque me é dado que venha a mim a mãe do meu Senhor?" (3) Isabel é a primeira que por inspiração divina, dá a Maria o título de "Mãe de Deus".

Da soleira da porta, Jesus, sem mostrar-se e sem fazer-se ouvir, manifestou a sua presença, santificando João Batista, antes que os seus olhos se abrissem à luz; e o Santificado estremeceu de alegria tal que a mãe mesma deuse conta do milagre e da presença dAquele que viera operar a sua primeira santificação. Maria dera Jesus e pela primeira vez, cooperara na Redenção.

"Tu és bendita entre as mulheres — disse ainda Isabel — e bendito é o fruto do teu ventre... Bendita porque creste..." (4)

A esses transportes, Maria, penetrada pela grandeza das maravilhas nela operadas, respondeu com o sublime

⁽¹⁾ Luc. 1, 39.

⁽²⁾ Os sacerdotes hebreus dividiam-se em 24 classes e cumpriam o seu ministério por turno.

⁽³⁾ Luc. 1, 43. (4) Idem, 1, 42.

cântico que depois devia ressoar sempre nas nossas igrejas e nas nossas catedrais:

"Magnificat anima mea Dominum!"

"A minha alma glorifica o Senhor, porque Ele volveu os seus olhos à baixeza da sua serva e fez em mim grandes cousas". (1)

Humílima, mas ao mesmo tempo iluminada, Maria tinha plena conciência da sublimidade que lhe davam as suas prerrogativas. Santa, falou a uma santa e sem temor pôde expandir a sua alma; e Ela a expandiu com uma candura imaculada; estava acima de todas as outras mulheres; acreditava e sentia tanto que profetizou a sua glória futura: "Todas as gerações me chamarão bemaventurada". E depois de vinte séculos, a profecia se realiza e o universo inteiro saúda nela a Virgem anunciada no princípio do mundo, a Virgem que deu ao mundo o Salvador prometido.

Longe de esconder aquilo que são, os santos ousam como Maria, olhar de frente os dons que receberam e que recebem ainda. Muito frequentemente eles tiram desta constatação o conhecimento involuntário da sua santidade. Mais de um, vencido pela evidência, precisou reconhecer, bendizendo-os, os benefícios com os quais Deus os fez santos.

S. Francisco de Sales confessava a S.ta Joana de Chantal que a sua canonização não era impossível. S. Vicente Ferreri, predissera ao futuro Papa Calixto III que seria ele quem decretaria a sua canonização. Os santos não unem o orgulho à humildade, mas unem à sua própria humildade a conciência do que Deus fez por eles. (2) S. Paulo não era um orgulhoso quando fazia a sua apologia, enu-

⁽¹⁾ Luc. 1, 46-48-49.

⁽²⁾ H. Joli. Psicologia dos santos.

merando os seus trabalhos, as suas visões e os seus sofrimentos. (1) Não foi um orgulhoso quando constatou que recebeu mais que os outros apóstolos e quando escreveu aos fieis de Corinto: "A graça em mim não é estéril". (2)

A humildade não é a ignorância do próprio valor, não é a mentira que o nega; não é a afetação que a esconde como um dom nocivo.

A humildade é a verdade, e a verdade é simples.

- Quantos grandes pecadores convertestes neste ano?
 perguntou o conde de Garets ao Cura d'Ars.
- -- Setecentos! respondeu sem hesitar e com um sorriso cheio de altivez sobrenatural, o humilde padre que a Igreja deveria dar como modêlo a todos os sacerdotes.

Setecentos!... Tinha-os contado!... Ele compreendia o bem feito... e sem escrúpulos o revelava!... Seguindo o exemplo de S. Francisco de Sales, não se cria obrigado "a fazer-se muito vermelho" e a esconder ciumentamente aos olhos dos outros e a seus próprios o que Deus se dignara fazer por meio dele. Contràriamente ao que pretendiam os jansenistas, deixava que a sua virtude expandisse o perfume. E' bom saber o que alguém vale, o que pode, o que se fez e o que resta a fazer.

"As reflexões sobre si mesmo, sobre os próprios atos e sobre os dons recebidos, conforme foram praticadas pelos profetas e pelos apóstolos para render graças a Deus pelos benefícios e por outros fins semelhantes, são propostas como exemplo a todos os fieis, também aos mais perfeitos; e a doutrina que se afasta disso, é errônea e próxima à heresia".

"Existem também reflexões más e prejudiciais, mas são as que se fazem sobre as próprias ações e sobre os dons recebidos para alimentar o amor próprio, para procurar

⁽¹⁾ II Cor. c. 10, 11-12. (2) II Cor. c. 15, 5-10.

o aplauso humano, ou para preocupar-se demais consigomesmo". (1)

"Mas estas reflexões não são as que Maria fez, não é a si mesma que ela admirou, mas o que o Senhor fez nela; e tudo isto é tão belo, tão grande, tão pleno de amor que a sua alma não se conteve e se expandiu. O seu *Magnificat* é um êxtase, "o mais sublime dos êxtases, mas é um êxtase espiritual que não paraliza os sentidos (2).

Os santos não se glorificam; a sua humildade consiste em proporcionar os seus deveres à sua riqueza. Vêm que nada são em si mesmos e o que Deus fez, por amor, nesta nulidade e por este nada, porque é um nada. Eles se estimam, é certo, e — têm razão! — mas não se orgulham. Sabem de onde vem o seu valor; sabem o que devem fazer: utilizá-lo para o proveito de Deus e das almas e depois aumentá-lo, porque a graça não deve ser estéril.

Maria não esqueceu as suas glórias; também não esqueçamos as nossas. Também a nós Deus proporcionou dons, talvez grandes dons. A nossa vida tão pobre, tão curta, tão insignificante aos olhos dos homens, é, gracas a Deus, um entrelaçamento de benefícios e de promessas de glória. Não sejamos ingratos esquecendo-os e não cometamos a mesquinhez de fechar os olhos. Cantemos também nós o nosso Magnificat. Cantemo-lo intimamente, se estivermos sós. Cantemo-lo em dueto, se uma voz se unir à nossa. Cantemo-lo em côro, se esta felicidade for possível. Cantemo-lo na alegria, no sofrimento, no sucesso, na humilhação; cantemo-lo na abundância, nas desilusões e... também nas lágrimas. Tudo é graça, não esqueçamos. Sobretudo não creiamos que só o "Miserere" seja ortodoxo sobreos lábios dos que ainda não são santos. Estejamos seguros de que, sem pedirmos, o Senhor terá piedade de nós e nos amará mais, quando procurarmos dizer e tornar a dizer: "A minha alma te glorifica", porque fizeste em mim, por mim

 $[\]left(1\right)$ Trecho da conferência d'Issy escrito pessoalmente por Bossuet.

⁽²⁾ Terrien, op. cit. T. II pág. 43.

e talvez por meio de mim, grandes cousas. Em troca, quero fazer por ti, com todo o meu coração, muitas cousas pequenas, agradáveis ao teu amor".

Sem dúvida, não é orgulhosa a alma que, reconhecendo os benefícios de Deus, sente a necessidade de cantar o seu *Magnificat*. Quanto mais se recebe tanto mais se vê o que resta a fazer, quando se fazem as contas com Deus. O *Magnificat* é para quem o compreende — o mais perfeito dos atos de humildade.

* * *

O grande francês, marechal Foch, cantou o seu *Magnificat* quando escreveu:

"A 8 de novembro (1918) Weigand entra no meu vagão-leito e avisa-me que os plenipotenciários alemães estavam para vir. Estávamos parados perto de Rotonda, num dos bosques mais espessos da floresta de Compiègne. Eram mais de 8 horas, mas o sol não brilhava ainda no horizonte: parecia uma nebulosa. Se bem que o meu trem não estivesse distante do trem alemão mais que uns sessenta metros, foi preciso fazer entre os dois veículos uma espécie de estrada. Vi avançar nesta estrada quatro homens, olhei-os e disse a mim mesmo: "E' isto o império alemão?" Foi vencido e vem pedir paz... Quando os tive diante de mim, sentí-me orgulhoso... vô-lo confesso... A 11 de novembro consentiram em fazer tudo o que queriamos: o exército não podia mais combater. Não importava a espécie de armistício que devia ser aceito".

E recorda: "A 11 de novembro, à noite, o mundo inteiro vibrava de alegria". O marechal gozava da sua vitória, mas não se orgulhava. Alguém pronunciara a palavra: "gênio" e ele salienta: "Oh! o gênio!" fiz simplesmente o meu dever e fui instrumento da Providência".

"Minhas irmãs — dizia ele às religiosas, visitando um

dos hospitais de Nancy — ensinai estas crianças a bem rezar, porque nós outros causamos sòmente ruinas. E' Aquele que está no alto que decide tudo".

Em outro dia: "Sempre contei com o Deus dos exércitos; sempre esperei dEle a vitória. Os alemães tinham insultado demais gravemente a Virgem de Lourdes: ela devia vingar-se por nós". (1) Mas a inspiração necessária para assegurar esta desforra, procurava-a em Deus, de Deus a esperava e quando veio, soube render homenagem Àquele que correspondera à sua fé e confiança; isto entretanto não o impediu de reconhecer o mérito dos seus hábeis colaboradores e dos seus corajosos soldados. Deus nada faz completamente só: o exército combate, Ele dá a vitória e o marechal diz:

"Não se deve confundir o milagroso com o providencial: seria diminuir o feito imenso do nosso soldado... mas quando, em um momento histórico, uma visão clara é dada a um homem e em seguida se vê que esta clara visão determinou os movimentos de consequências enormes em uma guerra formidável, eu considero que esta visão clara vem de uma força providencial da qual somos instrumentos; e esta decisão vitoriosa é guiada do alto por uma vontade superior e divina" — "Penso ter tido esta visão clara em Marne, em Yser e quando se decidia a maior batalha da história".

Em Londres, na catedral de Westminster, "perante todo império britânico, o marechal Foch restituiu a Deus a glória que dEle recebera" — "Ele tinha a fortaleza de considerar-se débil diante da eternidade e de atribuir à generosidade divina os méritos que lhe davam glória".

E' a isto que eu chamo cantar o próprio Magnificat:

⁽¹⁾ Em julho de 1914 lia-se num jornal alemão: «A Senhora de Lourdes terá que fazer muito para concertar os ossos que quebraremos aos franceses».

reconhecer os dons de Deus, mas restituir-lhe a glória. "Dizia ainda: "Fiz o que podia de melhor, mas não fui mais que um maestro de orquestra. Admito simplesmente que marquei bem o tempo".

Marcar bem o tempo não é um pequeno mérito num semelhante concêrto! Mas se Foch obteve esse mérito e se soube até o fim marcar o tempo, é porque tinha o coração no alto, os olhos no céu e porque a sua mão e a sua batuta de diretor seguiram o ritmo do Diretor supremo, que harmoniza as notas e conhece os movimentos que lhes convém.

* * *

O' Maria, Virgem pura e fecunda, que depois de serdes profetizada, profetizastes a vossa glória; após ter-me alegrado com as vossas grandezas, peço-vos ajudar-me a conhecer as minhas e tornar-me digno. Ensinai-me a apreciar os dons de Deus e a glorificá-lo nesses dons, como o glorificastes nos vossos. O' humílima, ó conciente Virgem, fazei-me semelhante a vós!

O lírio e sua flor

BELÉM

"Uma Virgem conceberá e dará à luz um filho. Ele será chamado Emanuel ou Deus conosco". (Is. 7, 14).

A duas léguas de Jerusalém, numa estrebaria abandonada, cumpriu-se o acontecimento mais importante da história do mundo. (1) O Salvador prometido e esperado, nasceu. Ele está reclinado em uma mangedoura; a seus pés, só Maria e José adoram-no em um transporte de amor.

Para testemunho dos crentes e mesmo dos incrédulos de boa fé, este menino chamado para tornar-se o maior nomem da humanidade, nasceu como devia nascer, isto é, como os profetas tinham anunciado muitos séculos antes.

Segundo os livros santos, o Messias devia vir quando não houvesse mais a Arca da Aliança. (2) Ora, na época em que os judeus vencidos foram conduzidos como escravos a Babilônia, os caldeus antes de se retirarem, incendiaram a cidade de Jerusalém e o Templo de Salomão, que a coroava esplendidamente; mas a Arca da Aliança que se

⁽¹⁾ O nascimento de Jesus muda a cronologia da história. O ano 1 da éra cristã começa com este nascimento.

⁽²⁾ Zacarias começou a profetizar sob Dario, 523-485 antes de Cristo (Zac. 3, 16). (Não confundir o profeta Zacarias com o esposo de Isabel).

achava no Santo dos Santos ou santuário santíssimo, foi salva das chamas pelo profeta Jeremias; ele escondeu-a tão bem que não foi mais encontrada. Depois do retorno do cativeiro, um novo Templo foi construído, mas o Santo dos Santos ficara vazio.

O Messias devia vir quando setenta semanas de anos ou quatrocentos e quarenta e nove anos fossem passados depois da proclamação do édito que punha fim à escravidão dos judeus e da promessa de reedificar Jerusalém e o Templo. Ora, estava-se no tempo das setenta semanas. (1)

O Messias devia vir quando o cétro tivesse saído da casa de Judá. (2) Ora, com o apoio romano, um estrangeiro o idumeu Herodes, apoderara-se de Jerusalém e estendera a sua autoridade sobre cinco regiões da Palestina (3).

O Messias devia ser da estirpe de Daví, descendente de Judá. Maria descendia de Aarão por parte da mãe e descendia de Daví por parte de seu pai Eli ou Joaquim (dáse-lhe indiferentemente um ou outro destes nomes); e José, chefe legal da família, descendia também de Daví (4)

O Messias devia ter um precursor, que à semelhança de Elias, pregasse a penitência. (5) João vivia no deserto da Judéa; logo começaria a batizar nas águas do Jordão e pregaria em toda a região dizendo: "Fazei penitência porque o reino dos céus está próximo!" (6)

O Messias devia nascer em Belém. O profeta Migué-

^{(1) —} Daniel — 7, 13.
(2) — Génesis — 49, 10.
(3) — Até a morte de Herodes chamado «o grande», a Palestina compreendia cinco regiões: a oeste do Jordão, a Judea, a Samaria e a Galiléia, constituiam o reino de Israel propriamente dito e tinha por capital Jerusalém; a este do Jordão estava a Peréa e a Decápolis. Algumas cidades da Palestina, porém, onde predominava o elemento pagão, eram cidades livres, por exemplo: Tolemaida, Gaza, Ascalon, Cesaréa.

⁽⁴⁾ Ver em S. Lucas, 3, 23-28 e em S. Mateus I, 1-16 as genealogias: uma ascendente e outra descendente.

⁽⁵⁾ Malaquias 4, 7.

⁽⁶⁾ O batismo de João não era um sacramento, mas um convite à penitência.

ias, contemplando das colinas esta vila sombreada de oliveiras, exclamara: "E tu Belém Éfrata, tu és pequena entre as mil de Judá, mas de ti sairá Aquele que deve ser o Dominador em Israel: a geração dEle existe desde o princípio, desde os dias da eternidade."(1) Ora, segundo todas as verossimilhanças, esta profecia não devia realizar-se porque Maria. depois da visita à Santa Isabel, voltara a Nazaré onde parecia que Jesus deveria nascer e onde todavia não nasceu. Para realizar as Escrituras, a Providência moverá o mundo e segundo o seu costume, chega a seu fim por meios humanos. A história, de fato, faz-nos saber que César, depois de ter completado as suas conquistas, quis inventariar as riquezas de Roma e para esse fim enviou geómetras a todo Império. Em vinte e nove anos toda a terra fora medida. Este trabalho fora terminado quando César caiu sob o punhal dos seus assassinos. Restava conhecer o número da população e Augusto ordenou que se fizesse este trabalho. Sob Herodes o Grande, a Palestina não faz'a parte ainda do Império Romano e conservou a sua independência até a morte deste monarca, mas era uma província aliada e para Roma uma província aliada era, antecipadamente, uma província conquistada. O édito se estendeu portanto até a ela: Herodes não se melindrou, mas os judeus submeteram-se com pesar a esta exigência.

Para evitar a suscetibilidade dos hebreus, Augusto conformou-se a seus costumes: a Palestina não era pátria deles e sim sua tribu; eis porque o édito que lhes dizia respeito, ordenava aos judeus que se inscrevessem, não na cidade em que habitavam, mas no seu país de origem.

O rei Daví era de Belém; José portanto devia dirigirse a esta cidadezinha e Maria acompanhou-o. Aparentemente eles obedeceram a uma ordem de Augusto, porém, na realidade seguiam a Providência e Augusto, que pensa-

⁽¹⁾ Miquéias, 5, 2.

va trabalhar para a sua glória, movimentava a Palestina no momento próprio em que Jesus devia nascer em Belém.

O Messias devia, segundo os profetas, ser pobre, humilde, sofredor...

José e Maria chegaram muito tarde em Belém: não havia mais lugar nos albergues! Se eles tivessem tomado o caminho direto através da Samaria, sem dúvida teriam feito uma visita à cidade; mas os samaritanos juntavam o culto dos ídolos ao do verdadeiro Deus; mau grado a Lei que proibia oferecer sacrifícios fóra de Jerusalém, eles tinham construído um Templo sobre o monte Garizin; um bom israelita evitava passar diante deste Templo e foi por isso que Maria e José, tendo atravessado o Jordão alongaram o caminho: nenhum lugar, portanto, na sua chegada! Certamente José afligiu-se... Maria... não sei; o que sei é que as coisas deviam decorrer assim.

Adoremos, humildemente prostrados, o Rei do céu que por nosso amor, quis baixar à terra sob as aparências de uma simples criança! Com os olhos da fé, reflitamos bem e esforcemo-nos para compreender... Quando tivermos contemplado longamente, parecer-nos-á tão maravilhoso, tão belo, que deixaremos de nos afligir pensando sòmente em adorar.

Que d'remos do filho de Maria? Também sob o ponto de vista humano, este pequeno ser, sobre a palha é maior que Augusto sob a púrpura.

Augusto não é senão o herdeiro de César e César passou. Este Menino descende de uma estirpe de rei e conta séculos de nobreza. Mas, o que Augusto ignora e o mundo logo saberá, é que este Menino, filho de Maria, é, ao mesmo tempo o filho do Eterno. A família da mãe remonta nos séculos, mas o seu Pai não tem princípio. Ele é o princípio sem princípio e o fim sem fim da sua estirpe divina. Ora, este Menino que o infinito separa da sua Mãe, é igual

ao seu Pai, igual em tudo. Como Ele, é o princípio e o fim, é Alfa e Omega. (1)

Mistério? Sim. Mistério impenetrável, mas também verdade. Verdade que para nós é um mistério, porque a razão humana não chega a estas alturas. O sábio pode, com o auxílio de um telescópio potente, levár a sua vista até a profundidade do céu e conhecer alguns dos mistérios de alguns astros que se movem no espaço, mas não existe telescópio que leve a vista até as profundezas do infinito. Os mistérios de Deus serão mistérios para o homem até o dia em que Deus se dignar revelá-los. E quis Deus revelarnos o mistério de Jesus Cristo, homem e Deus ao mesmo tempo.

Além disso, é para nós grande consolação saber que, por uma graça de adoção, este Menino tornou-se nosso irmão e que já nesta terra participamos da sua divindade, se o quisermos. Para quem compreende e para quem tem a felicidade de crer, as falsas grandezas da terra tornam-se o que são: um nada que só tem valor pelo bom uso que delas se faz. Mas, este pequeno ente que dorme sobre a palha, é tão grande que o universo inteiro se prostra diante dEle.

Nos campos de Belém pastavam numerosos rebanhos, que eram criados para os sacrifícios do Templo. Mas não é o sangue dos bois, dos touros, dos bezerros que pode pacificar Jeová. Mas este Menino viera para resgatar os pecados do mundo; Ele oferecerá o seu sacrifício, não sòmente em Jerusalém, mas em todos os lugares da terra. O Templo dos judeus será destruído, os seus sacrifícios cessarão; a oblação universal substituirá o judaismo, que não era mais que uma figura; o Cordeiro de Deus substituirá todas as outras vítimas e Jeová ficará satisfeito.

Eis que a montanha se iluminou; os cantos dos anjos

⁽¹⁾ Alfa e Omega primeira e última letra do alfabeto grego.

acordaram os pastores: "Ide a Belém — disseram os anjos — lá nasceu o Salvador. Encontrá-lo-eis deitado em uma mangedoura".

Os pastores na cabana: é a nação judáica que adora antes de ser infiel.

* * *

Depois dos pobres, eis os ricos: depois dos judeus, os gentios: este Menino — Salvador veio para todos: para todos os homens de boa vontade. No céu do Oriente uma estrela anunciara a sua vinda (1): os reis, os sábios, viramna e seguiram-na. Enquanto o adoravam e apresentavam seus presentes, contaram a sua viagem maravilhosa, como os pastores haviam falado do maravilhoso concêrto angélico. Maria, como ouvira a uns, ouviu os outros e "guardava todas estas coisas no seu coração": louvava a Onipotência que operara todas as maravilhas e a sua alma se expandia em amor. Este Menino de milagre, que já o céu revelara à terra, era o seu filho! Este frágil corpo, diante do qual os reis da terra e os sábios se prosternam, foi Ela quem o formou! Foi Ela quem lhe deu aqueles olhos tão bons, que com um só olhar transforma toda uma vida. Foi Ela quem lhe deu estes pés que o levarão em socorro de todas as misérias, de todos os sofrimentos; estas mãos, que se erguerão para bendizer, para curar; esta boca, de onde sairão as palavras mais humanas e mais divinas que jamais o mundo ouvira.

Foi ela quem lhe deu este coração, que se abrirá para recolher a todos a quem a dor acabrunha e o peso da vida esmaga. Foi ela quem Lhe deu este sangue puríssimo, cuja virtude aniquilará todas as iniquidades da terra. E tudo isto ela lhe deu pelo meio mais sublime, do mais inverosímil dos prodígios; ela, a virgem anunciada, sem ces-

⁽¹⁾ Balaam, chamado pelo rei de Moab para amaldiçoar os hebreus, sentiu-se extasiado de admiração diante dos seus acampamentos e só pôde, mau grado seu, bendizer este povo e anunciar a aparição de uma estrela que anunciaria ao mundo a vinda do Saivador prometido, que seria um deles.



sar de ser virgem — dá o Salvador anunciado aos séculos que o invocam!... Mistério!... Mistério insondável. mas verdade absoluta!... Vê-lo-emos um dia... se o soubermos acreditar!

O Lírio candidíssimo produziu a sua Flor (1), flor sem rival. E o lírio branquissimo continuou lírio e conservou o seu candor...

* * *

Quando o lírio imaculado põe as suas raizes em uma alma, produz frutos de santidade. (2)

Maio de 1847. Em Paris, um grupo de amantes da música, ofereceu-se para cantar os hinos de Maria na igreja de S.ta Clotilde. (3) O príncipe de Moscow, que era o chefe deste grupo de artistas, pediu a Hermann, o célebre pianista, que o substituisse na direção do coro.

Hermann era judeu, mas como se tratava de música. pouco lhe importava o objetivo e o lugar do concêrto; ele que tinha recebido aplausos e triunfos de todos os paises da Europa, consentiu em cantar também para Maria, a Virgem Mãe.

No dia fixado, foi à Igreja e louvou com esplêndidos acordes, Aquela cujo Filho os judeus crucificaram; mas cantou como artista, não como cristão.

Maria é mãe: mãe de Deus antes de tudo, e mãe dos homens, de todos os homens e portanto também dos judeus; e esta mãe é toda bondade; as notas do artista, empora privadas de acento filial e sobrenatural, não ficaram apenas nos ouvidos da Virgem, mas desceram até seu coração e do coração da mãe chegaram ao coração do filho. Aconteceu o que sempre acontece e acontecerá: tudo o que se faz por Maria, ela o leva a Jesus e acompanha

^{(1) «}Um rebento sairá da raiz de Jessé, uma flor sairá desta raiz e sobre ela pousará o Espírito do Senhor». (Isaias, II, 1)
(2) S. Luís Grignon de Montfort: Tratado da verdadeira devoção

a Maria SS.ma.

⁽³⁾ Então Igreja de Santa Valéria.

a sua oferta com uma oração por aquele que a faz; Jesus ouve sempre Maria. A prova?

Um hino ao SS.mo Sacramento terminava a cerimônia mariana. No momento da bênção todos os presentes ajoelharam-se; Hermann ficou de pé, de cabeça erguida e fixou friamente a Hóstia colocada no ostensório.

Inesperadamente, como se um peso invisível pesasse sobre os seus ombros, curvou os joelhos, inclinou a cabeça, enquanto no seu íntimo experimentava — como ele mesmo contou depois — uma espécie de remorso.

Na sexta feira seguinte, Hermann voltou à Igreja de S.ta Clotilde. Quando o sacerdote levantava o ostensório, sentiu a mesma impressão; se não fosse o respeito humano, teria chorado. O mês de maio logo terminou e com ele, a solenidade em honra da Virgem Maria. Três meses depois Hermann foi chamado para dar um concêrto na Alemanha, na cidade de Ems. Ouçamos o que ele mesmo nos diz:

"Era um domingo e eu fui à missa. Pouco a pouco os cantos, as orações, a presença — invisível e todavia sentida por mim — de um potência sobrehumana, começaram a agitar-me, e atormentar-me, a fazer-me tremer. No momento da Elevação, inopinadamente, senti descer através das minhas pálpebras, um dilúvio de lágrimas, que não cessavam de cair com voluptosa abuncância pelas minhas faces inflamadas.

"Recordo-me de ter chorado muitas vezes na minha infância, mas jamais, jamais como então. Entrementes sentia surgir do mais fundo do meu coração, lacerado pela minha conciência, os remorsos mais lancinantes de toda a minha vida passada. Espontaneamente, como por intuição, comecei a oferecer a Deus uma confissão geral interior e rápida de todos os meus enormes erros: via-os enfileirados diante de mim, odiosos e repugnantes, merecedores de toda a cólera do Juiz Supremo. Sentia todavia uma calma desconhecida, que imediatamente se expandiu como um bálsamo consolador sobre toda a minha alma.

Sentia que Deus me dava a graça e que aceitava, em expiação, a minha firme resolução de amá-lo sobre todas as coisas e de converter-me a Ele".

Chorar as próprias culpas perante Deus é cancelálas. Hermann já era cristão no coração. Retornado a Paris, pôs-se sob a direção do abade Legrand, cura de S. Germano de Auxerre. A 28 de agosto recebeu o batismo na igreja de Nossa Senhora de Sion, erigida pelo P. Maria de Ratisbona, outro judeu convertido miraculosamente em Roma. Hermann recebeu o nome cristão de Agostinho Maria Henrique. A 8 de setembro, no mesmo ano, fez a sua Primeira Comunhão com sentimentos que confessará mais tarde: "Não conheco dia mais belo que o da primeira comunhão, a não ser o da segunda comunhão" e os das seguintes. Compreendem isto aqueles que compreendem a Eucaristia. Esta foi, desde a sua conversão, o único objeto da sua vida, dos seus cantos, das suas práticas e do seu amor. A 2 de dezembro, Mons. Affre administru-lhe a crisma e, em 1849, depois de ter pago todas as dívidas da sua juventude, entrou na Ordem do Carmelo. Maria que conduzira Hermann a seu Filho, chamara-o junto a si, em Lião, no mosteiro construído em sua honra, sobre a encosta da colina de Fourvière. O P. Agostinho Maria morreu em 19 de janeiro de 1871, a servico dos soldados feridos.

"A natureza fizera-o um grande artista, a graça fê-lo um grande cristão". E esta graça devia Hermann a Maria

O' Maria, Lírio sempre lírio, Mãe sempre Virgem, vós que nunca pecastes e todavia sois tão ternamente misericordiosa para com os pecadores, permití adorar em vós, o vosso divino Filho, o nosso doce e pequeno irmão; permitínos depôr um beijo pleno de amor sobre os seus pés adoráveis, sobre suas mãos, sobre sua fronte e sobre seu coração. Ensinai-nos a conhecer, a compreender as lições do presépio, primeiro altar de sacrifício e pedí a este Divino Infante que se apodere do nosso coração e que não no-lo restitua mais.

A oferta da Virgem

"Simeão tivera do Espírito Santo a revelação de que não morreria antes de ver o Senhor" (Lc., 11-26)

Passaram-se quarenta dias depois do nascimento de Jesus. Para cumprir a Lei, todas as mulheres judias que tivessem dado à luz um filho, deviam apresentar-se, após quarenta dias, no Templo, para purificar-se (1); se este filho era o primogênito, deviam oferecê-lo ao Senhor e resgatá-lo com um sacrifício. (2)

Maria, a Toda Bela, a Toda Pura, não precisava purificar-se, mas devia obedecer à Lei. E é porisso que se submeteu, como todas as mães, dando-nos assim um perfeito exemplo de obediência e de humildade. Os Padres da Igreja asseguram que Maria é maior pela sua obediência, ato pessoal de dependência para com a autoridade soberana, do que pela sua maternidade divina, favor gratuito do céu.

Como Deus, também Jesus poderia eximir-se da Lei da qual era o autor. Mas não se isentou e nem se isentará.

"Não vim para abolir a Lei mas para cumprí-la e aperfeiçoá-la. Em verdade vos digo que da Lei não será tirado nenhum jota, até que a minha missão seja cumprida. (3)

⁽¹⁾ Lev., 12.

⁽²⁾ Ex., 13, 2. (3) Mat., 5, 17.

Levando nos braços Jesus, seu primeiro e único filho. acompanhada por José, Maria percorreu as duas léguas que separavam Belém da Cidade Santa e dirigiu-se Templo. Juntos pararam no mercado das pombas e compraram duas para o sacrifício; depois, calmos, modestos. recolhidos, atravessaram o páteo dos gentios e subiram os cinco degraus que conduziam ao páteo das mulheres...

Mas no último degrau um velho venerando fê-los parar. Era um homem justo, chamado Simeão, ao qual o Espírito Santo havia revelado que não morreria sem ter visto o Messias. Naquela manhã ele viera ao Templo impelido por uma força misteriosa; à presença de Maria a qual nada distinguia das outras mães, uma luz interior revelara-lhe, súbita e claramente, quem era aquele menino.

Levado por um santo entusiasmo, Simeão tomou-o nos braços, levantou-o ao céu e com ar profético, improvisou o seu cântico "Nunc dimittis", como Maria improvisara o "Magnificat" e Zacarias, o "Benedictus". (1)

"Agora, ó Senhor — disse Simeão — deixai que o vosso servo se vá em paz porque seus olhos viram o seu Salvador, mandado por vós". (2)

Para morrer, o santo ancião esperava aquele que toda a humanidade suspirava para renascer e viver.

De repente, o seu tom mudou. Sob os olhos do santo velho apareceu claramente uma visão lúgubre: "Este menino é — disse — um sinal de contradição. Ele será a salvação de uns e a perdição de outros, porque alguns o reconhecerão e outros o renegarão, recusando reconhecê-lo. E vós — disse à Mãe — tereis o coração traspassado por uma espada".

Simeão nada disse a José: é Maria, só Maria quem levará a espada no coração e ela a sentirá penetrar e aprofundar-se na chaga aberta por tal revelação, chaga que se alargará sempre mais até o dia em que, sob seus olhos,

⁽¹⁾ Zacarias, esposo de Isabel, improvisou o Benedictus no nascimento de seu filho João, o Precursor.
(2) Luc., 2, 25-39.

Maria verá expirar, vítima do ódio, Aquele que v.era ensinar-nos o amor.

Compadeçamo-nos dela, mas em silêncio, porque Maria nada disse: calou-se na sua angústia; palavras, predições, sofrimentos, tudo ela os guardou no seu coração onde medita-los-ia e nós poderemos seguí-la. Que ela saiba ao menos que nós sabemos apiedar-nos e que a amamos com toda a nossa alma, como amamos aquele menino divino que devia custar-lhe tão caro.

Naquele momento apareceu a filha de Fanuel, a profetiza Ana, que também louvou o Senhor por ter dado à terra, finalmente, este menino. Dir-se-ia que o céu a enviara para apagar a impressão e para pôr um medicamento sobre a chaga.

E' provável que Ana conhecesse Maria. "Tinha vivido com o marido sete anos desde a sua virgindade e permanecendo viuva, até aos oitenta e quatro anos, não saía do Templo, mas servia noite e dia a Deus com orações e jejuns". (1)

Servindo nos consertos e confecções das vestes sagradas, Ana viu, provàvelmente, Maria, durante os dez anos da sua educação, no meio das suas companheiras e talvez também a visse rezando. Tanto para uma como para outra, o encontro devia ter sido agradável.

Em todo o caso, o certo é que o sacerdote que viera depois dela para oferecer a Deus o primogênito e as pombas, não supôs que o primeiro e último filho de Maria, fosse também o primeiro e último filho do Pai. Ele não pensava que a Incarnação do Verbo era a redenção começada e que a jovem mãe que lhe apresentara o Verbo feito carne, começara a cooperar na redenção, pelo consentimento dado à mensagem celeste. Não suspeitou que no instante em que Maria se tornara Mãe, obtivera alguma coisa do Mediador Supremo. Não, o sacerdote nem o suspeitara: ele não conhecia Maria.

⁽¹⁾ Luc. 2, 37.

Como poderia tê-la conhecido? Os sacerdotes eram numerosos e não podiam todos habitar em Jerusalém. Divididos por Daví em vinte e quatro classes, vinham por turno, segundo a sua tarefa, passar uma semana no Templopara cumprir o ministério sacerdotal. Todos os dias, com as múltiplas cerimôn as, acompanhadas de cantos e de muitos instrumentos musicais, eles ofereciam solenemente o sacrificio da manhã e da tarde e depois, durante o dia, os sacrificios part culares como este de que falamos. Terminada a semana de serviço, cada qual voltava à cidade que lhe servia de residência e aí exercitava a sua profissão, que em maioria era manual. Sòmente os vinte e quatro che es de cada classe, que formavam o colégio do sumo sacerdote, eram obrigados a residir na cidade santa e a assistir ao sumo sacerdote. (1)

Não sendo favorecido por nenhuma revelação, o sacrificador das duas pequenas pombas não podia adivinhar, portanto, que aquela que vinha resgatar o seu primogênito, conduzia ao altar juntamente com as pombas, a Vítima Santa, a Vítima única que vinha substituir todas as outras vítimas. Ele não suspeitou também que a Virgem oferecia, ela mesma, naquele momento, o verdadeiro sacrifício da manhã, esperando oferecer no Calvário, em união com seu Filho, o verdadeiro sacrifício da tarde, a única vítima capaz de desarmar Jeová; o único Redentor, Mediador necessário, indispensável, porque ele reunia, "na unidade de sua pessoa, duas pessoas separadas por um espaço infinito: a natureza divina e a natureza humana; e que na sua pessoa ele nos une ao nosso Deus e Pai". (2) Jesus "um com Deus na sua divindade, um conosco na sua humanidade, aproximou uma à outra, estas duas naturezas tão longamente desunidas, para fazer reinar entre elas a concórdia e a paz".

(2) S. Cirilo Aless., Diálogos.

⁽¹⁾ Após a volta do cativeiro de Babilônia, os judeus constituiram uma república teocrática sob a autoridade do Sumo Sacerdote. Os príncipes dos Sacerdotes faziam parte do seu Conselho.

De tudo isto, o sacerdote de Israel não tinha a mínima suspeita! Quantas cousas sublimes, das quais nós mesmos nem suspeitamos!

* * *

Há todavia pessoas mais felizes que outras, que penetram na profundidade dos mistérios; dá-nos uma prova disto aquela que no declínio da sua vida, escreveu as seguintes palavras:

"Nascida perto do presépio (em 30 de dezembro de 1882, no departamento de Isère) vivi sobre a cruz durante toda a vida, para morrer como hóstia".

Serafina Adele, humilde menina de campo, tinha de nobre sòmente a alma, suficiente para merecer ocupar um lugar entre a nobreza autêntica.

Dotada de natureza ardente, dedicava-se inteiramente a tudo o que a unia a Deus, mesmo no meio das mais comuns ocupações. Crendo-se chamada à vida religiosa, entrou numa Congregação e fez o noviciado. O terrível mal de Pot obrigou-a a voltar à família. A sua pena foi imensa; só Deus conheceu a sua dôr e as suas lágrimas, tanto morais como físicas.

Em 1905, estendida sobre um colchão partiu para Lourdes com o desejo, não de não sofrer mais, mas de recuperar suficientes forças para tornar-se útil e retomar a vida religiosa.

Pareceu, no primeiro momento, que a SS.ma Virgem tivesse atendido suas orações; chegando quase moribunda a Lourdes, sentiu-se melhor depois que se banhara na piscina. Convenceu-se assim que suas orações tinham sido ouvidas

Mas não eram as portas do convento que a Virgem de Lourdes lhe queria abrir, e sim os olhos da fé. Graças sobrenaturais extraordinárias revelaram à pobre doente que o bom Deus tinha sobre ela outros desígnios. "O essencial para uma alma não é estar aqui ou lá, num lugar ou em outro, mas é querer ser o que o bom Deus quer".

Até então ela obstinara-se em querer voltar à sua comunidade; a partir daquele dia, compreendeu e abandonou-se ao beneplácito de Deus e a paz entrou na sua alma. Deitada sobre um leito de dores, dizia: "Jamais sofri como agora; mas compreendo as cousas de maneira diferente. Antes sofria com resignação, mas também com tristeza; agora sofro com alegria. Amo o meu sofrimento como ele é. Em vez de pensar nele, procuro esquecê-lo, pensando naquilo que não pode sofrer mudança nem morte! Em certos momentos vivo uma vida divina, especialmente quando o corpo respira penosamente. A minha vida não é triste: é alegre, amável, amada. No meu Calvário estou sempre com Jesus". Nosso Senhor dissera-lhe como à carmelita de Tours: "Beberás o meu cálice, mas consola-te; eu o segurarei enquanto beberes!"

Serafina foi vítima não em desejo, mas na realidade. Sofreu, em uma pobre e humilde choupana, dores atrozes, lancinantes, esmagadoras: todas as suas partes ósseas foram atacadas. E ela, com Maria, oferecia a Jesus; e com Jesus, ela se oferecia e se imolava: a sua ambição era a de ser uma "vítima como ele, com ele e nele". Os seus últimos cinco anos foram anos divinos e o seu estado... um estado divino.

Em 27 de junho de 1915 desceu da cruz "para passar dos braços de Maria, no coração do seu divino Filho que ela tanto amara".

* * *

O' Maria, lírio dos vales, lírio esplêndido que arrebata as virgens e o coração do Esposo das virgens, permitime oferecer convosco ao Senhor três vezes santo, Jesus, a Vítima sem mancha, Jesus o Cordeiro pleno de doçura, "o cordeiro imolado, consumado, sempre vivo, o cordeiro salvador do mundo". Permiti-me oferecê-lo e oferecer também a mim com ele e convosco para a redenção das almas.

A fuga para o Egito

"O' Virgem prudentíssima, aonde ides como aurora que surge, toda esplêndida de luz?" (Cant., 6, 9)

Nesse interim, em Jerusalém, Herodes esperava os Magos, que tinham prometido voltar quando tivessem encontrado o *rei dos judeus*.

O rei dos judeus!... tinham dito: o rei dos judeus! A este pensamento Herodes enraivecia-se. O rei dos judeus: mas era ele!...

Ele conhecia a antiga profecia desta estrela anunciadora do nascimento do grande rei; depois de tantos séculos ela circulava ainda através do Oriente. Este rei, segundo o oráculo, estenderia o seu reino sobre todo Israel (1), mas então dele, Herodes, que seria feito?

As setenta semanas de anos preditos pelo profeta Daniel tinham passado; o mundo inteiro vivia na expectativa deste grande monarca. Herodes sabia-o e sabia ainda que o trono de Judá não lhe pertencia, que o havia usurpado; mas afinal o ocupava e pretendia conservá-lo.

⁽¹⁾ Neste tempo, o mundo inteiro esperava o enviado de Deus, mas no pensamento da maioria, este devia ser um grande guerreiro, um ilustre conquistador, que devia expulsar todos os estrangeiros da Terra Santa e restabelecer o reino terrestre de Daví. Foi talvez para desarraigar este falso conceito que Jesus quis nascer numa estrebaria, desprovido de todas as aparencias de grandeza humana.

Pelo temor de perdê-lo, mandara matar todos os descendentes dos reis, seus predecessores. Não respeitara o rei em pessoa nem o sumo sacerdote Aristóbulo, seu cunhado, nem a cunhada Alexandra nem a sua primeira esposa Mariana, filha dos Macabeus, e nem mesmo os três filhos que tinha tido dela e, tudo isto, simplesmente porque eram os descendentes do último rei legítimo.

E os Magos falavam de um rei dos judeus recém-nascido! (1). Involuntàriamente, os Magos colocaram a santa família em grave perigo! No pensamento de Herodes um novo delito já fôra decidido!

Pagãos, por terem nascido em país idólotra, mas de coração profundamente religioso, os Magos haviam merecido a luz pela sua docilidade e, pela retidão, mereceramna uma segunda vez. Quando a estrela apareceu no céu, uma luz interior revelou-lhes o significado: e eles seguiram a estrela e ela guiara-os. Uma nova luz preveniu-os contra as pérfidas intenções do usurpador e os Magos voltaram sem passar por Jerusalém, onde, roído pelo ciume e pela inquietude, Herodes esperava-os com impaciência.

Não os vendo retornar, o tirano foi tomado por uma cólera louca e decretou a matança de todas as crianças, sem distinção, de Belém e arredores, que não tivessem completado dois anos.

Eis o perigo... ameaçador e humanamente inevitável... Felizmente também Deus está aí! o perigo é grande, mas Deus é maior que o perigo. Herodes é poderoso, mas Deus é mais poderoso que Herodes. Herodes tem soldados, mas Deus tem anjos.

Durante a noite, antes que o tirano enviasse seus sicários, um enviado do céu despertou José do seu sono: "Levanta-te; toma o menino e a mãe e foge para o Egito.

⁽¹⁾ Mariana, a primeira mulher de Herodes o Grande, era a filha mais jovem de Hircano II, sumo sacerdote e rei dos judeus, de 79 a 28 a. C. Herodes matou-a junto com seus três filhos, Alexandre, Aristóbulo e Antípatro. Este delito fez Augusto dizer: «Preferia ser um porco de Herodes que seu filho». Depois de Mariana, Herodes desposou nove mulheres.

Aí ficarás até que eu te avise, porque Herodes procura o menino para matá-lo". (1)

José tinha o hábito de ouvir a Deus e de obedecê-lo; na mesma noite partiu com Maria e Jesus e assim salvouos e salvou-se a si mesmo. Se ele tivesse esperado o dia, o menino teria sido massacrado e depois, também eles.

Quantos males seriam evitados se aproveitássemos o admirável exemplo deste esposo modêlo!

José chefe da família, recebeu o aviso do céu e não discutiu. Depositário da autoridade, transmitiu a ordem que recebera.

* * *

Sem impaciência, sem recriminações, sem prantos, sem murmurações, Maria aceitou a ordem e a ela se submeteu.

Assim adquiriu um grande mérito; como teríamos agido em seu lugar?

Fugir?... Para o Egito?... mas nada está pronto para a viagem!... É noite! Não conhecemos a estrada! Talvez os soldados já estejam de emboscada; no escuro não enxergaremos e atirar-nos-emos às suas mãos!...

E outras objeções ainda. Objeções que se apresentariam, naturalmente, em semelhante circunstância.

Maria não fez nenhuma porque vivia a sua fé. Da sua alma ela passa à sua conduta. Nós, pelo contrário, não vivemos a nossa fé. Nos perigos, nas horas difíceis não fazemos verdadeiros atos de fé: tememos, sofremos e rezamos; mas a verdadeira oração não a fazemos; não ousamos tentar o ato que daria a Deus a ocasião de mostrar o seu poder: não temos a fé que merece e obtém o milagre. Fazer antes, tudo o que é humanamente possível fazer, é o nosso dever; mas quando não houver mais neg nhum recurso humano, é dever recordarmo-nos de que e-

⁽¹⁾ Mat. 2, 13.

xiste Deus e dEle devemos esperar os dons necessários para serví-lo.

Quando imploramos um socorro do céu, Deus nos responde como no tempo da pregação do Evangelho: "Crês que eu possa fazer o que pedes?" Se o crês, prova-o ousando agir; se fôr necessário, lança-te ao mar e vem. Se fosse necessária a prova, quantos ousariam saltar da barca como Pedro? aqueles que agem unicamente por Deus são capazes de transportar montanhas, mas não se quer acreditar nisso. Oh! quantos prejuizos nos causa a falta de fé!...

E todavia é tão belo, táo útil crer pràticamente que há *um bom Deus* que pode tudo, *um bom Deus* que nos ama, que nos protege, que na necessidade nos salvará, contanto que nele confiemos para seguí-lo também na obscuridade.

Não há necessidade que o bom Deus nos mande um anjo; os seus anjos vivem perpètuamente sobre a terra: são os pastores legítimos da Igreja, o seu chefe infalível que nos transmite as suas ordens, são também os que junto a nós representam a sua autoridade. A autoridade está ligada ao pôsto e seguindo os seus chefes, segue-se Deus, o único Chefe real. Deus está com os chefes e é pelos chefes enquanto eles não se separarem de Deus.

* * *

Herodes não era mais o chefe guiado por Deus. Dos acontecimentos só olhava o que lhe dizia respeito e porisso decretou, sem hesitação, o extermínio. E em Belém e seus arredores não se ouvia mais que gritos, não havia mais que lágrimas, sangue e desespero.

Mas, inùtilmente Herodes manchou a sua memória. Todas as famílias ficaram enlutadas; todas as crianças foram mortas. Sim, todas! — exceto aquela que o tirano queria golpear. Quem Deus protege, está protegido!

Um inútil massacre dos inocentes serviu apenas para

espalhar a alegre notícia que o Messias esperado chegara e a crueldade do déspota fez desejar mais ardentemente o reino pacífico do Salvador.

Quando Deus, no princípio, agraciou o homem com o dom magnífico e temível da liberdade, juntou-lhe um mandamento: "Não faças aos outros o que não queres que te façam".

Se Herodes o tivesse recordado, as mães em Belém. não teriam chorado.

Se depois de Herodes as nações o tivessem recordado, as mães, nos dias de hoje, não chorariam os filhos mortos nos campos de batalha.

Se, no aparecimento do Salvador, todos tivessem manifestado a solicitude dos pastores, a fé e a piedade dos Magos, o Filho da Virgem teria sido recebido como convinha, como um Libertador

A humanidade não teria recuperado todos os privilégios do Edem, mas recolhida dòcilmente sob o seu cetro de amor, todos teriam gozado da doçura deste reino de paz e de justiça, e a redenção ter-se-ia operado sem o massacre dos inocentes, sem a hipocrisia dos fariseus, sem a traição de Judas, sem a perfídia dos judeus e sem o drama sangrento do Calvário. Tudo isto não era necessário para salvar-nos; não o quis Deus; não foi Deus que o pôs no plano da redenção: foi o pecado; não o pecado de Adão, mas o pecado dos que viviam no tempo de Jesus Cristo.

Deus quer tornar-nos bons e felizes, mas o homem, que grita aos quatro ventos a sua necessidade de felicidade, não quer ser feliz; não quer usar dos dons recebidos, mas quer abusar. Herodes quis sentar-se sobre o trono alheio; os fariseus queriam fazer desaparecer o *Maior deles*; Judas queria ouro, não importa a que preço nem por que meios. Todos queriam a morte dAquele que os domina, impondo-lhes a sua lei.

Deus porém, não reivindicará os seus dons; não retomará ao homem a liberdade da qual ele abusa. A conta: dos abusos será regularizada mais tarde. Neste interim — para não tirar às almas de boa vontade a possibilidade de procurar a salvação — ele adaptará o seu plano de salvação a este triste estado de coisas. E na ordem presente que — por culpa do homem pecador é frequentemente uma desordem — a Providência dirigirá para o seu fim, com sapiência e bondade, todas as almas que se deixam conduzir por ela.

Foi assim que ela dirigiu José e Maria através de mil dificuldades, durante os quinhentos quilômetros que deviam percorrer no deserto, sem uma estrada, sem sombra e sem uma gota de água. Não foi sem cansaço que eles chegaram à fronteira que os pôs fora do poder de Herodes, mas foi certamente sem prantos inúteis, sem debilidade de fé e sem murmurações por parte deles, e sem distrações por parte de Deus.

A Providência sabe subtrair a todos os perigos e providenciar sobre todas as necessidades.

Nada é fortuito na sucessão dos acontecimentos. Deus que não quer o mal, mas deixa às criaturas a liberdade de cometê-lo, serviu-se do orgulho de César conquistador, para fazer nascer Jesus em Belém e serviu-se da crueldade de um rei usurpador para conduzí-lo à terra dos Faraós, para que se cumprissem ainda estas palavras do profeta: "Reconduzi meu Filho do Egito".

Para esta volta, Deus esperou que Herodes morresse, o que sucedeu em breve. Fôra ele atacado de um mal terrível: as convulsões sacudiam os seus membros, as úlceras corrompiam as vísceras e vermes horrendos formigavam nas suas chagas incuráveis. Enfim, depois de espantosos sofrimentos, com o ódio no coração e a blasfêmia entre os lábios, ele expirou de manhã cedo após trinta e três anos de reinado.

"Mortal, sê sábio — diz um provérbio indiano — e serás forte como dez mil elefantes!" Nós, cristãos, dizemos: "Mortal, crê na sapiência de Deus e deixa-te conduzir pelo seu amor; serás mais forte que todos os tiranos do mundo"

* * *

Durante a última perseguição do México, para subtrair-se às ameaças do presidente Calles, Mons. Orozco precisou abandonar a cidade de Guadalajara. Refugiado no México, não se sentiu tranquilo por muito tempo. Depois de ter rezado, como se reza no perigo, á Virgem mexicana, Nossa Senhora de Guadalupe, resolveu deixar a capital e refugiou-se nas montanhas.

Com um trage de camponês, com um chapéu de abas largas, apesar da vigilância, conseguiu deixar a cidade e chegar a uma vila distante, onde viveu durante um ano. Morando um pouco aqui, um pouco ali, para não chamar muita atenção, com prudência, conseguiu por fim, ocuparse da sua diocese e dos seus fiéis perseguidos, rezando com todo o coração e com toda a sua fé a Nossa Senhora para que tivesse piedade de todos.

Um dia, porém, o Bispo compreendeu que não era mais seguro estar ali e que convinha afastar-se. Abandonando-se à Rainha do céu e à Providência, partiu e caminhou, caminhou, sem uma meta bem determinada. Depois de ter percorrido oitenta quilômetros, chegou a uma vila de cinco mil almas, mas aí foi reconhecido. Todos, à exceção de trezentos protestantes, conheciam o seu nome, a sua qualidade e as ameaças que pesavam sobre ele. Nenhum dos cinco mil católicos o traiu. Durante dois anos viveu escondido nesta pequena vila, continuando, na medida do possível, a ocupar-se com suas funções de bispo.

Nos meiados de 1929, Portes Gil, substituiu Calles na presidência e fez acordo com os católicos. Em uma entre-





vista, Mons. Orozco revelou ao novo presidente como iludira a vigilância da polícia federal e dos soldados.

- Vê que má polícia tenho ao meu serviço! disse $\ensuremath{\mathrm{o}}\xspace^{}_{}$ presidente.
- Não replicou o Arcebispo vê antes, como o céu e a Nossa Senhora me protegeram!

Sabemos que Deus não conserva a vida a todos os perseguidos: é necessário que alguns morram para mostrar aos olhos de todos, a sinceridade da sua fé e para que, na história, o nome dos perseguidores seja maldito. Mas étambém necessário que outros escapem para atestar a impotência dos tiranos e para continuar a Igreja de Jesus Cristo, que deve subsistir até a consumação dos séculos!

* * *

O' Maria, modêlo de fé, de confiança e de abandono, é no vosso coração que procuro um refúgio. Em redor de mim, como aconteceu convosco, é noite e completamente escuro: o perigo está em toda a parte para o corpo e para a alma. Tomai-me pela mão, minha boa Mãe e conduzí-me convosco no deserto, para pôr em lugar seguro os tesouros da m nha vida: Jesus, a sua graça e o seu amor.

A volta a Nazaré

"A quem me obedece, farei ver quem sou". (Prov. 4, 18)

Quando, após a sua partida precipitada, a sagrada Família chegou ao Egito, este país, o mais populoso e o melhor organizado no mundo de então, contava muitos judeus entre a sua população. Durante os setenta anos que durou o cativeiro de Babilônia, uma nova geração, tinha substituido a que fora trazida pelos caldeus. Nascidos em terra de exílio, a maioria não conhecia Jerusalém que então não era mais que ruina, e não sentiam a necessidade de revê-la, mesmo quando o édito de Ciro lhes deu a liberdade e a permissão de reconstruir os muros e o seu Templo.

Encontrando no seu caminho a ocasião de fazer comércio, firmaram-se no alto Egito, de onde, pouco a pouco, levados pelos negócios, dispersaram-se através do mundo, levando em toda a parte, a sua religião e os livros santos. Ocultamente, estes judeus preparavam o mundo inteiro para receber a doutrina do Menino Salvador, enquanto procuravam um abrigo nesta terra idólatra, mas hospitaleira.

* * *

Morto Herodes, um anjo do Senhor apareceu em sonho a José na terra do Egito e disse-lhe: "Levanta-te, toma o Menino e a sua mãe e vai para a terra de Israel, porque morreram os que procuravam matar o Menino.

José levantou-se, tomou o Menino e sua mãe e foi para a terra de Israel. Mas, sabendo que Arquelau reinava em Judéa em lugar de Herodes, seu pai, temeu dirigir-se para lá e avisado em sonho, retirou-se para a Galiléia e foi morar em Nazaré". (1)

Aí nada havia a temer de Arquelau; Augusto tomaralhe a Galiléia em troca do título de rei; a Palestina tornara-se, assim, uma provincia romana.

Situada ao sopé do monte Tabor, à frente do Carmelo e do Líbano, Nazaré, a cidadezinha das flores, era desprezada pelos judeus porque os seus habitantes não observavam o rigorismo dos Fariseus. Entretanto era de lá que devia surgir a salvação e é lá onde, até os nossos dias, repousaremos o nosso coração.

Em uma das pequenas e graciosas casinhas desta graciosa vila, morava tudo aquilo que o mundo conhece e conhecerá de mais augusto: dois descendentes de reis e um Deus. Descendentes de rei encontram-se em toda a parte e em todas as épocas, mas um Deus feito homem... encontra-se uma vez e depois nunca mais! Certamente uma vez é mais que suficiente para transportar a humanidade num arrebatamento de êxtase.

Admiremos por um momento o que sucede em Nazaré.

Nesta família modêlo sob a qual deveriam formar-se todas as outras famílias, reina a ordem e ordem perfeita. De onde provem? Disto: cada um se ocupa da sua missão, de modo absoluto.

José o justo, o santo, sabe que ele é o menor, o inferior dos três; mas sabe também que ele é o chefe da familia e que deve providenciar às necessidades quotidianas. E é de todo o coração que trabalha pelos outros

⁽¹⁾ Mat. 2, 5, 19-23.

dois seres caros, confiados à sua guarda; e — porque Deus o quer — humildemente manda. Mas com que deferênc a!

Maria, a Toda Pura, a Toda Bela, levando sobre a fronte a aureola da sua virtude imaculada, calma, modesta, recolhida, circula pela casa; carrega em seus braços Jesus, o seu filho amadíssimo e longamente, com respeito e amor, aperta-o sobre o seu coração. E enquanto elegoza das carícias maternas, a divindade deste adorável menino, às escondidas, desenha, pinta e perfuma as corolas das pequenas flores que sua mãe tanto ama; e para causar-lhe alegria, lança-as nos prados e nas fendas das rochas. Sem que ninguém o veja, faz lírios belíssimos, branquíssimos para aqueles que não podem contemplar, como ele, a candura do coração virginal sobre o qual repousa. Sem que ninguém o veja, ilumina as estrelas com as quais coroará a sua Mãe queridíssima.

Jesus é Deus! Jesus é homem! Verdadeiro Deus onipotente, eterno, infinito! E também verdadeiro homem; como eu ele tem um corpo e uma alma, mas a este corpo, a esta alma, está unida a divindade. Natureza divina, natureza humana absolutamente diferentes e sempre totalmente distintas; mas naturezas unidas de uma maneira tal que formam uma só e única pessoa, da qual Maria é mãe. Mistério insondável: pois que este seu filho é Deus, Maria é mãe de Deus! E' este o maior dos privilégios.

Maria conhece este privilégio. Seu filho é Deus... ela não o esquece um instante. No seu coração rende-lhe todas as homenagens que merece, mas é mãe; também não esquece isto. Dar a vida ao homem-Deus, Salvador da humanidade, cumprir para com ele todos os deveres maternos, desenvolver o seu ser humano, é a sua missão, é o que Deus quer dela; é o que ela aceitou e a isto se aplica. Com a máxima diligência, com veneração profunda, e com um amor sem sombra, ela cuida da inteligência, da alma e do coração deste menino do mistério.

Jesus corresponde aos esforços da mãe. Por sua

parte, também ele cumpre a sua missão. Ele é Filho do homem, como é Filho de Deus e prova-o. Sem demonstrar a sua ciênc a e sabedoria, Jesus progride um pouco todos os dias como os meninos comuns, mas em todas as idades ele é perfeito. As suas palavras, os seus atos, põem Maria ao corrente dos segredos eternos e da alma dela, ser de graça, Ele faz uma maravilha de santidade. Quanto mais Jesus se mostra perfeito, tanto mais aumenta em Maria a necessidade da perfeição. Ela que sempre amara Deus, ama-o cada dia com um ardor, um calor que não conhecia no dia anterior. Neste contacto íntimo de coração a coração, ela vê crescer o seu filho e cresce com ele. Maravilhoso crescimento que poderá ser também nosso, se soubermos viver com Jesus.

Em Nazaré, a vida é séria, mas não é triste: amam-se demais para serem tristes!... Em Nazaré também há so-frimentos; a felicidade não é desta terra; mas sob este modesto této existe e goza-se a alegria plenamente: Jesus põe sol em toda a casa e enche de céu a alma!

* * *

Oh, se todas as famílias soubessem fazer do seu lar outras tantas pequenas Nazarés! Se o pai e a mãe, em vez de dizer aos filhos: "Fazei vossas orações!" que é já alguma cousa, dissessem: "Meus filhos, façamos a nossa oração!": se em vez de dizer aos domingos: "Ide à missa", dissessem: "Vamos à missa": se. sem importunálos ou constrangê-los, mas arrastando-os com seu exem-"Vamos nos confessar... comungar... plo. dissessem: não digamos mentiras... não façamos mal a ninguém... não toquemos na reputação dos outros... façamos aos nossos vizinhos aquilo que quereriamos nos fizessem se estivéssemos nas suas condições... observemos a lei de Deus... cumpramos a sua vontade...", que mundo teríacomo seria belo viver no plano divino realizado!...

Haveria ordem: ordem nos estados, nos governos na

sociedade, ordem nas famílias, nos indivíduos, ordem nos próprios espíritos, nos próprios desejos, no coração e na conciência. Haveria ordem em tudo, e, ordem em toda parte, seria a paz, porque a paz é ordem!

Oh, a paz!... a paz... procurai-a se não a tendes! Ainda uma vez: seria inútil procurar a felicidade nesta terra porque ela não mora aqui; mas a paz pode ser encontrada; sabemos e afirmamos. Basta procurá-la onde está: no cumprimento da vontade de Deus que faz nascer na alma a paz e a alegria, filhas do céu, as quais nos colocam no caminho da felicidade. Uma vez nesta estrada, basta caminhar direito: a felicidade nos espera lá em cima.

Infelizmente, porém, no mundo, os homens querem fazer conforme o seu parecer, como nas famílias fazem os filhos desnaturados. E o pior é que os filhos que recusam obedecer ao Pai Celeste são, na sua família, os próprios pais. Que triste exemplo!

Não desesperemos. Se na família há a mãe que reza, sofre e também chora, nós não desesperamos de nenhum daqueles que vivem sob aquele této: o reflexo da virtude materna transformará lentamente as almas. As Mônicas perseverantes acabam sempre por conduzir a Deus os Patrícios e os Agostinhos.

* * *

O filósofo Littrè da Academia Francesa, não era batizado e professava doutrinas filosóficas e religiosas opostas à doutrina da Igreja. No dia do nascimento da sua filhinha, disse à esposa:

— Tu és uma católica fervorosa e praticante: educa tua filha nos hábitos de piedade que tens. Ponho sòmente uma condição: no dia em que completar quinze anos, apresentá-la-as a mim e eu lhe exporei as minhas idéias para que ela possa escolher.

A mãe aceitou e os anos passaram. Uma manhã ela entrou no escritório do marido e:

- Recordas aquilo que me pediste e que eu te prometi? Venho manter minha promessa. Tua filha tem quinze anos e agora ela está aqui à espera de ouvir-te com todo o respeito e toda a veneração que merece um pai ternamente amado. Queres que entre?
- Certamente, mas para que? Para que eu exponha as minhas idéias? Não, mil vezes não. Fizeste da nossa filhinha uma criatura boa, terna, simples, reta, iluminada e feliz!... esta palavra, num ser puro, resume toda a virtude!... e crês que eu queira lançar as minhas idéias no fundo desta bondade, desta pureza?... As minhas idéias... as minhas idéias... elas são boas para mim... mas quem me afirma que seriam boas para ela? Quem me diz que não arriscariam a destruir ou ofuscar a tua obra? Sim, que... a nossa filha entre aqui para que eu bendiga diante de ti, tudo o que fizeste por ela e para que ela te ame mais que antes". (1)

Eis o que pode uma mulher verdadeiramente cristã. sobre o coração e sobre o espírito de um marido incrédulo. Ela se impõe simplesmetnte com seu exemplo e sua virtude.

Esta boa esposa se impôs tão bem com o seu amor e com a sua conduta que, em 1881, Littrè pediu o batismo e morreu cristão.

* * *

O' Maria, já que tendes vosso Filho entre os braços, peço-vos, trazei também a mim por um momento, um instante só, este infante adorável. Emprestai-mo para que o contemple, para que eu possa apertá-lo sobre o coração e dizer-lhe ternamente que o amo. Trazei-mo para que eu possa dizer-lhe aos ouvidos, em grande segredo, o nome de todos pelos quais me preocupo; estes seres caros não sabem ainda amá-lo, porque ignoram os seus encantos, mas ele lhos revelará se pedirdes comigo. O' Maria, vinde a nós com Jesus e José e juntos façamos a nossa família de Nazaré, plena de paz, de alegria, de Deus.

⁽¹⁾ Legouvé.

As grandes pequenas ações de Maria

"Uma vida não é grande, nem pequena em si mesma: ela é considerada mais ou menos grandemente, eis tudo".

"Uma das maiores dificuldades que todos nós encontramos é a de persuadir-nos que as nossas mínimas ocupações têm alguma importância, que elas correspondem verdadeiramente aos desígnios da Providência; depois, quando temos compreendido isso, surge outra dificuldade: a de estender a nossa vontade ao cuidado de todos estes particulares. E' verdade que eles são proporcionados à nossa debilidade, mas apresentam tão poucos atrativos!" (1)

E de fato, há talvez mais que banalidade e vulgaridade nos nossos atos tomados em si mesmos?

Ir, vir, gesticular, falar, emitir sons, comer, beber, dormir; em tudo isto que nobreza há? Os animais fazem o mesmo, e todavia, entre um e outro, que diferença!

Seja fabricado pelo homem ou surja pela natureza, todo ser age, mas cada qual à sua maneira. "A água não age como o fogo, nem a planta como o animal, nem a formiga como o leão, nem o homem como o bruto. Nos me-

⁽¹⁾ R. P. Pinard de la Boullaye, **Retiro Pascal** — Nossa Senhora de París. — 1929.

canismos feitos pela mão do homem, o motor é uma manivela, ou uma mola, ou uma caldeira". Não vão além de uma propulsão exterior que dura um momento e depois se detêm. O homem não pode fazer melhor.

Entre todos os produtos da natureza, o homem age diversamente; o impulso não lhe vem de fora, mas de dentro: a sua força é intima, profunda, irresistível; apoderase do seu ser e mau grado seu, impele-o ao seu fim.

No homem a grande mola que põe em ação o seu desejo e o impele sempre mais avante, é o Infinito que contém tudo, é Deus!

Sabendo ou ignorando, aceitando ou desprezando, é a Deus que procuram os desejos apaixonados do homem. A necessidade de Deus é nele irresistível: ele tem necessidade de Deus. Porque? Porque o homem foi feito por Deus e foi feito ùnicamente... para Deus.

Tudo o que existe foi feito por Deus e para Deus, para manifestar a sua potência e para procurar a sua glória; todavia, Deus soberano, Senhor, Onipotente e infinitamente bom, pôs ao serviço do homem todas as criaturas animadas e inanimadas, mas o homem... reservou-o para si. Por causa de um ato de amor e de bondade, a criação tornou-se cousa do homem; mas o homem é e será sempre cousa de Deus. O homem vem de Deus, foi feito para Deus, deve existir com Deus e não pode ser feliz sem Deus. Todos os descontentamentos do homem, esta necessidade de algo que o atormenta, vem disto: que o homem não está ainda com Deus, que ainda não alcançou Deus.

Para chegar a Deus é necessário tomar a estrada que conduz a Ele, o caminho que Ele mesmo traçou: a estrada do dever. O dever não é igual para todos: cada um tem os seus deveres particulares, porque se deve fazer tudo e ninguém pode fazer tudo. Alguns devem dirigir o trabalho, outros devem-no executar. Este deve administrar os bens do Pai Celeste; aquele deve contentar-se com o necessário às suas necessidades razoáveis. Os Pastores legí-

timos devem anunciar a palavra de Deus, distribuir as suas graças e os seus perdões; os discípulos devem comportarse como discípulos submissos, respeitosos, afeicoados.

Em resumo: cada qual tem seus deveres particulares e como para Deus sòmente o amor e a obediência contam, o maior é aquele que cumpre melhor o que deve fazer e o faz com amor. O que é grande não é este ou aquele ato, mas o que Deus quer! Todas as vontades de Deus são grandes; fora disto, tudo o mais é nada. Faz-se uma grande cousa quando se cumpre um ato manifestado por Deus, porque Deus o quer.

A nossa vida, portanto, não é o que parece ser, mas como nós a fazemos. Certas existências, gloriosas na aparência, são em realidade, fumaça; talvez, também, uma vergonha se fôssemos além das aparências. Outras, porém, sem esplendor, sem relêvo aos olhos do mundo, são aos olhos de Deus uma beleza deslumbrante.

Assim foi a vida essencialmente escondida de Maria Virgem. Na sua casinha de Nazaré, Maria ocupou-se de todas as banalidades que enchem o dia de uma dona de casa de modestas condições. Enquanto José e Jesus faziam, na oficina, bancos, caixas, carroças, etc., ela preparava as refeições e atendia com diligência aos afazeres da casa. Era uma alegria para o lar quando o Divino Menino e aquele que Ele chamava de pai voltavam à casa. Nenhum dos três fugia às fadigas e às dificuldades da vida, mas com toda a deferência de um para outro, suportavam-se juntos, juntos rezavam, juntos repousavam, procurando cada um agradar ao outro. E' vontade de Deus procurar tornar-se reciprocamente felizes.

"Façamos um prato de boa graça". (1) dizia Eugênia Guerrin. Fazer de boa vontade, com economia, uma boa cozinha é um dever de estado para uma mãe de família. Dar às roupas do mar do, aos vestidos dos filhos e aos seus

^{(1) «}Façamo-nos um acolhimento cordial» dizem as nossas boas mãos.

próprios, encanto, frescura e limpeza sem agravar o balanço familiar com despesas inúteis, é para ela um dever. E' um dever tornar acolhedora a casa na medida do possível. Maria sabia-o e a este dever não deixou de submeterse, porque o dever é um débito e os débitos devem ser pagos. Maria não se esquecia de pagar os seus. Mas quando se associa Deus aos próprios afazeres, pagando os próprios débitos, faz-se fortuna.

Maria não tinha merecido os privilégios com os quais fora agraciada, mas depois de recebê-los, mereceu-os de verdade, conservando-os e desenvolvendo-os. Para Deus só o amor é que vale e amar a Deus é fazer o que Ele quer. Maria nada fez além disso, jamais se descuidou dos seus deveres e a vontade de Deus não é nada mais que o dever.

Quando se pensa que o sol faz resplandecer também as teias de aranha, que cousa deve fazer a graça? E a graça na proporção que recebia Maria? Que é o sol comparado com a graça? Que é a criatura diante dAquele que a fez?... Estes são os esplendores que surgem dos mil nadas com as quais é composta a vida da Virgem, transfigurada pelo sol divino.

Não podemos pretender alcançar a perfeição de Maria, mas podemos e devemos pretender conseguir a nossa perfeição. A todo instante nos é oferecida a graça junto com o dever. Cumpramos o dever e teremos a graça, a força, a luz para cumprir o dever seguinte.

Fiando na sua róca, dando um ponto com a agulha, índo apanhar a água na fonte, Maria agradava ma s a Deus e dava-lhe mais glória que os anacoretas com os jejuns e com as penitências, mais que os mártires com a efusão do seu sangue, mais que os anjos com os seus louvores e as perpétuas adorações, porque também no menor dos seus atos, Maria punha mais amor que os outros, no mais ardente transporte. Sòmente o amor é que vale!

Se desejarmos agradar a Deus, façamos como Maria, as grandes-pequenas cousas que devemos fazer. Creiamos que estas pequenas ações têm uma importância capital, que elas adquirem um valor inapreciável quando são cumpridas por amor. "São cousas simples governar a família, dar bom exemplo aos de casa, fazer justiça e misericórdia, cumprir bem o que Deus quer e sofrer os males que Ele nos envia: são essas ações comuns da vida cristã que Jesus louvará no último dia, diante de seus anjos e diante do Pai Celeste". (1)

Além disso, é na prática das pequenas cousas que nos preparamos para as grandes. Se um dia nos pedirem um ato de heroismo, seremos capazes de cumprí-lo, sobretudo se fôr prolongado, se tivermos sido fiéis aos nossos deveres quotidianos. Nada se improvisa e menos ainda o heroismo prolongado. Quando o heroismo se tornou um dever para Maria, a humilde Virgem estava à altura deste dever, porque ela soubera praticar todos os outros deveres precedentes. Na vida cristã, tudo se faz e tudo se suporta.

Não nos esqueçamos portanto de que tudo o que sai do coração é grande; tudo se torna grande, passando por uma alma grande, plena de amor de Deus.

* * *

Pouco antes da guerra de 1870, uma francesa fizera amizade com uma família alemã. Morando em Berlim, devido à posição do marido, contraira relações brilhantes.

Desencadeou-se a guerra com a Prússia: a perda da Alsacia e Lorena golpeou profundamente o seu coração; ela tomou luto pelas províncias tiradas à França e chorava em silêncio.

Um dia, durante uma festa dada no seu palácio falava-se da França e dos cinco bilhões que esta fôra obrigada a pagar à Prússia: "Daqui a dez anos, disse alguém, Berlim será a capital da Europa". E com um sorriso de piedade falou de París: "París... dizem, não é mais París!"

⁽¹⁾ Bossuet, Orações fúnebres do Grande Condè.

Triste e comovida, esta mulher católica e francesa, respondeu levantando-se:

"Rir é fácil, senhores; cancelar Paris do mapa é fácil, mas substituí-la, não; não... Paris é o coração da França!" Houve protestos.

"Dai-me, disse a nobre francesa, um objeto comum, o mais insignificante; enviá-lo-ei a Paris e os nossos franceses, mais com o coração que com as mãos, farão qualquer cousa que jamais mulher prussiana saberá fazer".

Aceitaram e despediram-se.

No dia seguinte a senhora recebeu um cabelo, um cabelo só!

Depois de um momento de silêncio e de emoção, ela tomou da pena e escreveu à sua família:

"Fazei com este cabelo qualquer cousa de belo, de grande, qualquer cousa francesa".

A carta foi despachada. Poucos dias depois o correio lhe trouxe um estojo com estas palavras: "Mandado de París".

Ela abriu o estojo com o coração que batia fortemente e com os olhos marejados de lágrimas. Sobre o veludo pousava um medalhão contornado de brilhantes. No alto, a águia negra da Prússia, com as asas abertas, segurava entre as garras, por uma extremidade, o cabelo prussiano. A outra extremidade deste cabelo sustinha uma pequena medalha, sobre a qual foram pintadas duas jovens de rostos pálidos, mas radiantes de esperança: a Alsacia e a Lorena. Em baixo estava escrito:

"A águia segura-as por um cabelo!"

Dizei-me, poderiam fazer os parisienses com um só cabelo qualquer cousa de mais belo?

Com o nada, que enche o seu dia, as almas cristãs podem fazer qualquer cousa de mais belo, de muito maior ainda, se quiserem; podem torná-lo divino.

Pensamos nisto bastante?

Ó Maria, vós que soubestes fazer da vossa vida uma maravilha da eternidade, ensinai-nos a tirar da nossa pobre vida toda as riquezas que pudermos tirar. Ensinai-nos a conhecer, pràticamente, que também na mais brilhante das vidas nada existe, se falta Deus, enquanto na mais humilde, tudo é grande se Deus anima esta vida. Obtendenos o respeito, a estima, a devoção pelos nadas que para nós podem valer o Todo. Ensinai-nos a utilizá-los, a transformá-los e a divinizá-los.

A perda de Jesus

"Devo ocupar-me das cousas de meu Pai".

(Luc. 2, 48)

Porque se via nos rostos, ordinàriamente serenos de Maria e de José, tanta angústia?

Porque... perderam Jesus!

Ele tinha doze anos, a idade na qual o jovem israelita tornava-se "filho da Lei" e três vezes ao ano devia ir à Cidade Santa. Viera a Jerusalém para passar uma semana com seus pais afim de celebrarem a Páscoa. Naquela manhã, quando as cerimônias legais terminaram, a população da Galiléia pôs-se a caminho em demanda das suas casas; segundo o costume, as mulheres formavam uma caravana e os homens, outra. José e Maria viajaram tranquilamente: José pensava que Jesus estivesse com Maria e esta, que ele estivesse com José. Mas, quando à tarde, na primeira parada as famílias se reuniram para o repouso da noite, o Menino não estava presente e nenhum dos vizinhos tinha-o visto.

Não ocorreu ao pensamento de Maria e de José que um filho tão afetuoso e submisso se tivesse permitido um ato de independência e se separasse deles voluntàriamente. Acreditavam no que era verossímil: que Jesus se perdera entre a multidão, que os procurava inútilmente e que devia agora estar chorando, em qualquer canto da cidade.

Com o coração despedaçado pela inquietude, os dois esposos refizeram o caminho percorrido; sem contar com a fadiga, procuraram-no por toda parte e interrogaram a todos que encontravam. Infelizmente ninguém sabia de um menino perdido que procurava a sua família.

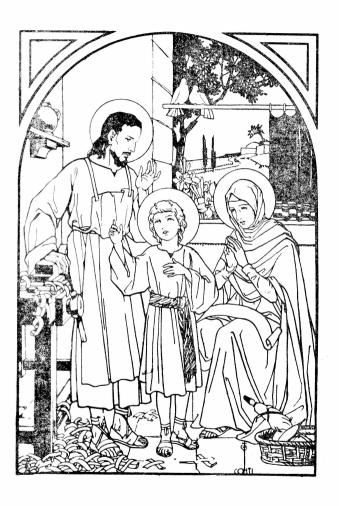
Pode-se imaginar a dor de Maria, desta mãe terníssima, prevenida já por Simeão. Como devia, então, passar e repassar na chaga a espada predita pelo santo ancião! Certamente, nesta circunstância, Maria conheceu todas as preocupações, todos os tormentos, todos os sobressaltos, embora injustificados, mas tão dolorosos, da conciência preocupada. Parece-me ouví-la suspirar entre as lágrimas: "Talvez tenha faltado com a vigilância?... O céu confioume Jesus: guardei com suficiente diligência este tesouro?... Não O perdi talvez por minha culpa?... Não O perdi para sempre?..."

Não, não fôra por sua culpa que Maria perdera Jesus; este doloroso acontecimento estava no plano divino. Foi voluntàriamente que Jesus se libertara da autoridade dos seus; o seu primeiro ato pessoal é uma afirmação da sua divina independência, é um raio da divindade que atravessa a sua vida humana.

Maria estava no terceiro dia da sua dor e Jesus ainda não fôra encontrado. O coração sangrava e não contando senão com Deus, ela fôra com José rezar no Templo.

Que viram ambos? Jesus! Jesus estava no meio dos doutores. Respeitoso, modesto, ouvia-os; interrogava-os e pedia-lhes explicações. Certos pontos obscuros, que mereciam ser esclarecidos, eram silenciados pelos doutores. Como se procurasse ser iluminado, Jesus interrogava-os e incitava-os a interrogar. Faziam-no eles e Jesus respondia com tanta sabedoria, tanta clareza e exatidão que os doutores diziam entre si: "Como ele sabe todas estas coisas? Como conhece as Escrituras sem tê-las aprendido?

De fato, Jesus não aprendera estas cousas; souberaas sempre mas até aquele dia não dera demonstração. Se



naquele dia, este menino de doze anos discutia com aqueles que eram mais instruídos e eram os maiorais em Israel, fora porque os Escribas e Fariseus falsearam a Lei e Ele queria Gemonstrá-lo de modo a convencê-los. Os Doutores tornavam o jugo do Senhor pesadíssimo e, quanto a si mesmos libertavam-se dele. Jesus queria abrir-lhes os olhos; uma pequeníssima centelha da sua luz infinita saía das suas palavras e iluminava-os e ao mesmo tempo fazia-lhes ver um pálido vislumbre da sapiência e da sagacidade que Ele possui em toda a plenitude

Tranquilizada e sùbitamente consolada, Maria aproximou-se e disse: "Meu Filho, porque nos fizeste isto? Teu pal e eu; angustiados, te procuravamos".

E Ele lhes respondeu: "Porque procurar-me? Não sabieis que devo ocupar-me do que diz respeito a meu Pai?"

Eles não compreenderam o que Jesus lhes queria dizer.

E Ele voltou a Nazaré, e lhes era submisso. E sua mãe conservava no coração todas estas coisas". (1)

Era a primeira vez que Jesus falava de seu Pai e não disse quais eram as coisas das quais se devia ocupar. Maria mesma não estava ao par dos desígnios de Deus sobre seu filho. Ela sabia sòmente que o Menino tinha na terra uma missão para cumprir e que só Ele a conhecia, por isso perguntava-se se Deus queria retomá-lo já: a espada penetrava sempre mais profundamente no seu coração, mas ela não se permitia uma só pergunta indiscreta. Sem saber, sem compreender, com respeito e com amor, ela pronuncia de novo o seu "Fiat" e inclina-se diante da vontade do Onipotente.

"Aquele que traçou no espaço a órbita, as estrelas, traçou também sobre a terra, um caminho para as almas, para cada alma. O augusto trabalho da Providência está em indicar, em fazer entrar e em manter neste caminho todas as almas. Caminhar nele com amor é a salvação pa-

⁽¹⁾ Luc. 2, 48-51.

ra nós e também a alegria, a felicidade, a beleza da nossa vida. O caminho de Deus é a vocação (1), contrariada frequentemente por aqueles mesmo que deveriam ensinar aos seus filhos o dever de respeitar a vontade de Deus".

Quando um jovem deixa a família para seguir a via comum e estabelecer-se no mundo, o pai e a mãe acham que é natural; de fato, é absolutamente natural e na ordem das coisas. Mas se agrada a Deus reservar algum de seus filhos para si, se chama às honras do sacerdócio um filho, à vocação religiosa uma jovem, quantos pais e quantas mães se insurgem, rebelam-se como se Deus cometesse um roubo e como se o chamamento divino fosse uma imperdoável culpa!

Que sucede então? Ou o jovem parte dizendo: "Deus antes de tudo", ou pela falta de energia, perde a sua vocação e corre, para o tempo e para a eternidade, toda a espécie de riscos. Pode-se imaginar que os pais pensem, sem tremer, em reter para seu exclusivo proveito a parte do Supremo Senhor? Pode-se crêr que tomem uma tão tremenda responsabilidade? Também eles devem dizer: "Deus antes de tudo! Deus deve ser servido e contentado primeiro".

Quando Maria chorou por Jesus, encontrou-o; com ela voltou a Nazaré, fez-se humilde aprendiz do carpinteiro José e contribuia, com sua parte, para o bem estar material da família.

Se Deus chama algum dos vossos filhos, não é para restituí-lo depois de três dias, mas, seguramente, não é para fazer-vos uma injustiça. Estai certos: quanto mais vossos filhos trabalharem por Deus, mais trabalharão por vós.

Nos vossos embaraços financeiros, nas vossas enfermidades, nas vossas preocupações domésticas, que podem, na maior parte dos casos, fazer os vossos parentes, os vossos vizinhos, os vossos amigos? Pouca cousa, na verdade! Mau

P. Maria Bernardo O. F. M., Madre Maria da Paixão.

grado os esforços sinceros deles, o vosso comércio periga, a vossa saúde se arruina, o vosso coração recebe muitas feridas que fazem sangrar. Aqueles que nos rodeiam podem fazer pouco!

Ao contrário, tudo pode Deus. E aqueles que são de Deus, são potentes! São também amorosos. Não se vive em companhia do Amor sem aprender a amar, mas a amar longa, forte, poderosamente. Ouso dizer: ninguém ama mais a sua família que aquele que a deixou por Deus e nenhuma pessoa atrai sobre ela mais bens naturais e sobrenaturais... com a condição de ser verdadeira e completamente de Deus.

* * *

Na Savoia, num município vizinho ao Annecy, morava a família Verjus: "eram pobres, mas amados por Jesus".

Aos três anos, Henrique, o futuro Bispo de Limira, inscrito na obra da Santa Infância, dizia a sua mãe: "Mamãe, eu serei padrinho de um chinezinho!" Este pequeno botão de homem era violento, ousado, turbulento, briguento; isto, porém, não o impedia de ser correto e o mais obediente dos alunos.

Em 1870 morreu-lhe o pai. Com a morte entrou naquela casa a miséria. Um dia, pensando na sua penúria, a pobre viuva molhava com suas lágrimas um trabalho de costura. Henrique aproximando-se da parede, tirou o Crucifixo que estava pendurado, colocou-o sobre os joelhos da mãe, e lhe disse: "Olhe, mamãe,Nosso Senhor sofreu mais que nós!"

Quando souberam da triste condição desta família, as Irmãs de S. José propuseram à mãe vir morar na sua chácara e ocupar-se das suas coisas: tecelagem e remendos. Foi um socorro providencial; a mãe aceitou e Henrique tornou-se o pequeno sacristão da capela. O seu comportamento na oração, as suas longas permanências diante do taberná-

culo, a sua maneira de ajudar a missa chamaram a atenção das religiosas.

Uma delas, suspeitando que Deus tivesse desígnios sobre esta alma, disse-lhe um dia:

- Henrique que farás quando fores grande?
- Eu respondeu o menino tranquilamente serei missionário.
- Missionário tornou a Irmã não penses nisso! Para ser missionário é preciso ser instruído, saber latim grego, ciências, teologia e muitas outras cousas ainda!...
 - E depois?
- Depois estarás muitas vezes só no meio do bosque. no deserto, entre as montanhas. Lá estão as feras que te comerão!
 - E depois?
 - Sofrerás frio, calor, fome, sede e todas as doenças...
 - E depois?
- Talvez encontrarás selvagens antropófagos; eles te matarão e comerão...
 - -- E depois?
 - À falta de argumentos a Irmã lhe disse:
 - Mas pobre menino, pensaste nisso?
 - --- Em que, Irmã?
- Uma vez naquelas longínquas regiões não verás mais a tua mamãe...
- Oh, isto é grave! exclamou Henrique, como golpeado no coração.

Com o cotovelo numa mão, a fronte em outra, com a cabeça baixa ele caminhava de um lado a outro, imerso nas suas reflexões. Subitamente parou, cruzou os braços, pousou na Irmã um olhar profundo e em tom com o qual se anuncia uma resolução irrevogável, disse:

— Irmã, serei missionário!

Logo entrou na escola apostólica de Issidum. Ordenado sacerdote na sociedade dos PP. do SS.mo Coração, foi o primeiro apóstolo da Nova Guiné. Sua mãe, a grande cristã que formara o seu coração, cheia de fé e de coragem, dera-o a Deus, porque Deus o queria.

Em uma das paradas do trem que o levava aos "seus caros selvagens" o Pe. Verjus, a lapis com o papel sobre os joelhos, escreveu àqueles que deixava:

"Tenho tempo para mandar-lhes um rápido beijo... Eu choro ainda, choro infelizmente muito; mas o sacrifício que fazemos trará frutos. Adeus, adeus mamãe queridíssima. Abençoe-me ainda... Oh, quanto os amo!..."

Deus o chamava e este filho afeiçoadíssimo não hesitou em partir. Apesar da distância dos perigos da navegação no mar de Coral, da insolubridade deste país do qual se dizia que era ainda habitado por canibais, sòzinho, ele começou a sua obra de conquista apostólica. Sacrificava-se, trabalhava, construia, lançava a boa semente na terra e nas almas, orvalhando com as suas orações, suores e lágrimas, esperando apenas o martírio como prêmio dos seus trabalhos.

"Soframos, soframos — dizia — o sofrimento vai mais longe que a oração".

Foi tão longe o sofrimento, que ele conseguiu conquistar a alma daqueles selvagens; o zelo missionário conquistou-lhe os corações, as almas e deixaram-se converter.

Um dia, a 19 de junho de 1889, na floresta na qual abatia árvores, serrava táboas, traçava estradas, recebeu uma mensagem. Leu: suas mãos tremeram: queriam fazê-lo bispo... Seria possível? Escreveu no seu diário:

"Com as honras não me preocupo; aprendi a desprezálas... Mas a responsabilidade!..."

Obrigado a aceitar, recebeu a nomeação como uma vítima. Mas para resgatar as almas, ele tinha em pouca conta as próprias necessidades e breve a sua saúde combaliuse: "Uma tosse, vinda de não se sabe que caverna profunda, oprime-o, despedaça-o... A garganta está doente,

o estômago arruinado e os pulmões perdidos". Obrigado a voltar à França, morreu em Marselha em 13 de novembro de 1892, entre os braços da mãe, que banhada em lágrimas estava à sua cabeceira, como Maria sobre o Calvário, aos pés da cruz de Jesus.

Mons. Verjus, mártir do seu apostolado, tinha 32 anos. (1)

* * *

Ó Maria, ensinai-nos a respeitar o chamado de Deus. Fazei que cada um de nós seja fiel aos deveres da vocação sua própria. E depois boa mãe, vós que sabeis o que se sofre quando se perde Jesus, preservai-nos desta desgraça; e, se um dia, por infelicidade, isso acontecer, ajudai-nos a procurá-lo, a encontrá-lo e a conservá-lo para sempre!

⁽¹⁾ Da « Vida».

A oração de Maria

"É rezar pouco, rezar sòmente: quando se está ajoelhado".

(Cassiano)

Se existe sobre a terra uma coisa que se possa chamar sublime, esta é a expansão recíproca de duas almas que se amam.

Ora, a oração, a verdadeira oração não é mais que isto: é a expansão, é o coração a coração de dois amigos, sentindo um, toda segurança, confiança, abandono e doçura pela infinita perfeição do outro. Na oração a alma se expande em Deus; e Deus se expande na alma, que recebe todo o proveito desta maravilhosa intimidade.

Os judeus não conheciam este gênero de oração. Eles viviam com religião, mas só externamente. As atitudes, as fórmulas, os cantos e as sinfonias sucediam-se: todo ato da vida estava unido a um ato religioso, mas era um ato exterior no qual o coração não tomava parte. Por isso o Salvador disse: "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim".

Para oferecer a Deus a adoração devida, imolavam-se animais. Para purificar-se, multiplicavam-se as abluções. Para pacificar Jeová, para dar-lhe graças, para obter os seus favores entoavam-se salmos, hinos, cânticos: tudo is-

so era belo e bom, mas enquanto os fariseus se industriavam em não omitir um jota de certas minúcias, até puerís, o seu coração conservava-se duro, vingativo, orgulhoso. Censuraram Jesus por ter curado um enfermo num dia de sábado, como se a caridade fosse menos que o sábado e tudo o mais.

Desprezavam o publicano, que na sua humildade se punha ao fundo do Templo e jatavam-se orgulhosamente de não ser como este e como os outros homens.

Maria estivera na escola dos fariseus: acolhera respeitosamente no seu coração todas as suas lições; não esquecia o que aprendera deles e mostrava-se fiel e respeitosa a todas as prescrições da Lei; mas como a sua oração era diferente da deles! "Os salmos, poesias populares, esplendor de imagens, ruflar de asas, gritos desesperados de almas feridas" saiam do seu coração; os versículos saiam da sua boca como flechas inflamadas de amor. Seus olhos. seus lábios, suas mãos, seus joelhos acompanhavam as palavras: era a alma que guiava o corpo. Era a alma que dobrava os joelhos que juntava as mãos, que abaixava as pálpebras ou que lançava os olhares até o céu. Era a alma que se elevava a Deus, arrastando todo o corpo. Era a alma de Maria que adorava o Único adorável, que pedia perdão pelos pecados dos outros, pelos nossos pecados, por nós, pelos meus pecados, por mim mesmo, porque a "Toda Pura" jamais cometera pecados; era a sua alma que cantava o seu agradecimento por todas as graças recebidas e que se abria ao máximo para receber tudo aquilo que solicitava com ardor, porque ela sabia: por maior que seja, todo o dom que não é infinito, pode ser aumentado. A divinização, eis o que ela pedia sempre por si e que pede agora por nós: a glória de Deus, o advento do seu reino a salvação do mundo, o cumprimento da vontade divina. Eis o tema das orações de Maria. Deixava ao Altíssimo, ao infinitamente bom, o cuidado de acrescentar o resto. Os fariseus não sabiam rezar, porque estavam cheios de si; Maria sabia rezar porque estava cheia de Deus.

E nós sabemos rezar? Sel eu rezar? a minha oração é uma fórmula desprovida de alma?... A minha voz não é talvez um pouco como a voz de uma vitrola que se faz ouvir diante de um rei, com o mesmo tom com que se faz ouvir diante de um escravo? Também em mim a religião deve penetrar toda a vida. Também eu devo recitar salmos e cantar hinos; também eu devo tomar parte no divino sacrifício. Na santa missa o sacerdote repete as palavras que Jesus pronunciou durante a sua vida mortal. Devo unir-me a ele: a minha voz deve responder à sua: a missa dialogada é a participação ativa no Santo Sacrifício. Na prática isso não é conhecido suficientemente; a gente se cala quando deve falar. Na missa o padre dobra os joelhos, inclina-se, levanta-se, estende os bracos. mãos. Também eu devo ajoelhar-me, inclinar-me, levantarme, bater no peito, para que o meu corpo dê glória a Deus, seu Criador e Senhor, mas o corpo só é incapaz de prestar este culto. A alma pode rezar sem a participação do corpo, mas este não reza sem a participação daquela. A posição, os ritos, as fórmulas, têm o escôpo de impressionar os nossos sentidos a fim de comover os nossos corações, mas não é por esse meio que se reza: o amor é que reza. Se o coracão está ausente, não há amor, não há oração.

Os nossos cantos, "as nossas luzes, o nosso incenso, as nossas procissões são inúteis a Deus"; Ele não recebe nenhuma glória dos muitos louvores vocais vazios de pensamentos que lhe são dirigidos da terra; mas tudo isto deve ser feito por nós, não para Ele, "mas porque somos um composto de alma e de corpo e estes são os meios para chegar ao fim, isto é, à união, ao amor.

"Eis um homem que da religião só conhece as práticas externas. Acha-a fria e, se encontra ocasião, exime-se das práticas. De fato, que outro conceito poderia ter? As relações entre os homens, não são insípidas e não sofrem cri-

ses, quando se reduzem a simples fórmulas de conveniência ou a expressões reguladas pelo uso? A religião não é uma cerimônia ou uma etiqueta: é uma amizade". (1)

A religião é uma amizade, e a oração é a conversação íntima de dois amigos. Se alguém ousa dizer que a pretensão de uma amizade com Deus é uma irreverência, responderemos que a culpa é dele. Foi ele quem veio a nós depois de despojar-se da sua grandeza para assemelhar-se melhor a nós e para vencer as nossas tímidas hesitações; foi ele quem se colocou e mora nas nossas igrejas e, além disso, reza também dentro de nós mesmos. Diante destes fatos, seria irreverência não levar em conta tais provas de amor e recusar-Lhe a nossa companhia.

Sem dúvida ele reconhece, pois impôs-nos deveres para cumprirmos, que não podemos passar o dia todo diante do Tabernáculo. Direi melhor: não devemos fazê-lo; mas podemos, também, com as nossas múltiplas ocupações exteriores, recolhermo-nos em nós mesmos e dizer a Deus, sem mover nossos lábios: "Não vos esqueço, penso em vós faço a vossa vontade, ó meu Dus, e amo-vos com todo o coração"! É bastante! E' assim que a nossa vida se torna uma oração.

Quando viveis afastados de um pai, de uma mãe, de um filho, de um amigo querido que corresponde ao vosso afeto, não podeis conversar com ele, mas o vosso coração vos leva frequentemente ao seu lado e perguntais: Como estará? Que fará? Estará contente? Terá sofrimentos? Quero escrever-lhe; quero ter suas notícias e quando tiver ocasião irei vê-lo. Durante a espera quero fazer qualquer economia e oferecer-lhe-ei aquele objeto que deseja.

Desse modo, viveis, sem suspender vosso trabalho, antes, intensificando-o, com o pensamento e o coração perto dele e vos sentis mais próximos a este ser caríssimo do que àqueles com os quais estais em contacto durante o dia.

⁽¹⁾ R. P. Pinard, o. c.

Sem vê-lo, viveis a seu lado; é o coração que o torna presente.

Eis precisamente o que devemos fazer com Deus. Verdadeiramente, o Amigo não está longe, mas esconde-se e para nossa fraqueza humana é uma espécie de ausência o não poder vê-lo. Se o amamos, pensamos nele, desejamos saber tudo o que lhe diz respeito e perguntaremos: Está contente? Ama-me? É honrado? Não está ofendido? Entre os que me são caros não existe alguém que o esqueça? Ninguém que o ultraje?

E acrescentaremos: se pudesse, com o meu trabalho, minhas lutas, minhas penas, por meio dos meus sofrimentos obter alguma graça de salvação para as almas que não pensam em pedí-la... para aquela alma em particular que me preocupa. E assim atenderemos às nossas ocupações levando este desejo no coração.

A este desejo, Deus nunca deixa de responder; nestes desejos Deus encontra a prova do nosso amor por ele e aquilo que ele ama: o amor de Deus e o amor do próximo. Quem sabe? Por estes desejos que são uma oração, talvez hoje, sem que o saibamos, será salva uma alma. Se este desejo persiste, talvez amanhã, na remota Índia, um pagão pedirá o batismo antes de morrer. Por este desejo renovado, talvez, dagui a dez anos, uma vila do Sul da África receberá um missionário e se converterá. Talvez dentro de vinte, trinta, cem anos, todas as ilhas da Oceânia, abrirão os olhos à luz da fé; talvez, multidões de pagãos tornar-seão filhos fidelíssimos de Deus e da Igreja. Só no céu conheceremos o poder de uma oração verdadeira. Entretanto, há casos, mesmo na terra, que nos demonstram em parte, esta potência de intercessão. A vida daqueles que podemos chamar "Criaturas de oração" prova o que dizemos.

Próximo a Maria, ser de oração por excelência, sem temor, podemos colocar S. João Maria Vianney, cura d'Ars.

Quando no fim da sua vida o santo cura de Ars cevia passar dezesseis e até dezoito horas no confessionário, para ouvir, absolver, aconselhar todos os que, de todas as partes do mundo vinham abrir-lhe a alma, o santo lamentava-se de não poder rezar como desejava".

— "Como era feliz quando não tinha outra cousa para fazer senão levar ao pasto meus três carneiros e o meu burrico!... Naquele tempo podia rezar comodamente... Se pudesse cultivar as almas dos outros e ao mesmo tempo pensar na minha, rezar, meditar, como quando cultivava o campozinho do meu pai, ficaria contente! Naquele tempo tinha algum retalho de hora; repousava-se depois do almoço, todos os dias antes de trabalhar e eu estendiame na terra como todos os outros e rezava a Deus com todo o meu coração! Que belos tempos!"

Eram belos tempos!... ora, para o s.r Vianney não era mais o belo tempo mas para as almas, sim, era na verdade belo tempo!

Depois do dia no qual o Arcebispo de Lião lhe dissera: "Caro amigo, fostes nomeado cura d'Ars: é uma pequena paróquia onde há pouco amor de Deus; vós lho dareis", depois daquele dia, digo, não houve mais repouso para o santo cura!

Na paróquia aonde fora enviado, a religião tinha decaído bebia-se mais do que o normal, praguejava-se e pouco se rezava; frequentava-se mais o baile que a igreja. O pobre cura consternou-se e o seu coração chorou como choraram os seus olhos; mas logo dissera: "Devo convertêlos!" Fui encarregado; é, pois, preciso que os salve. E sentiu a certeza de que os salvaria. Os santos de nada duvidam porque não duvidam de Deus.

Sem demora meteu-se à obra. Antes do alvorecer descia do seu quarto e com a lanterna na mão atravessava o cemitério, entrava na igreja e, sem apoiar-se, ajoelhava-se diante do altar. Dobrava os joelhos diante do Tabernáculo, unia as mãos, estendia os braços, rezava, chora-

va, gemia e falava alto. "Meu Deus, suplicava entre lágrimas, concedei-me a conversão de minha paróquia; consinto em sofrer tudo que quiserdes por todo o tempo da minha vida, contanto que eles se convertam". E todos os dias fazia o mesmo.

Enfim, suspeitou-se destas visitas noturnas; observava-se o brilho da luz através dos vidros; viu-se que Vianney passava os dias e parte da noite na igreja, que nunca recusava esmolas, que não fazia provisões para a sua mesa e perguntava se por fim, com que podia ele viver. A curiosidade despertou; ia-se mais frequentemente à missa; alguns aceitavam os seus convites e voltavam à tarde para recitar com ele o terço e outras orações; depois começaram a aproximar-se da mesa sagrada; os corações abriram-se; um núcleo cristão se formou em redor deste padre que era um simples padre, mas que o era completamente.

Desde este momento os paroquianos são atraídos por Vianney. Eles diziam: "Nosso cura não é como os outros!" Falavam orgulhosamente do seu pastor "que nada come, que não dorme, que dá tudo, que reza como ninguém rezara, que celebra a missa como um anjo, que embeleza a sua igreja". (1)

Começou-se a dizer: "E' um santo". Das paróquias vizinhas vinham vê-lo e repetia-se: "E' um santo!" Já não eram sòmente os habitantes de Ars e dos arredores que vinham procurar Deus na igreja desta pequena vila: era toda a diocese, era a França, era todo o mundo. No último ano da sua vida, cem mil pessoas vieram consultá-lo.

Como pôde este padre tímido, ignorante, mover o universo inteiro?... A resposta é simples: "O cura era amigo de Deus e rezava!... A oração vai longe; a oração vai alto; a oração é onipotente!"

Que haja em todas famílias, uma alma cheia de Deus! Ela encherá a casa. Vivendo neste ambiente, sem querer,

⁽¹⁾ Gheon, O cura d'Ars.

todos serão impregnados; pouco a pouco sob o seu benéfico calor, ver-se-ão abrir os corações fechados; Deus aí entrará e fará a conquista.

* * *

O' Maria, ensinai-nos; ensinai-me o segredo da verdadeira oração, da oração contínua, perfeitamente compatível com todos os deveres e nada fatigante. Que haja nos meus colóquios com Deus, menos fórmulas estudadas, porém mais atos de amor. Ensinai-me a orientar toda a minha vida para Deus e a fazer de cada um dos meus passos, de cada um dos meus movimentos, e de cada uma das minhas respirações, uma oração que diga: "Jesus e eu rezamos juntos". O' Maria, vós que soubestes rezar tão bem na terra, ensinai-me a orar.

0 bom conselho

"Fazei tudo o que Ele vos disser".

Em Caná, pequena vila situada a uma légua de Nazaré, no fundo de um vale, celebravam-se umas núpcias e Maria fôra convidada.

Havia dois meses que ela não tinha notícias do seu Filho; ignorava o que sucedera: o seu batismo e os prodígios que o acompanharam, os quarenta dias de jejum, os esforços de Satanás para sondar o mistério da personalidade de Jesus que começava a inquietá-lo, e os primeiros discípulos que já se haviam dedicado a ele, sem saber ainda que um dia seriam os seus apóstolos.

O coração terníssimo da Virgem sofria com esta longa e primeira separação; mas longe de afligir-se, de disputar seu Filho a Deus, ela unia-se com toda a sua alma aos atos do seu Filho divino, vindo do céu para salvar o mundo. Ninguém devia ser pôsto por ela ao par dos eternos desígnios sobre os quais ela não fôra antecipadamente instruída; Maria continuava a levar uma vida comum; por isso aceitou o convite e fôra às núpcias.

Jesus também, saindo do deserto, viera com os seus primeiros discípulos. Certamente estes últimos não foram convidados, mas no Oriente honra-se a família, aumentando, nas núpcias, o número dos convidados, como fazemos com os funerais.

Se depois dos quarenta dias de rigorosa penitência Jesus fôra a Caná, não o fizera sem razão. O que sucedeu em seguida prova-o. Ele fôra por sua Mãe, pelos jovens esposos, por seus discípulos, por nós.

Em Caná, como em toda a parte, a conduta de Jesus é um ensinamento. Antes de tudo quer que se saiba bem, e ensina-o com seu exemplo, que a santidade, quando não se trata de vocação especial, não consiste em passar a própria vida só, no fundo de um deserto. Há tempo para cada coisa: depois do jejum, do silêncio e da oração, vem o consolo que pode ser perfeitamente uma oração contínua soboutra forma. "O homem não é um anjo nem uma besta" disse Pascal; é corpo e alma; é preciso recordar-se disso e dar a um e a outro o que reclama a respectiva natureza. Ora, o corpo tem necessidade de um alívio: o arco se despedaça quando está sempre têso; Jesus viera para glorificar as sãs alegrias da família.

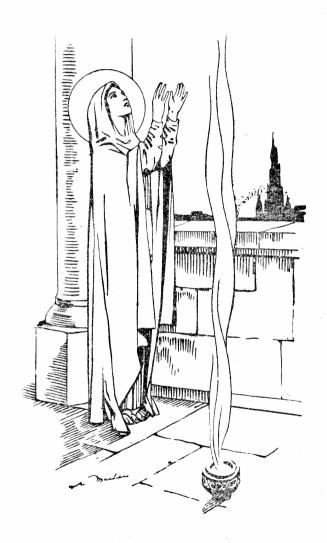
Fôra também por uma outra cousa: o matrimônio instituído por Deus desde o princípio do mundo, e uma cousa santa; Jesus fôra para ser testemunha da união legítima do homem e da mulher que têm o dever de perpetuar a raça e para elevar o contrato natural à dignidade sobrenatural de sacramento.

Mas os deveres de família são pesados e os esposos sabem disso desde os primeiros dias.

Entre os judeus, as núpcias duravam sete dias e o número dos convidados ultrapassava frequentemente o previsto. Isto aconteceu em Caná. Enquanto em tôrno da mesa os convidados riam, bebiam e comiam alegremente, as pessoas da família e o chefe de serviço trocavam olhares inquietos.

Maria tudo percebeu e o seu coração vigilante compreendeu: a família era pobre e faltava vinho.

Na intimidade, poderiam privar-se e suportar dignamente a sua miséria... mas em público!... e durante um banquete de núpcias!...



Maria compreendeu e sentiu que a pobreza deshonrosa é especialmente comovente. O coração bondosíssimo da Virgem adivinhou o tormento de seus hospedeiros e preveniu sua confusão. Prontamente, com o amor que inspirava todos os seus atos, ela se inclinou para o seu filho e, baixinho, murmurou-lhe ao ouvido:

- Eles não têm mais vinho!

Maria nada pedira; mas Jesus viu um desejo naquela simples informação. Todavia a sua resposta não fôra animadora:

— Mulher (1) que podemos nós, vós e eu? A minha hora ainda não é chegada.

Jesus sabia que tudo podia, mas deixava entender que era ainda muito cedo para prová-lo.

"Eu vos pergunto, diz Bossuet, que interêsse toma o Mestre pela sobriedade, para que a companhia não seja degradada pelo vinho. Uma obra desta natureza será o seu primeiro milagre?"

Mesmo assim: uma obra desta natureza será o seu primeiro milagre, porque Maria é quem deseja este milagre; porque Jesus não rejeita os desejos de Maria, porque o coração do filho não fica insensível ao coração da mãe, que tem pena dos outros.

Jesus sabia o que queria fazer, mas nada dissera. Maria não insistiu: ela conhecia o seu Filho.

— Fazei tudo o que Ele vos disser: disse simplesmente aos servidores, indicando Jesus.

Não obstante a sua aparente frieza, Jesus não deixa os seus amigos na aflição. As criaturas prometem mais do que dão; Jesus, pelo contrário, dá mais do que promete. Em Caná nada prometeu mas voltando-se aos servidores disse:

Enchei os vasos de água.

Os servos obedeceram e se a aflição dos esposos esca-

⁽¹⁾ No Oriențe um filho dizia «mulher» à sua mãe, como os reis, dizem «senhora» à sua mãe.

para aos convidados, o milagre não escapou. O vinho contido nos vasos era de tal qualidade que todos queriam saber de onde proviera. Para todos, a maravilha igualava ao prazer. Para os discípulos de Jesus, o milagre foi uma graça de luz: "Eles creram nEle" desde aquele dia.

No milagre realizado, qual é o papel de Maria? E' aquele que será sempre até o fim dos séculos: o papel de mediadora entre Deus e os homens.

Em Caná, se Maria entrou na intimidade das preocupações da família, não foi para satisfazer uma curiosidade malsã; se tomou interêsse e parte nos seus afazeres e nos seus embaraços, não foi por indiscreção nem para tagarelar com um ou outro, mas para favorecer os seus amigos. Discretamente, sem ofender a sua dignidade, sem chamar a atenção de quem quer que seja, ela procura o socorro onde se encontra: não dá o que falta, mas o obtem.

Embora seja mãe, Maria não manda em Jesus: reconhece-se infinitamente inferior a Ele, mas sabe também que seu Filho a ama e que o menor dos seus desejos têm sobre o coração deste Filho-Deus a força de uma ordem.

Maria não abusa da sua confiança, mas serve-se dela; serve-se não só para si, mas em favor dos outros. Serviu-se dela em Caná e serve-se para nós. Mãe adotiva da humanidade, conhece todas as necessidades: penas de família, cruzes pessoais, sofrimentos do corpo, perigos para a alma; nada deixa-a indiferente; todas as nossas necessidades tornam-se dela; ela as expõe a seu Filho com emoções e ternura: não tem mais pão não tem vestidos, não tem této, não tem saúde, não tem um ponto de apôio, não tem amigos, não tem alegrias, não tem paz, não tem virtudes não têm segurança para a eternidade.

Jesus ouve, Jesus olha... Jesus cala. Em que pensa? Este impressionante silêncio força o nosso exame de conciência: convidamos sua mãe como os esposos de Caná?... Demos-lhe permissão de ocupar-se das nossas coisas?... Também a nós Maria diz: "Fazei tudo o que Ele vos dis-

ser". Seguimos o seu conselho? Fazemos o que Jesus nos diz?... Recordamo-lo ao menos?... E' cousa de capital importância.

O Mestre nos diz: "Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça; o resto vos será dado por acréscimo".

Em Caná, a vontade de Deus fora que se enchesse de água os vasos. Nada mais simples, mas nada de menos necessário para inspirar a confiança. Se os servos tivessem recusado encher os vasos, não teriam conseguido haurir o o vinho.

Para obter é preciso crêr e para crêr, antes de mais nada é preciso obedecer, dobrar a razão. Todos os atos de fé começam com um ato de obediência e de humildade. O milagre é obra de Deus que o concede quando vê que é útil, mas, ordinàriamente, o milagre é a recompensa da fé. É necessário crêr no poder de Jesus Cristo que, como homem é inferior ao Pai, mas como Deus é igual. Como homem, pede; como Deus, concede...

Para Maria, crêr era fácil: a sua fé baseiava-se na experiência. Em grau menor é o que também sucede com os santos. A fé para eles torna-se mais fácil cada dia, porque todos os dias cresce neles a experiência na ação divina. Eles sabem e não duvidam que tudo é possível a Deus.

Mas pergunto-me: sobre o que se baseiava a fé dos servos? Jesus não dera ainda nenhuma prova da sua potência maravilhosa. Obedeceram maquinalmente, vendo que não havia nada de melhor para fazer? Estavam talvez providos de uma graça interior, que os dispunha à confiança? É possível; todavia o certo é que encheram os vasos e com sua obediência tornaram possível o milagre.

Para que as pessoas de Caná tivessem vinho e para que o céu nos conceda o que pedimos por nós e pelos outros, é preciso prestarmos o nosso concurso, é necessário que nos submetamos à vontade de Deus; é imprescindível crer que esta vontade é sapiente e boa; é preciso ao menos crer e provar obedecendo, isto é, humilhando-nos.

"Um ato de fé pronunciado sem convicção, com lábios trêmulos, pode armar a alma contra as vertigens da dúvida. O homem, na hora destas grandes batalhas, parece mentir, porque sabe que as suas palavras ultrapassam o seu pensamento enquanto, pelo contrário, pronuncia uma verdade suprema, de acordo, não consigo mesmo, mas com uma voz que fala nele e que o guia sem que ele suspeite.(1)

Reconhecer que há uma infinidade de coisas absolutamente incompreensíveis ao espírito humano e inclinar-se respeitosamente, ultrapassando os limites da razão e da inteligência, els o procedimento principal da fé". (2) Procedimento mais modesto e mais sinçero que o dos heréticos e dos ateus. Estas coisas misteriosas superiores a nós, não se discutem: sentem-se; o coração vai além da razão. O que o espírito não compreende, o coração adivinha, porque é no coração que Deus reside e não na cabeça. Amemos e creremos.

Para começar, vamos a Maria e ela nos conduzirá a seu Filho. Conduzir as almas a Jesus é a sua missão. Amemos Maria e ela nos ensinará a conhecer Jesus, a crer nele e a amá-lo. Tenhamos confiança em Maria, a Toda Boa, a Toda Misericordiosa, a Toda Poderosa.

O que Maria deseja, o Filho pede e o Pai concede-o. Vamos a Maria, amemos a Maria, confiemos as nossas penas a Maria. Então saberemos crer, obedecer e saberemos arrancar de Deus as graças e os milagres. Então obteremos nas almas transformações mais maravilhosas que a mudanca da água em vinho.

* * *

Uma das transformações de alma, fato absolutamente histórico e surpreendente, é o do capitão dos "Dois Sóc.os", barco que servia para o transporte dos negros

⁽¹⁾ E. Helio. Do nada a Deus, vol. I: A vertigem diante do Absoluto.
(2) Mons. Bougaud. Santa Mônica. c. 10.

e sobre o qual, sob o Terror, centenas de sacerdotes e religiosos, condenados ao exílio, foram mortos de fome e de miséria. Lally era o nome do bruto que comandava uma das prisões flutuantes ancoradas na Ilha de Alix, na enseada de Rochefort.

De todos os monstros que então perseguiam os ministros da religião, Lally foi certamente um dos mais ferozes. Não se pode ler sem sentir o coração rebelar-se de horror, as indignidades, os ultrajes, as torturas que infligia a estas vítimas do ódio religioso.

Na estiva da prisão flutuante, infetado pela febre amarela e outras doenças (1) havia lugar para quarenta pessoas; entretanto Lally com o sabre em punho, punha ai até quatrocentos padres. "Avante, celerados, gritava, entrai; haja lugar ou não, entrai senão vos mato!"

Para justificar a sua crueldade, Lally dizia mais tarde:
—"Aqules padres haviam sido cancelados do livro da
república; disseram-me que era preciso fazê-los morrer sem
barulho no silêncio do oceano... e eu o fazia!"

Sim, e como o fazia! Pois que não tinha o registro de bordo crendo sem cúvida que o regime do Terror fosse eterno, não lhe foi mais possível dizer quantos padres foram mortos e jogados no mar pela sua odiosa crueldade.

O Terror não era eterno: terminou logo e o miserável jacobino, caiu com a sua família na mais desolada miséria. Este homem execrável, repelido em toda parte e por todos, não podia mostrar-se em público e devia ficar fechado em sua casa, preso à uma tristeza que se aproximava muitas vezes do desespêro.

O capelão do hospital de S. Martinho do Rei, tomado de compaixão por este miserável pecador, tentou muitas vezes levantar-lhe o ânimo, mas Lally respondia com injúrias. Todavia, um dia, contra toda a expectativa o bom sacerdote viu-o entrar na igreja... Abatido, humilhado,

⁽¹⁾ Cfr. Os mártires de Maria.

arrependido o miserável confessou suas culpas, recebeu a absolvição e readquiriu a paz.

De onde podia vir uma transformação semelhante? Logo se soube. Lally recebera do céu uma boa e piedosa mãe, que diante de Deus derramava as suas lágrimas e efundia suas orações pela salvação do filho. Sentindo que se aproximava o seu fim, esta piedosa mãe, mandou-o chamar ao seu leito de morte e fê-lo prometer que recitaria todos os dias uma Ave Maria. Por mais bruto que fosse, Lally amava sua mãe e por isso para dar à moribunda uma última consolação, prometeu. Para manter esta promessa, também no paroxismo dos seus furores revolucionários, repetia fielmente todos os dias: "Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte".

Todo bom conselho vem de Deus e é uma graça que não se deve desprezar. Lally, sem pensar na graça, havia cooperado, obedecendo ao desejo da moribunda. Esta mãe cristã mandara seu filho a Maria; Maria apresentou a Jesus as numerosas Ave Marias deste pecador que lhe recomendara sua última hora; Jesus obtivera do Pai o arrependimento e o perdão que Maria fez descer na alma deste desgraçado, regenerado pela sua intercessão...

* * *

Santa Maria, mãe de Deus e mãe minha, dignai-vos rogar também por mim. Às pessoas de Caná faltava o vinho; a mim falta tudo e sobretudo virtudes.

Virgem do bom conselho, Virgem do bom socorro, Virgem sorridente, afável, sempre pronta a prestar serviço; Virgem mediadora de todas as graças, olhai dentro da minha alma. Observai o que falta e mostrai-o a Jesus, que o conseguirá de seu Pai, porque eu vos prometo, farei tudo o que Ele me disser.

Maria e os milagres

"O grande papel de Maria é o papel de orante; reza e obtém. Ela se volta para nós para ver as nossas. misérias e volta-se para seu Filhopara mostrar-lhas".

Depois que a piedade filial de Jesus concedeu a Maria o milagre que ela desejava em favor dos jovens esposos de Caná, a Virgem viu seu Filho deixar Nazaré para dirigirse às margens do lago de Genezaré.

Chegara o momento de sair da sombra; sabia-se que Jesus era homem, mas ignorava-se que era Deus. Antes de dizê-lo, convinha prová-lo, e antes de tudo, àqueles quequeria tomar para si, depois a todos os outros.

Perto de Cafarnaum Jesus encontrou aquele que sechamava Simão e a quem chamara Pedro, porque era sobre ele que resolvera fundar a sua igreja.

 — Simão, disse Jesus, vai um pouco ao largo e lança as redes.

Com o máximo respeito Simão respondeu:

— Mestre, pescamos a noite toda sem nada conseguir; todavia, em teu nome, lançarei as redes... e fê-lo imediatamente. As redes encheram-se tanto que para retirá-las foi preciso o auxílio de André, seu irmão; não só, mas a pesca foi tão abundante que a barca não era suficiente... Tiago e João, que estavam próximos, conduziram a

sua e ambas encheram-se de tal modo que ameaçavam afundar.

Pedro reconheceu logo que se achava diante de um milagre. Teve medo e, lançando-se aos pés deste homem extraordinário, disse:

— Senhor, afastai-vos de mim porque sou um homem pecador.

Mas Jesus o sossegou:

- Não temas: de ora em diante serás pescador de homens!

A partir daquele instante, Pedro, André, Tiago e João seguiram Jesus e foram testemunhas dos seus atos e das suas palavras; depois, outros discípulos foram testemunhas também.

Jesus passa e como havia predito setecentos anos antes o profeta Isaias: "Os cegos vêm, os aleijados caminham os mudos falam, os surdos ouvem, os leprosos saram, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados. (1)

Os pobres!... até então ninguém se ocupara deles a não ser para servir-se deles como bestas. Esta infâmia, contrária à justiça e à lei de Deus, Jesus quer que cesse como a dominação de Satanaz que a inspira. Jesus viera para todos, mas fôra para os pequenos, para os pobres, para os oprimidos antes de tudo. E' àqueles que sofrem que dá, antes dos outros, a prova do seu amor. Desde o início Jesus afirmava o seu império sobre a terra, sobre o mar, sobre o inferno e Satanaz que se via constrangido a abandonar os corpos que escolhera para seu domicílio. E todos estes milagres, todas estas provas de poder eram ao mesmo tempo provas de bondade. Ele viera para consolar a todos que sofrem; veio para ensinar a amar e, para começar, provou que o seu poder se estende sobre todas as criaturas.

⁽¹⁾ Isaias, 30, 5; 61, 1-5.

Este poder universal e soberano, Jesus o comunicou aos pobres pescadores de Galiléia que tornou seus discípulos. Tudo o que Ele fez pessoalmente, também eles o fizeram; eles também fizeram milagres; mas notai bem a diferença: Jesus dizia: "Eu quero: sê curado!", os apóstolos, porém diziam: "Em nome de Jesus de Nazaré, levanta e caminha!" Jesus opera por virtude própria; os apóstolos pela virtude de um maior que eles, pela virtude de Jesus. Deus e homem ao mesmo tempo.

E Maria que milagres faz?

Maria, durante a vida de Jesus não fez nenhum milagre. As mais das vezes nem assistiu os milagres de seu filho; Ele não a convidara a seguí-lO e nenhum milagre operou em seu favor.

Falo dos milagres visíveis, pois bem sabemos que a vida de Maria estava plena dos invisíveis. E eis o que, segundo a minha opinião, se aproxima do milagre: ela, a mãe viuva, deixada, abandonada na aparência, não se admira, não se queixa, não se ofende e não censura o seu Filho por preferir os estranhos. Pergunto a todas as mães: "Que pensais disto?" Para mim é um milagre de abnegacão, um milagre de olvido de si; é o milagre da humildade que a põe ao abrigo de todas as ofensas: é o milagre da fé que expande na alma em estado de graca uma luz proporcionada à sua virtude. Maria é toda pura, portanto, via, compreendia, acreditava que devia ser assim. Não fôra sòmente por ela que Jesus viera à terra, mas pela humanidade inteira: seu Filho quer salvar todos os homens e só Ele sabe qual é o meio; Maria deve, quer associar-se a esta obra, mas com discreção: humilde serva do Senhor, não aparecerá, não embaraçará, saberá ficar à sombra e sem mostrar-se com sua oração, com seus sacrificios, com sua imolação silenciosa sem que ninguém perceba, unida a seu Filho Redentor, salvará almas. Mas não fez milagres quando os apóstolos os faziam!

Oh! se soubéssemos, como Maria, aceitar ser postos de

lado! Se soubéssemos trabalhar em segredo quando as circunstâncias não nos permitem utilizar os nossos talentos e as nossas iniciativas! Que vida potente e eficaz seria a nossa! Quanto bem faríamos sem ver e sem saber!

Mas a nossa impaciência não se resigna ao dever delineado: queremos ver, saber o que fazemos por Deus; se nada vemos, parece-nos que nada fizemos e entristecemo-nos, agitamo-nos, aborrecemo-nos. Muitas vezes imiscuimo-nos nos afazeres que não são nossos e com a nossa impaciência, nossas murmurações, nossa pressa inoportuna, embaraçamos a obra de Deus e a nossa ação diminui os nossos méritos, em vez de aumentar a nossa santidade. Permaneçamos na sombra quando o bom Deus aí nos põe. Foi na sombra que Maria cresceu; é na sombra que nós cresceremos.

Embora supondo bom este modo de agir do Filho de Maria, não concluamos que Jesus tenha colocado os seus apóstolos acima de sua mãe e que o seu amor por ela tenha diminuído.

Para o Filho, como para o Pai, como para o Espírito Santo, Maria será sempre a primeira, a mais bela, a mais amada. Mas a sua missão é de mãe: mãe de Deus, antes de tudo, e mais tarde mãe dos homens. Para cumprir perfeitamente a missão de mãe, não é necessário fazer milagres; a mãe é um ser de abnegação, de dedicação, de amor. Para dar-se, para sacrificar-se, para amar, basta ter um coração; os milagres são inúteis.

Diversa era, envez, a missão de Jesus e dos apóstolos. Para eles o milagre é indispensável. Jesus não seria ouvido, nem acreditado, se não tivesse mostrado possuir a autoridade de falar como Mestre e se não tivesse dado as provas exteriores desta autoridade. "O milagre é o gênero de prova mais acessível a todas as inteligências e a manifestação mais certa de um poder superior. Para aceitar uma doutrina é necessário, antes de mais nada conhecê-la e compreendê-la; para constatar, porém, um milagre, basta

ter bons olhos e sentidos sãos. O milagre é o meio mais seguro e pronto para fazer aceitar a verdade e os ensinamentos. Aos olhos da multidão é a manifestação mais evidente da divindade. Os milagres de Jesus provam as suas palavras, glorificam a Deus, testemunham a sua misericórdia para com os homens, a sua compaixão pelas misérias e pelos sofrimentos dos pequenos, dos pobres, dos humildes, dos atribulados aos quais Ele vem para consolar, curar, aliviar, libertar da escravidão; atestam que Ele tem o direito de falar, de expulsar o demônio, de remitir os pecados, direitos que pertencem sòmente a Deus; provam também que Ele tem o direito de modificar a Lei deturpada.

Em resumo, os milagres de Jesus provam que é Mestre e Deus.

Eis porque Jesus fez milagres e eis porque os apóstolos os fizeram: porque é uma coisa necessária. Maria não os fez porque não tem necessidade de fazê-los: Deus não permite milagres inúteis. Em Nazaré e Belém, Jesus correu perigo de morte por ter recusado milagres deste gênero àqueles que pretendiam ter esse direito. Maria não é deste número. Deixando a seu Filho os direitos de seu Pai, ela fica na obscuridade e ninguém duvida que melhor do que os apóstolos, ela trabalha com o Redentor na salvação do gênero humano.

* * *

Felizmente, encontram-se mães e irmãs que compreendem a grandeza e a necessidade deste dever obscuro ligado aos ministros de Deus e que são perfeitas imitadoras de Maria, a mais sublime das mães.

* * *

Depois da sua ordenação sacerdotal, S. João Bosco regressou a sua terra natal (5 de junho de 1841) para abraçar e abençoar a sua mãe; esta santa e generosa mu-

lher que não queria tirar a Deus nenhuma partícula do coração do filho, nenhum minuto do seu tempo, disse-lhe:

— És padre, meu filho; agora estás mais próximo de Deus, mas nada espero de ti. Rezarás por mim todos os dias durante a minha vida e depois da minha morte: isto me basta. Pensa sòmente na salvação das almas.

Ela, a grande cristã, não pensou mais nos sacrifícios que fizera para conduzir seu filho ao altar; não pensava, antecipadamente, em tudo o que ainda deveria fazer longe deste filho, ternamente amado. Faria estes sacrifícios no futuro sem nada lhe dizer, como não contara os do passado; e o jovem padre também não contara os seus. A glória de Deus e o bem das almas era o que procuravam ambos.

Em Turim, a maior parte da juventude operária crescia num abandono moral quase absoluto. As margens do Pó, vivia um bando de meninos, pássaros abandonados pelos pais, que os impeliam à mendicância e lhes ensinavam o ócio e o vício. Eram os candidatos à prisão e à revolução. Nos hospitais os corpos se desfaziam por falta de assistência. Nos subúrbios, bandos de moleques abandonados a si mesmos pelos pais, batiam-se e blasfemavam.

O Santo sacerdote ficou com o coração dilacerado: à juventude do povo ele consagrará as suas forças, a sua vida, o seu coração. Amava os meninos e fez-se amar; queria fazer-lhes bem, por isso voltou-se para Nossa Senhora afim de que, sem demora, isso se tornasse possível.

A 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, a Virgem mandou-lhe na sacristia, onde D. Bosco se preparava para celebrar a missa, a primeira alma a conquistar. Era um jovem alto, de dezesseis anos, aprendiz de mecânica, que entrava por curiosidade. O sacristão o expulsara, mas o sacerdote chamou-o, falou-lhe com o coração, fê-lo assistir a sua missa, deu-lhe a primeira lição de catecismo e disse-lhe que voltasse.

O jovem voltou, mas não estava só. No domingo se-

guinte eram nove; depois de alguns meses, oitenta; depois cem, depois quatrocentos: o coração atrai corações. Foi o coração de D. Bosco que criou a obra que chamamos "Oratório". Mas o oratório estava exposto a todos os ventos. O fundador não tinha dinheiro em casa. Este pequeno mundo de jovens, aprendizes e alunos, não se perturbava por tão pouco: era o padre que eles procuravam e ele estava sempre lá. Mas ele, o querido sacerdote, tinha preocupações: onde reunir toda esta juventude?... Reunia-os dentro de um páteo, depois entre dois muros, depois num prado. Mas de toda a parte expulsavam-no. Eram sem dúvida, bravos meninos, mas barulhentos, turbulentos, devastadores. Eles deixariam tudo, exceto aquele que queria torná-los bons, mas este infelizmente, em 1846 viu-se na conjetura de precisar abandonar a empresa.

Felizmente D. Bosco tinha N. Senhora, aquela que durante sua vida jamais fizera milagres, mas que os faz agora, no céu. Ela faz tantos que é impossível contá-los e D. Bosco era seu amigo. Em sonho, ela lhe disse: "Não abandones os teus filhos", e ao mesmo tempo mostrava-lhe uma casa para onde deveria ir, uma igreja, escolas, laboratórios, páteos e, para ajudá-lo na sua obra, sacerdotes, categuistas, mestres de artes e ofícios. D. Bosco acordou confortado, mas quando, pouco depois, viu todos os seus caros meninos reunidos no limite de um prado de que fôra expulso, as lágrimas saltaram-lhe dos olhos e do seu coração elevou-se uma prece: "Meu Deus que devo fazer?" Logo um homem propôs-lhe alojá-los numa garage e ofereceu-lhe também uma casa. O sacerdote foi ver imediatamente: era a casa de N. Senhora, a casa Pinardi. (1) O oratório estava salvo.

O sacerdote alugou as garages e quatro quartos, mas

⁽¹⁾ A casa Pinardi é o berço da obra de S. João Bosco. Ele ocupou primeiro a oficina e alguns quartos da casa. Em 1849 alugou todo o edifício e em 1851 comprou-o. Em 1863, com cito moedas em caixa, começou a construir a basílica à qual hoje todo o mundo corre para venerar «A Nossa Senhora de D. Bosco».

não podia viver só neste pobre alojamento; pediu então a sua mãe que fosse morar com ele e repartir com ele as suas preocupações e a sua miséria. A santa e sublime "Mamãe Margarida" levantou-se, tirou do fundo de um baú a sua veste de noiva, que conservava ainda depois de trinta anos, como recordação daquele dia de felicidade, e vendeu-a para ajudar seu filho. Depois partiu com ele e fez a pé os trinta e dois quilômetros que separavam a sua vila de Turim. Era o ano de 1846. E em 1856 quando a obra estava definitivamente estabelecida, quando as simpatias e os auxílios chegavam de todas as partes, a boa mamãe do santo e a mamãe de todo este pequeno mundo de meninos, foi repousar em Deus e receber a recompensa.

* * *

O' Maria, concedei-me imitar, segundo exigir o meu dever ou a atividade de Jesus, o vosso ocultamento na sombra e de encontrar sempre o meio de glorificar a Deus, de salvar as almas e de progredir na santidade.

A doutrina de amor

"Vinde a mim vós que sofreis".

Um olhar e uma palavra foram suficientes a Jesus para atrair discípulos; uma semana de contacto com o povo de Galiléia bastara-lhe para o conquistar. Por reconhecimento, curiosidade ou interêsse a multidão seguia os seus passos; a sua fama estendia-se e os fariseus se alarmaram. Quanto a Jesus, após ter provado a sua bondade e o seu poder com os milagres, ensinava. Por um motivo ou por outro, seguiam-no e ouviam-no; alguns para serem curados para ver e ouvir; outros para espionar, referir e surpreender. Jesus sabia-o mas não se preocupava; diante dos primeiros e dos segundos falava com a mesma segurança, a mesma autoridade soberana. Em toda a parte, nas sinagogas(1), nas pracas, às margens de um lago, nas vertentes de uma colina, ou sob os pórticos do Templo era o Mestre que afirmava, que impunha a sua doutrina, estranha doutrina, nada semelhante à que os judeus costumavam ouvir

⁽¹⁾ Os judeus possuiam apenas um Templo, e este em Jerusalém, no qual se ofereciam sacrificios, mas em todas as cidades e vilas havia casas chamadas Sinagogas, onde eles se reuniam aos sábados para ouvir a leitura, e a explicação dos Livros Sagrados. Em Jerusalém reuniam-se sob os pórticos exteriores do Templo ou em qualquer sala do edificio. O Templo era a casa de Deus, a Sinagoga, a casa da Bíblia e a esta os judeus davam grande importância.

Jesus disse: "O espírito do Senhor está sobre mim: fui suscitado para anunciar aos pobres a boa notícia; mandoume curar os contritos de coração, a anunciar a liberdade aos prisioneiros, a dar vista aos cegos, a liberar os oprimidos, a predicar o ano aceito pelo Senhor e o dia da retribuição". (1)

"Bem-aventurados os que choram, bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, bem-aventurados os misericordiosos" e ainda: "Amai os vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos odeiam e vos fazem mal, rezai por aqueles que vos perseguem, perdoai àqueles que vos odeiam..." Estranha doutrina!... e todavia doutrina de amor.

Disse ainda: "Bem-aventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque serão saciados. Não vos preocupeis com o que deveis comer ou vestir. Vêde os pássaros do céu: não semeiam, não colhem... entretanto o vosso Pai celeste nutre-os. Considerai os lírios do campo: não trabalham, e não fiam, entretanto nem Salomão em todo o seu esplendor, jamais se vestiu como um deles. Não vos inquieteis pelo día de amanhã porque terá cuidado de si mesmo. Procurai antes de tudo o reino de Deus e a sua justiça e o resto ser-vos-á dado por acréscimo". Estranha doutrina!

Disse aos ricos: "Ai de vós porque já tendes consolação! Ai de vós que sois saciados, porque tereis fome. Ai de vós que rides, porque gemereis e chorareis". Estranha doutrina!

Disse: "Aquele que quer ser meu discípulo, tome a sua cruz e siga-me".

Estranha doutrina ainda uma vez! ou melhor, sublime, divina doutrina!... Quando se pensa nas condições do mundo daquele tempo ao qual semelhante doutrina era anunciada, àquela multidão de pobres, de débeis, de vítimas esmagadas, trituradas pela implacável mão do mais

⁽¹⁾ Lc., 4, 18-19.



forte, quando se reflete sobre o eterno estado do coração humano tão pessoal e tão egoista (1), pergunta-se: "Quem, naquela multidão, naquela época, seria capaz de compreender estas palavras?"

Quem? Os puros!... "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" e na espera, sabem compreender.

Só Maria compreendeu verdadeiramente Jesus, porque só ela era verdadeiramente pura. Ser verdadeiramente puro não é sòmente ser virgem: é estar isento de toda culpa grave, de toda culpa leve, de todas as imperfeições, de tudo o que mancha ou pode manchar a alma, de tudo o que pode representar um obstáculo, de tudo que pode projetar uma sombra entre a pessoa e Deus. Em Maria, nenhuma sombra de mal, nem a menor mancha, nenhuma rebelião dos sentidos, nenhuma tendência para o egoismo, nenhum transviamento de coração; nenhuma sombra no seu espírito; a sua inteligência é toda luminosa, porque ela é completamente iluminada pelo alto.

Criatura de amor, Maria compreende o Amor. O Amor é Deus! Deus é amor e também o homem porque ele foi feito à sua imagem. Amar e saber de ser amado é para ele a condição de felicidade e esta condição encontrava-se plenamente no paraiso terrestre. O amor recíproco do Criador e da sua criatura, constituia aquela felicidade que pressagiava uma maior: um dia, sem passar pela morte, a criatura humana devia encontrar-se face a face com seu Criador e a visão desta inimaginável beleza, faria explodir o seu amor, lançá-la-ia gloriosa na eterna felicidade.

Infelizmente o pecado ofendeu ao Amor e por séculos e séculos, o homem viveu sob o temor, esperando o Salvador prometido. Finalmente Ele chegou; veio para trazer o amor, mas o amor reconquistado é austero. Esmagada sob o peso do desaparecimento da sua felicidade, não é sem escoriações, sem danos que a humanidade se livra das rui-

⁽¹⁾ Ab. Bougaud, Jesus Cristo, II parte, cap. 4

nas. Ela sofre e a sua felicidade natural está em parte perdida. Por isso: bem-aventurados os pobres de espírito que não põem o seu coração nas riquezas, que os vermes devoram e a ferrugem corroe. Bem-aventurados os pobres que não invejam os bens dos ricos. Ai dos ricos que não ajudam os pobres com seus bens! Ai daqueles que perseguem! Bem-aventurados os que sofrem perseguição sem o desejo de vingança! Bem-aventurados os que perdoam! Aqueles que tomam a sua cruz e caminham sem temor nas pegadas do Mestre, que sabe onde conduzí-los! Bem-aventurados aqueles que compreendem que o pecado merece uma expiação e que, por si mesmo e pelos outros, aceitam expiar!

Maria compreende e também os santos compreendem; outros também há que compreendem mais ou menos, segundo a sua generosidade e a sua graça. Compreendem, aceitam e seguem Jesus. E eis que a cada passo a sua cruz torna-se menos pesada, a sua marcha mais ligeira e o seu coração mais alegre.

Perguntar-me-eis: "Quem afirma estas cousas?" Respondo-vos: "Afirmam-nas aqueles que sempre viveram o Evangelho e do Evangelho. Afirmam-nas também aqueles que depois de ter vivido por certo tempo ao lado ou fora da vida cristã, voltaram um dia sobre seus passos e, pela via estreita, puseram-se a seguir Jesus".

Citemos um exemplo.

* * *

Louis Veuillot, o pequeno cronista de Perigeaux, que mais tarde se tornou tão célebre, não recebera lições religiosas, mas tivera desde cedo os mais funestos exemplos e frequentara os ambientes mais contrários à fé e mais propícios a afastá-o dela e da virtude.

Em um dia de março de 1838, partiu para Constantinopla e parou em Roma; converteu-se e tornou-se o cristão que todos conhecemos. Alguns meses depois escreveu a um dos seus velhos companheiros de Perigord:

"Sabeis, caro amigo, a graça que Deus me fez? Converti-me em Roma, isto é, tomei a resolução de praticar, como todos os fiéis, os deveres da minha religião, renunciando a muitas cousas e querendo, confesso-o francamente, renunciar a toda espécie de bens nesta vida. Quanto me enganava! Deus dá muito mais do que recebe! Antes de tudo, concedeu-me a perseverança, e, após algum tempo de tribulação, pôs no meu coração a esperança e a paz. Existem bens que é necessário receber dele para serem apreciados no seu justo valor, porque, podeis crer, as alegrias do mundo não podem ser comparadas com estas alegrias. Sem dúvida é necessário lutar ainda e algumas vezes rudemente. Mas que diferença nestas lutas nas quais o bem triunfa sempre, daquelas nas quais o mal sempre foi vencedor!"

Alguém referiu-he certas críticas de uma senhora que censurava a sua conversão; ele tomou a pena e escreveu-lhe as seguintes linhas:

Sim, senhora, converti-me: confesso-me, comungo e faço jejum... Sòmente não é verdade que os meus amigos devem afligir-se; de fato, com tudo isto, eles não perdem a minha amizade nem eu perco a minha felicidade.

Amo ainda a todos que amava antes e amo-os mais e melhor. Entre os amigos dos quais nos orgulhamos, encontram-se os que nos odeiam. Também estes eu amo. Enfim, não conheço inimigos, porque não sou mais inimigo de ninguém. Tendes a alma por demais nobre para não compreender que, expondo-vos assim o estado do meu coração em relação aos outros (perdoai estas minhas palavras, bem merecerieis outras) eu traço a única condição possível de felicidade sobre esta terra. Esta felicidade é a minha; e de todas as sensações novas na minha vida não conheço alguma com que a possa comparar. Amar sem saudades e sem mistura de ódio, é uma alegria viva, nobre, contínua,

imensa... entretanto esta alegria é nada, absolutamente nada em comparação a uma outra alegria cristã que me foi inesperadamente revelada, como um mundo encantado, como um oceano de delícias, no qual estou imerso e de que gozo e bebo com tal transporte que, muitas vezes, sinto os olhos banhados de lágrimas e me pergunto se neste mundo existem outros bens que possam arrebatar tanto assim. Esta alegria, na nossa linguagem, chamamola "amor de Deus". (1)

A pessoa a quem ele endereçara esta carta teve a infelicidade de não compreender esta linguagem. Há muitas outras, infelizmente, que não a compreendem e que não se lastimam suficientemente.

Imaginemos o que seria a família, a sociedade, o mundo, se todos vivessem o Evangelho! Como seria bela, como seria alegre a vida!

* * *

Ó Maria, toda pura, toda boa, vós que compreendestes bem Jesus, concedei-me que o compreenda também. Sois nossa mãe, ensinai-me, pois, a compreender o amor, ensinai-me a viver a sua doutrina, mais doce que as outras; ensinai-me a perdoar; ensinai-me a rezar. "Que a oração nos torne cristãos, que a caridade nos torne irmãos" e que o ódio seja, finalmente, destruído pelo amor.

⁽¹⁾ Louis Veuillot. de Francisco Veuillot c. 3

O martírio de Maria

"O amor que consola os outros, era para Maria o instrumento e a medida das suas dores".

(Terrien, III, 3)

Em Maria tudo é mistério; mistério a sua conceição imaculada; mistério a sua virgindade sem sombra; mistério a abundância incomensurável da sua graça, mistério a super-eminência do seu título de Mãe de Deus; mistério também a imensidade da sua dor. Imensidade tal que a Igreja proclamou Maria "Rainha dos mártires", não obstante não ter derramado o seu sangue.

O martírio de Maria começa com a vida de Jesus. Apenas nascido este divino menino, o coração da mãe fora traspassado por uma espada: o martírio da apreensão, tortura-a. O seu filho nascera para a salvação e a perda de um grande número de almas, dissera-lhe o santo velho Simeão: ele será objeto de contradição.

A que seria destinado este menino queridíssimo?... Que perigo o ameaçaria?... Em que lugar? Em que dia?... Em que hora?... Maria temera tudo. Para uma natureza sensível, delicada, amante como a sua, a apreensão era o mais terrível dos tormentos. Maria sofria em todo o seu ser. Sofria na memória que a todo instante lhe recordava as palavras do santo angião; sofria na sua imaginação que lhe apresentava um aterrorizador quadro de dor. So-

fria na sua sensibilidade que fremia diante desta cena; sofria no seu coração que fora dilaceradao e lhe fazia sentir, antecipadamente, a Paixão do seu caro filho, embora não soubesse ainda como seria esta Paixão.

Maria sofria sem falar dos seus sofrimentos. Sofria sem aborrecer alguém com o seu pranto; sofria sem se descuidar dos seus deveres. Por um esforço heróico de virtude e de vontade, aceitava todas as suas apreensões, repetindo o seu "Fiat" e lançava todos os seus sofrimentos no coração de Deus, bondade infinita e colocava nele toda a sua confiança; dele aceitava sempre, sem conhecê-las, todas as disposições, porque bem sabia que todas as vontades de Deus são sapientes, santas, boas e que o cumprimento delas asseguram, também sobre a terra, a felicidade.

Logo depois da profecia do Templo, acendeu-se o ciume de Herodes; para Jesus era uma ameaça de morte e para Maria o terror da fuga, a tristeza do exílio, novas apreensões. Mas com isto, a calma, o abandono, a fé absoluta naquele que guia todas as cousas.

Após doze anos, houve a perda de Jesus. Oh, aqueles três dias de procura!... só uma mãe pode compreender semelhante angústia.

Aos trinta anos Jesus deixou Nazaré para começar a sua vida pública. Mãe sempre admirável, Maria aceitou o afastamento do Filho; aceitou ficar só, porque José não mais vivia: uma vez finda a sua missão, o Onipotente chamara-o a Si.

Maria ficou só, e porque Deus o queria, aceitou a solidão; seu coração, porém, tremia quando percebeu com que ódio os fariseus perseguiam o seu Filho; tremia diante das ciladas que lhe armavam.

Jesus fazia bem a todos, entretanto o ódio perseguiao. Ele o sabia. Sabia o que deveria acontecer, porque é Deus. Tinha medo dos males que se desencaderiam sobre a sua augusta pessoa, porque é homem. Também ele passou pelas torturas da apreensão: a Paixão assustava-o; tinha horror pelas grosserias que o atingiriam; a vista dos escarros de que seria objeto produziam no seu coração profundo desgosto; a crueldade dos soldados revoltava-o e a inutilidade da Paixão para um grande número de almas produziu-lhe tal dor que o prostrou por terra e espremeu-lhe o sangue das veias.

Imaginai o martírio de Maria quando chegou a ela o éco desta mortal agonia, da traição de Judas, do seu infame beijo, do julgamento de Jesus, da negação de Pedro , da ignóbil conduta dos soldados durante aquela noite sem par, dos desprezos, dos escarros, dos flagelos, das bofetadas, dos espinhos, da incompreensível conduta dos judeus, que reclamaram e obtiveram a morte daquele que os cumulara de benefícios.

A esta narração, o coração de Maria não se conteve e deixando a sala, onde, depois da ceia, o seu dever a prendia, voou ao encontro de seu Filho; encontrou-o na via dolorosa e não o abandonou mais.

No Calvário todo o martírio de Jesus tornou-se martírio de Maria. Mãe terníssima, teria desejado arrancar o seu Filho das mãos desta vil soldadesca. Mas diante da crueldade, da ingratidão deste populacho em delírio, ela compreendeu que o sacrifício de Jesus era necessário; compreendeu que aqueles suplícios faziam parte do plano da redenção. Era necessário todo aquele cúmulo de sofrimento para fazer compreender à humanidade a grandeza da ofensa cometida por aqueles que contribuiram para a Paixão de Cristo.

Para salvar o mundo, para pagar ao Pai o débito do homem culpado, um suspiro de seu Filho teria sido suficiente porque de valor infinito, mas o homem não teria sentido a grandeza da sua culpa. Iluminada pela fé, Maria compreendeu tudo.

Associando-se livremente, voluntàriamente à redenção, consentiu em sofrer com o Redentor, com os mesmos sentimentos, com os mesmos fins, com o mesmo coração. Com

Cristo, Maria rezou pelos seus crucificadores; como Cristo, teve piedade dos pecadores e quando numa efusão suprema de amor, Cristo deu Maria por mãe a esta humanidade perversa, com o mesmo heroismo de amor, Maria adotou-a sem repugnância. Outrora para subtrair o Filho à morte ela tomou o caminho do exílio; naquele dia, para subtrair os homens ao inferno, consentiu ela na morte do seu Filho. Só Deus sabe como lhe custou este consentimento.

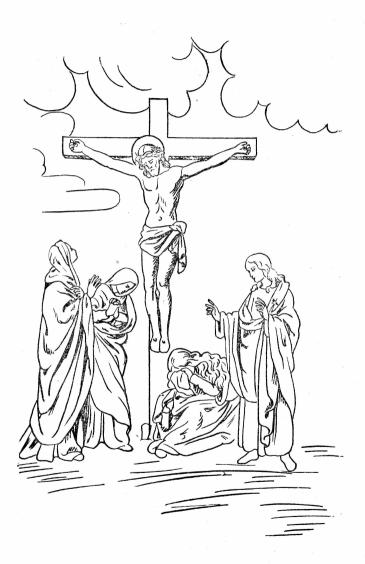
Quando se afirma que Cristo sofreu mais que qualquer ser humano, isto significa que não foi só pelos tormentos que sofreu, mas pela qualidade da sua natureza que sobressai entre todas, pela compreensão, sensibilidade, delicadeza, horror pelo mal, amor à verdade, ao bem, à justiça. Pelo mesmo motivo, depois de Jesus, ninguém sofreu como Maria. Ela sofreria menos se tivesse podido morrer com seu Filho; mas para que o seu martírio fosse completo, foi preciso que visse agonizar Jesus, que o visse morrer... e que ela vivesse!... "Ela é mártir e mais que mártir," disse S. Bernardo. Se Maria não morreu de dor foi porque uma força divina afastou os assaltos da morte. Jamais coração humano suportará semelhantes assaltos sem romper-se, se Deus não moderar os seus golpes.

No dia da purificação, Maria ofereceu no Templo o sacrifício da manhã; no Calvário ofereceu o sacrifício da tarde, sacrifício que se renovará todos os dias sobre o altar até o fim dos tempos, para aplicar a cada alma as graças necessárias à salvação, merecidas por ela sobre a cruz.

Maria não é sòmente "sacerdote" (1), mas é vítima com seu Filho e coopera verdadeiramente no resgate da humanidade.

A sua cooperação não aumenta o valor, nem a eficá-

⁽¹⁾ Maria não é sacerdote no sentido ordinário da palavra, porque não tendo recebido o poder de ordem, não podia celebrar a Missa, nem perdoar os pecados, nem administrar os Sacramentos, mas é sacerdote doutra forma: mediante seu consentimento fez baixar à terra o Filho de Deus, ofereceu-o e se ofereceu com Ele.



cia do sacrifício de Jesus, cujos méritos infinitos são mais que suficientes para salvar todos os mundos; mas traz a parte de sacrifício e de reparação que a humanidade deve acrescentar como prova de boa vontade; não podendo salvar-se por si mesma, a humanidade deve fazer o que pode para merecer que alguém maior que ela a salve.

É assim que pela vontade de Deus todos os cristãos devem ser redentores. É Jesus que salva o homem, mas salva-o com uma condição: que ao lado da reparação infinita, coloque o homem a sua pequena reparação pessoal, fruto do seu arrependimento e do seu desejo de ver a Deus. Se esta reparação for muito grande, pode ser que depois de salvar-nos a nós mesmos, salvemos também muitos outros.

Não se expia sem sofrer e por isso nós sofremos. Contudo, não criemos os nossos sofrimentos, e quando eles se apresentarem, como Jesus, como Maria, suportemo-los meritóriamente, dignamente e em silêncio; ao sofrimento que se lamenta, falta dignidade. É uma grande cousa sofrer com a condição de sofrer santamente. O sofrimento adquire o valor que lhe dá quem o suporta; pode também ser suportado de modo que não tenha valor algum.

Não soframos inùtilmente! Seria muito triste! Soframos por Deus e pelas almas.

Nem todos os crucificados e decapitados são mártires; e os mártires não são todos crucificados nem decapitados. Quando, em 1798, a Convenção francesa deixou de fazer cair cabeças, decretou a deportação para a Guiana, de todos os sacerdotes que se achavam ainda no território francês; um terror tal se apoderou dos condenados que eles solicitaram, como uma graça, a pena de morte em vez da deportação. Eis a resposta: "A comutação de uma pena me-

nos forte em uma mais grave não está em poder do got sangue das veias.

Viam-se então, sobre todas as estradas da França, filas de sacerdotes e religiosos, escoltados por guardas brutais, dirigirem-se para os portos do oeste. Mas a marinha inglesa era dona do Atlântico e tornava impossível a deportação para a Guiana. Foi portanto necessário colocar os condenados nas prisões de Bordeaux e de Rochefort; tornando-se insuficientes estas prisões, os pobres sacerdotes foram amontoados em dois navios que serviam ao tráfico dos negros. Começou então o martírio "das pontas de barcas", lenta agonia, em confronto com a qual, a guilhotina, a espada e a metralha pareciam uma libertação.

De noite, dentro do porão destes navios que podiam conter apenas quarenta pessoas, encerravam-se quatrocentas e fechava-se a porta do lado de fora. Quando começaram a encerrá-los, a sarna infestava já aquelas galeras; o ar apenas respirável trouxe o tifo, a desenteria, o escorbuto, a loucura, a febre amarela. Privados de espaço para moverem-se, eram obrigados a caminhar sobre outros, a esmagarem-se. Vivos, estavam constrangidos a ficarem unidos aos mortos.

Pela manhã outro suplício: para desinfetar, queimavam-se substâncias químicas com alcatrão, cujo fumo fazia chorar, sufocava, fazia escarrar e tossir até o derramamento de sangue. A isto acrescentavam-se os vermes, os ratos e a fome...

A morte ceifava à mão cheia naquele grupo. Sem preocupação de registar os falecimentos, jogavam-se os corpos ao mar e as enchentes atiravam-nos às praias. Os que moravam nas proximidades lamentavam-se e os sacerdotes sobreviventes encarregaram-se de sepultar os seus colegas nas terras sinuosas que rodeavam o forte e nas areias da ilha de Aix. Toda manhã eram dez, doze, quatorze cadáveres que era necessário transportar sobre uma barquinha e sepultar.

Em certo momento houve sério perigo de peste; então (1794) deu-se a ordem de lançar moribundos, mortos, enfermeiros, coveiros, isto é, todos os sacerdotes e religiosos que ainda viviam, sobre as rochas da ilha "Madame", chamada durante a revolução ilha da *Citoienne*. Quando estes sobreviventes pousaram pé em terra, onde podiam, pelo menos, respirar, o reconhecimento dos deportados foi tão grande que eles consagraram a ilha a SS.ma Virgem e chamaram-na ilha Maria.

Conta-se que um dia Cesar, desejando visitar o local onde antes era a cidade de Troia, para aí se dirigiu através de charnecas e balsas guiado por um frígio. De repente o guia parou e disse: "Estai atentos, porque caminhais sobre as cinzas de Heitor".

Aos viajantes que visitam as costas de Santoinge e as ilhas vizinhas, o habitante do país poderia dizer: "Estai atentos, pisais as cinzas dos mártires".

Por mais de um século ninguém se recordou disso; sobre os corpos de mais de trezentos padres, a *elite* do clero da França, só os rebanhos vinham pastar. Mas em 1910, a Igreja que nada esquece, reavivou a lembrança. Depois de algum tempo, no mês de agôsto, S. E. o Bispo de Rochelle, assistido por outro prelado e por grande número de padres, conduziu uma piedosa peregrinação à ilha "Madame", que gostamos de chamar, como os gloriosos Mártires das pontas de barcas, "de ilha da Virgem, ilha de Maria".

A ilha "Madame" na maré alta é separada do continente e a ele se liga na maré baixa por uma estreita línqua de terra chamada estreito estufado. No ano de 1930, em agôsto, sob a presidência dos bispos de Rocella e de Sojssons, muitos peregrinos dirigiram-se novamente, passando pela estreita língua de terra, para a ilhota que se vê na embocadura de Carente e rezaram com fervor sobre os corpos das santas vítimas. As mais ilustres e mais nobres famílias da França, como as mais humildes famílias

do povo possuem seus representantes neste precioso relicário; eles dormem na solidão, esperando o triunfo da ressurreição.

* * *

Ó Maria, rainha dos mártires, ensinai a compadecerme das dores de Jesus como vós vos compadecestes. Ensinai-me a levar dignamente, pacientemente, as aflições, as penas, os aborrecimentos, os desgostos. Ó Santa Mãe de Deus, recordai-vos que sois também nossa mãe e que devemos assemelhar-nos a vós; vós sois tão grande e tão santa! nós somos pequenos e pecadores. Ó Maria ajudai-nos a crescer, porque queremos ser redentores, queremos resgatar as almas; ó Maria ajudai-nos.

As alegrias de Maria

"Quem para antes de ter encontrado a alegria, para antes de terencontrado Deus".

(E. Hello)

Deus é muito bom, Deus é demasiado pai para permitir que a dor ensombreie toda a vida dos seus filhos. O pecado colocou nela o sofrimento; Deus permite-o porque é necessária uma reparação; mas junto à dor, o seu amor pôs as alegrias que repousam a alma e lhe dizem a seu modo: "Coragem!" Não é para sofrer que Deus nos deu o ser, mas para fazer-nos felizes. A dor não tem mais que o tempo, a felicidade terá a eternidade.

Na espera, penas e alegrias se sucedem, dosadas pela eterna Sapiência, pela infinita Bondade, de maneira a permitir-nos contemplar um dia, face a face, Deus, a beleza por essência, fonte da felicidade sem fim.

Maria, a Puríssima, a Santíssima, nada tinha que expiar por si mesma; devia expiar por nós e, por isso, sofreu o martírio do qual falamos. Mas se Maria sofreu dores que ultrapassam todas as nossas dores, experimentou também alegrias que ultrapassam todas as nossas alegrias. Numa alma como a sua, as faculdades se equilibravam: quem é capaz de sofrer mais, é também capaz de gozar de modo maior. Toda a vez que se lhe apresentou ocasião de sofrer ou de gozar, sendo mais sensível, mais delicada, mais

intuitiva que outros, ela sofreu e gozou mais do que qualquer pessoa.

Maria sofreu aos tres anos, quando se viu privada das docuras da família, mas ficou maravilhada e consolada à vista da beleza do Templo. Os mármores brancos revestidos de ouro, os pavimentos de mosáico pisados pelos seus pèzinhos, as longas filas dos levitas que, com os cabelos esvoaçando sobre os ombros, revestidos de linho, subiam para o sacrifício, os sacerdotes nos seus suntuosos vestuários, tudo extasiava esta criança precoce. E os cânticos, aqueles belos cânticos litúrgicos que acompanhavam graves sinfonias de uma orquestra de harpas, liras, citaras, tímpanos, címbalos e instrumentos de todos os nomes, cumulavam-na de uma alegria maravilhosa. Em uma palavra, toda a majestade das cerimônias religiosas, do culto, dos quais ela já compreendia o sentido, para seus olhos, para seus ouvidos e para seu coração eram festa, uma alegria. Festa tão doce que a sua alma ainda tenra e toda vibrante, elevava-se a Deus num instante com o fumo de incenso e com o som das trombetas de prata, que anunciavam ao povo o início do sacrifício.

Em Belém Maria sofria ao ver seu filho numa estrebaria e sobre a palha; mas os anjos cantavam a sua glória, os pastores faziam-lhes éco, a estrela anunciava a sua vinda e os Magos trouxeram os presentes: depois do sofrimento, a alegria.

O ciume de Herodes, ocasionou o seu decreto sanguinário, a fuga de noite: sofrimentos!... Mas o Egito era a segurança, o repouso, a alegria! Alegria relativa, alegria da terra, jamais perfeita, mas todavia apreciável.

Quando Jesus contava doze anos, Maria perdeu-o, mas reencontrou-o. E, encontrou-o quando suscitava a admiração dos mais sábios em Israel: doutores, escribas e fariseus. Santo orgulho materno, santa e intensa alegria: seu filho não fôra perdido e a sua divindade fôra percebida.

Os fariseus perseguiam Jesus com o seu ódio: grande pena, grande preocupação de Maria; mas a multidão o aclamava e queria fazê-lo rei; estendia as vestes sob os seus pés, atirava flores à sua passagem, cantava hosanas quando entrara na cidade santa: o triunfo do filho é a alegria da mãe.

In elizmente o homem é mutável: a cruz seguiu, logo após, às palmas!... mas também a ressurreição seguiu logo à morte: a aleluia sucedeu à crucifixão.

É sempre assim sobre a terra: a alegria depois da pena e a pena depois da alegria... e enquanto não começar o dia que jamais terá ocaso, será sempre assim. Para Maria foi como para nós. Maria, porém soube compreender as suas alegrias e as suas penas, soube vivê-las e utilizá-las; nós nem sempre sabemos fazer das nossas o que ela fez das suas.

A alma de Maria chorava ou cantava segundo os acontecimentos; mas o amor brilhava através das lágrimas e se inflamava nessas alternadas mudanças; afinado com o alaúde divino, o seu alaúde não possuia mais que um tema: o amor de Deus e a sua vontade. A sua vontade, que ela considerava sempre boa, sempre sábia, sempre amorosa; fosse uma vontade que esmagasse ou consolasse.

Nós, pelo contrário, quando se apresenta a prova, choramos, murmuramos, desencorajamo-nos e assim sofremos sem alegria; entretanto, também temos as nossas alegrias.

"Esforça-te em contar as estrelas", dizia Deus a Abraão. Portanto, esforçai-vos também em contar as alegrias que Deus vos dá. Há dias de chuva, mas também dias de sol! Exstem sombras e nuvens, mas também luzes e céu sereno! Há rígidos invernos, mas também primaveras floridas e outonos férteis! Existem sons que aterrorizam, mas também os cantos dos pássaros e as harmonias da natureza. Sobre este mundo, através do qual Deus mesmo frequentemente sorrí, quantas e quais alegrias! Quem po-

derá narrar as alegrias das ciências, das artes, da indústria? Quem contará as alegrias da família, da amizade e do amor?" (1) Esquecemo-nos de todas essas alegrias quando os sofrimentos se fazem sentir; e quando a dôr passa, aproveitamos das alegrias sem agradecer áquele que no-las dá.

Maria via as alegrias que lhe traziam os acontecimentos, as pessoas, as cousas, em uma palavra, o mundo exterior; mas via sobretudo o coração daquele que lhos enviava... e era isto o que formava *a sua alegria*.

A alegria de Maria, a sua verdadeira alegria, que dava sabor a todas as outras, era a alegria íntima, a alegria que vinha da sua união com Deus, sempre presente nela.

Por mais santas que sejam as alegrias que nos vêm do exterior, são sempre veladas pela tristeza porque não são eternas: passam com o objeto que as fazem nascer. As festas não duram mais que um dia; os amigos vão-se com a morte; e o coração, o pobre coração, depois de um dia de abundância, é reduzido à miséria. Só a alegria interior é verdadeiramente *a alegria* porque dara, porque aquele que a dá está sempre presente, a menos que a alma, com a sua má conduta, não o obrigue a afastar-se.

Este não foi o caso de Maria. O belissimo "lírio branco de esplendente e sempre tranquila eternidade" jamais viu diminuir a sua candura. Nesta candura, as Três Pessoas Divinas, que formam uma só, punham as suas divinas complacências e Maria sentia-o e exultava. O Ser perfeito, o Ser que jamais muda, que não se vai, que não morre, morava nela, comprazia-se nela; ela o amava e sentia-se amada. Eis a sua alegria, a sua verdadeira alegria, alegria da qual só aqueles que tiveram um pouco de experiência podem entrever a doçura. Amar é sempre belo; mas amar quando se ama o Amor, amar o Amor e ser amado pelo

⁽¹⁾ Mons. Gay, Virtudes Cristãs.

Amor é a máxima d'as alegrias... e o Amor é Deus... e ninguém mais!

Se quisermos conhecer um pouco a grande alegria de Maria, consintamos em entrar como o fez ela, não por interêsse, mas por amor, nos desígnios de Deus. Amemos a Deus e seremos amados por Deus; conheceremos então, antecipadamente, *um pouco*, o que forma a felicidade dos eleitos. Disto os profanos não têm nem mesmo a mínima idéia, mas os amigos de Deus o compreendem.

Não há amor sem prova e "a melhor prova de amor, disse o Salvador, é dar a vida por aqueles aos quais se ama". Mas a própria vida pode ser dada de diversas maneiras. Maria deu a sua de gota em gota; provàvelmente será de gota em gota que daremos a nossa e é porisso que de gota em gota Deus a recolherá, se o nosso coração fizer a Ele este presente; mas será em torrentes que Ele derramará na nossa alma, em troca, a sua graça e o seu amor. E' sempre assim com Deus: dá-se um pouco e Ele retribui muito, o cêntuplo e mais do cêntuplo.

Dar a própria vida gota a gota é menos glorioso que cá-la de uma vez, mas quase sempre não é menos difícil. Pode-se ser capaz de heroismo durante um dia e não ser capaz durante dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos. O heroismo oculto ao qual nada sustenta, nada afervora, do qual nenhuma coisa aviva a chama, a não ser a vontade tenaz caquele que quer que não se extinga, confessemos, este heroismo traz verdadeiramente o timbre da autenticidade. Ver-se durante muitos anos, sem testemunhas, dilacerar-se, agonizar e morrer, é meritório; é um martírio, se tudo é suportado por Deus e pelas almas.

Maria teve o mérito deste martírio e teve também a alegria. Muitos santos também tiveram-no e pode ser que o tenhamos também nós, se Deus nos gratificar com uma destas graças excecionais e se nos mostrarmos dignos dela. As graças excecionais são comumente seguidas de sacrifícios extraordinários, dentro dos quais se escondem ale-

grias intensas: alegrias sobrenaturais, preciosas e celestes. Se queremos as alegrias não recusemos os sacrifícios que nô-las trazem.

O sacrificio é uma fonte de alegria. Para dar frutos, toda semente deve dilacerar-se. O trigo despedaça a terra; o sacrificio dilacera o coração, mas do despedaçamento do coração, exala-se o perfume de Deus e se expande na alma. O perfume de Deus é a alegria interior, que não pode ser comparada com as pobres alegrias exteriores, sempre brevíssimas e precárias.

Alegria exterior, alegria de um dia! Alegria que depende de um objeto, de um lugar, de uma pessoa: coisas que desaparecem, que fogem quando cremos possuí-las.

Alegrias interiores, alegrias de todos os dias, de todos os lugares, de todas as horas! Alegrias que dependem sòmente de Deus, o Amigo dos amigos, o Amigo mais firme, mais pressuroso; o Amigo que não tem defeitos, que não se admira de ver os nossos, que nos ajuda a corrigílos; o Amigo que jamais deixa de perdoar e de amar; o Amigo bondoso que nos torna bons e ao mesmo tempo nos torna felizes.

O sacrifício é uma sementeira de alegria. Não rejeitemos esta semente e colheremos os frutos. Mas tenhamos paciência; não imitemos o menino que recusa o remédio que o deve curar; para colher os frutos, esperemos que amadureçam; esperemos que Deus nô-los apresente: só Ele conhece o momento oportuno. Confiemos no seu Coração e confiemos-Lhe o nosso.

* * *

Numa das suas belas e boas obras o Padre Tissot fala de um estudante, jovem de quinze anos, a quem certos companheiros cruéis, por uma brincadeira de mau gosto, haviam posto alóes na boca durante o sono. Este jovem concebeu contra eles tal aversão, tal ódio que desejou

vingar-se. Mas este jovem era cristão e como tal encontrou uma vingança digna de si. Comprou alóes, obrigou-se e obstinou-se em mastigá-lo até não sentir mais repugnância. Ao cabo de oito dias pôde dizer aos seus companheiros: "Observai, o alóes não me causa nenhum incômodo". (1)

Oh, se soubéssemos mastigar o nosso alóes!... quer dizer habituar-nos a uma pena até que ela não nos repugne mais... é o mais rude e o mais doce dos remédios. A alma que mastigou o seu alóes, que suportou o sofrimento até não sentir por ele repugnância, esta alma está pronta para tudo. Creio que ninguém sabe realmente o que é a paz, o que é a alegria, se não passou por isto. Ninguém conheceria que paz, que alegria serena dá o repouso na vontade de Deus, mesmo se crucificadora. Não é ainda a alegria da visão, não! mas é já qualquer coisa muito melhor de todas as alegrias que se encontram sobre a terra.

* * *

O' Maria, minha boníssima, dulcíssima e santa mãe, tomai a minha vontade, colocai-a na vossa escola e ensinai-a a querer tudo o que Deus deseja. Auxiliai-me a adquirir o ardor pelo bem, a generosidade no sacrifício e obtende que o vosso Filho, com um sorriso interior, diga-me que está contente comigo.

⁽¹⁾ Tissot, Vida interior simplificada, vol. II. Vontade de beneplácito.

Os imprevistos divinos

"De qualquer parte do horizonte sopre o vento, traz-nos um dom da Providência".

Deus nos fala de muitas maneiras: fala-nos interna e exteriormente; os imprevistos que aparecem na nossa vida não são menos impressionantes nem menos solenes que as palavras de Deus.

O imprevisto é "o trágico quotidiano" para o qual não se está disposto, ao qual todavia é necessário estar sempre preparado. Na vida da SS.ma Virgem abundam os imprevistos.

- A visita do anjo em Nazaré um imprevisto.
- O nascimento de Jesus numa estrebaria um imprevisto.
- O canto dos anjos, a visita dos pastores e dos Magos imprevistos.
 - A espada predita por Simeão um imprevisto.
 - A fuga para o Egito um imprevisto.
- A perda de Jesus, a sua paixão, morte, ressurreição e ascensão imprevistos, sempre imprevistos. E certamente, imprevistos valiosos.

Maria, tão delicada, tão sensível, como pôde suportar, sem perder a paz e a calma, tais choques no coração, sem convulsionar a vida e a razão? Como?

Simplesmente porque Maria tinha em Deus uma fé imperturbável. Ela não conhecia o futuro melhor que nós; ignorava completamente onde a conduziria cada um desses acontecimentos; Maria, porém sabia ver o invisível através do visível; sabia ver o próprio Deus guiando estes acontecimentos; Deus o via bom, sapiente, e com fé plena e confiança absoluta, abandonava-se ao seu amor, entregando-se com toda a sua alma a todos os seus desígnios.

Se um dia uma dor imprevista nos visitar, saberemos imitar a Maria? Saberemos tal qual ela abandonar-nos inteiramente nas mãos de Deus? O abandono que faz da vontade de Deus e da nossa uma só vontade, é o mais completo dos atos de fé; o abandono coloca a alma no estado de perfeição, imerge-a num oceano de paz e fá-la participar da imutável e perfeita tranquilidade de Deus, sempre calmo e sempre ativo. O abandono é a perfeita correspondência à graça pela aplicação sobrenatural ao dever atual.

A alma que se abandona, sabe que nada tem a temer. Deixando à Providência a responsabilidade da sua misteriosa conduta, presta-se a todos os seus desejos, confiando no auxílio e nos milagres de Deus, se os milagres forem necessários. Sabendo perfeitamente e crendo de modo absoluto que Deus jamais abandona a alma que se abandona a Seu amor, aceita com confiança tudo o que a mão divina lhe apresenta: alegrias, sucessos, privações, humilhações, sacrifícios, sem deixar-se exaltar por uns ou abater pelos cutros.

Mas como são raras essas almas!

O homem, feito por Deus, crê sempre poder contentarse com outras coisas; sempre crê que sobrepondo criaturas sobre criaturas chegará a satisfazer a sua necessidade de ventura. Se alguém lhe disser e tornar a dizer-lhe que as criaturas em si mesmas nada são, não conseguirá convencê-lo que a felicidade exige duração e que a cousa criada não dura. Restam os imprevistos; esses prestam-se para dar-lhe a experiência.

A vossa vida transcorre tranquilamente: tendes fortuna, prazeres e afetos. Parece-vos que isto durará sempre, que o presente garanta o futuro, que o que existe hoje, existirá amanhã.

Inopinadamente... um tiro de canhão, um estrondo de raio, um furação, uma doença, um acidente qualquer... Eis tudo aniquilado de uma vez: a vossa fortuna, a vossa colheita, os vossos filhos, as vossas alegrias, as vossas esperanças! O imprevisto vos levou tudo... tudo!

Por cúmulo de desventura, em torno de vós, o inesperado fez o vácuo. Quando estaveis bem, as visitas se multiplicavam; agora são raras. Quando não tínheis necessidade de nada, os amigos vinham aos grupos oferecer-vos os seus serviços; agora que sois pobres em todos os sentidos, os amigos não se fazem ver.

Eis como são as criaturas!

Não imprequemos. As criaturas são boas: foi Deus que as criou e Deus nada faz que seja mau. Mas Deus criou-as para que nos servissem e não para torná-las nossas escravas. Criou-as para que nos conduzam a ele e não para que nos afastem.

No plano da humanidade, como Deus o ideou, as criaturas são necessárias. Não podemos portanto prescindir delas e descuidá-las; por isso espalhou-as no nosso caminho e para que esta estrada seja agradável imprimiu nelas um reflexo da sua beleza. Embora seja pálido, esse reflexo é já tão belo que para muitos parece suficiente. Satisfeitos com o finito, param diante dele. Mas sobrevém o imprevisto e leva o finito!...

É duro!... Sim, é duro!... Mas crede-me: "muitas vezes os golpes de raio são golpes de graça". Deus é essencialmente bom; Deus vos ama e tem compaixão dos vossos sofrimentos; se o deixardes obrar, ele saberá substituir tudo o que perdestes. Sem insensibilizar o vosso coração. Deus vos consolará mesmo da perda de vossos filhos e volos mostrará na glória enquanto vos esperam.

Quanto aos vossos bens materiais não lhe será difícil substituí-los com bens maiores. As grandes graças são ex-



poliadoras, mas são um enriquecimento. Se uma tempestade de diamantes cai sobre a vossa vinha, adeus uva, adeus colheita! Mas... as pedras preciosas ficam: entre o ganho e a perda há comparação? É a si mesmo que Deus quer por no lugar da vossa fortuna: ousareis fazer comparações?

Mas Deus não se colocará em vós se não quiserdes. Não façais com a vossa falta de fé, com a vossa falta de submissão, um mau uso do sofrimento: terieis a dor sem consolações.

"Se vos rebelardes contra a lei dos pesos, do vapor e da eletrícidade, sereis por elas queimados. As leis são expressão dos hábitos de Deus: — A submissão livra do finito e desarma o infinito". (1)

Dir-me-eis: "Este não é o meu caso. Há muito tempo reconheço a insuficiência das coisas; dou ao nada o valor do nada, ao pouco o valor do pouco, ao Tudo seu valor de Tudo. Todavia sobre mim também a prova caiu como raio e como é dura, como é difícil aceitá-la! Não preciso deplorar a perda da fortuna; mas sem que o tivesse merecido, um ser caríssimo traiu-me; a calúnia destruiu a minha reputação; sobre o meu nome, até agora sem mancha, lançaram a deshonra. Não foi Deus quem quis estas coisas. Não é do céu, mas da terra que veio este mal".

E' verçade: o mal não vem do céu, porém de lá vem o auxílio. Na história das almas os imprevistos encontram lugar — o que era imprevisto por vós era previsto por Deus. De há muito tempo Ele conhece a injustiça que causaria o vosso dano, e de há muito dispôs todas as coisas para que este mal, que ele detesta, se torne um bem para vós.

"Eu, Jeová, sou aquele que cura", (1) diz-nos Deus nos Livros Sagrados. A vida das almas confiantes é plena de felizes surpresas, desconhecidas pelas almas que não

⁽¹⁾ Hello. Do nada a Deus: Ordem e Desordem.

⁽¹⁾ Exodo, I. 26.

confiam e que desanimam. A justiça de Deus é lenta (temporizadora), mas sempre chega: não é aquele que suporta o mal que deve temer, mas aquele que o pratica. Confiai na Providência: ela é mais forte que os fortes, vê claramente também no meio das trevas e sabe pôr todas as cousas em seu lugar.

Não merecestes os males que vos atormentam; Maria também não os mereceu de modo algum. Como saiu de suas provas? *Para Deus*, foi a realização completa do seu plano da Redenção; *para ela*, uma glória e uma felicidade que ultrapassam a de todos os eleitos; *para o gênero humano*, a salvação eterna.

Que resultado surgirá das vossas provas cristámente suportadas? Nascerão, certamente, para vós graças excecionais de santidade e para os outros, talvez para os vossos entes caros, brotarão graças maravilhosas de conversão. Talvez das provas que parecem aniquilar-vos, surja a realização dos vossos mais ardentes desejos, das vossas mais ardentes orações.

* * *

Pode acontecer que também obras empreendidas com as melhores intenções, para a maior glória de Deus, ofereçam pontos repreensíveis que um imprevisto vem corrigir.

Em 1871, quando o Piemonte despojou o Papa dos seus estados, na França formaram-se dois partidos adversários: o partido do governo que achava prudente não se ocupar da Questão Romana e o partido católico que protestava contra a expoliação. Louis Veuillot estava à testa deste segundo partido e o Papa Pio IX enviou-lhe a sua bênção e afirmou públicamente o seu afeto pelo "seu caro Veuillot" e a utilidade do seu apostolado jornalístico.

"Na guerra, a melhor defesa é a ofensiva", tanto de uma parte como de outra e os espíritos exaltaram-se e chegaram a trocar palavras desagradáveis. Pio IX, para pôr fim à situação, deu em abril de 1872, o seguinte aviso: "Há um partido que teme demais a influência do Papa. Este partido deve reconhecer humildemente que não é o partido justo. Há um partido oposto que esquece totalmente as leis da caridade. Ora, sem a caridade não se pode ser verdadeiramente católico. Portanto, ao primeiro aconselho a humildade, ao segundo a caridade; a todos recomendo a união, a concórdia, a paz afim de que, reunidos numa falange cerrada e poderosa, os católicos continuem a combater (na França) a incredulidade, a impiedade, o desejo de lucros ilícitos, que tentam fazer novas ruinas, com grande dano da justiça e da verdade".

Pode-se adivinhar o efeito que fez esta advertência sobre Veuillot, que apoiava o Papa com toda a sua fé, mas também com toda a sua intransigência e que escrevera: "Roma e defendida pelo "Imóvel, que vive ainda, que ainda aí reside, também quando deixa entrar o inimigo". O seu sofrimento foi mais vivo porque os seus adversários, fin-"Roma é defendida pelo Imóvel, que vive ainda, que ainda aí reside, também quando deixa entrar o inimigo". O seu golpear os católicos em geral e Veuillot em particular. Além disso industriavam-se em atirar-lhe os seus sarcasmos afentanço acreditarem-se imunes.

Louis Veuillot sofreu terrivelmente com isto e diante do S.r Lapeyre, seu colaborador, fez esta reflexão que traia a sua amargura: "E' uma bênção que entra destruindo os vidros". Mas, verdadeiro cristão, apressou-se a inclinar-se com uma submissão sem reservas e com perfeita sinceridade, à admoestação papal; tomando a pena escreveu no seu jornal "O Universo", orgão do seu partido:

"Os nossos adversários farão o que crerem oportuno. Para nós, o nosso dever é obedecer e procurar por todos os meios possíveis que o acôrdo recomendado seja estabelecido. Faremos o que há de melhor. Veremos logo se obteremos êxito. Presentemente só podemos dizer que não julgamos os nossos esforços, antes, consideramos um nada o nosso julgamento pessoal. Somos filhos de obediência: o

nosso principal e único dever é o de obedecer... A Santa Sé, sendo a única autoridade que não pode e não quer ensinar o êrro e ordenar o pecado, é também a única à qual se deve completa obediência, a única que protege contra todas as incertezas, os passos falsos e as recriminações... Relativamente à Santa Sé, também quando a obediência religiosa não seja imposta, a obediência política é ainda o que há de mais sábio. Além dos pontos nos quais não pode enganar-se nem enganar, o Papa, chefe e pai da sociedade cristã, é o mortal que tem sempre as maiores garantias de não ser impelido pelas considerações, paixões e debilidades humanas. Mais que qualquer pessoa, ele está acima de todos os outros; ele discerne, vê e diz a verdade".

E acrescentava numa carta a uma antiga conhecida, Madame Bacon:

"A arte de dar os maiores passos e a de pôr-se de joelhos".

Vêde como se torna grande, como se torna admirável aos olhos de Deus e dos homens quando, depois de ter-se prostrado, se ergue adornado de todas as graças da humildade? Sim, verdadeiramente, "o homem só é grande quando está ajoelhado."

* * *

O' Maria, vós que fostes tão forte, tão santamente submissa diante dos imprevistos divinos, estai presente na nossas horas de agonia, para expulsar de nós o mêdo; mêdo do sofrimento expiador, mêdo das provas santificantes, mêdo das humilhações, fonte de verdadeira grandeza. Estai presente também para afastar tudo o que pode anular todos os nossos recursos naturais e sobrenaturais. Aífastai o mêdo que pode fazer-nos perder a presença de espírito, a calma, a paz, a graça e que pode também fazer-nos perder, desgraça irreparável, o tempo e a eternidade. O' Maria, sejai presente! Não nos abandoneis e como sois nossa Mãe, ó Virgem potentíssima e plena de bondade, preservai-nos de todo mal.

0 modêlo

"Senhor, tinha ouvido falar de ti, mas agora te vi". (Job, 42, 5).

Todo cristão é um artista chamado a fazer uma obra prima, uma obra mais bela que as do Louvre e de todos os museus do mundo: a obra prima da santidade. Onde tomará a inspiração? De algum modêlo. Qual será o modêlo em que seus olhos pousarão e tornarão a pousar-se nas horas negras, para que a inspiração se reavive, lhe dê novo ânimo no trabalho e lhe conceda esplendor e vigor?

A 18 de junho de 1815, no campo de batalha de Waterloo, Wellington, general inglês, inquieto pelo êxito do combate que devia ser o último da época napoleônica, esteve todo o dia impassível sobre o seu cavalo, enquanto as balas explodiam em seu redor; seu ajudante de campo caiu-lhe ao lado. Um oficial inglês, conciente da perturbação que teria lançado entre as tropas aliadas a perda daquele que era o general em chefe, aproximou-se do generalissimo e mostrando-lhe um obús que estourara perto disse:

- Senhor, que ordem nos deixais, se vos fizerdes matar?
 - Fazei como eu respondeu Wellington.

Se depois do último suspiro de Jesus, João tivesse dito a Maria:

- Que faremos agora que ele morreu?

A humilde Virgem não teria respondido: "Fazei como eu! Deixai que a espada penetre e torne a penetrar no vosso coração; suportai sem fraqueza o peso das dores que me esmagam; sofrei com majestade real e sobrehumana o martírio dos martírios". Não, a humilde Virgem não teria pensado nos sublimes exemplos que dava aos pés da cruz sobre o Calvário; mas no meio de seus soluços e de suas fágrimas, teria dito a João: "Fazei o que Ele fez!"

E se nós, tomados por um sincero desejo de corresponder plenamente aos desígnios de Deus pecíssemos a Maria: "Mãe bondosa e perfeita, como devo proceder para fazer da minha vida a obra prima que Deus deseja de mim?"

"Fazei o que Ele fez", responder-nos-ia Maria mostrando-nos seu Filho. Maria conduz a Jesus todos aqueles que a ela recorrem.

Dirijamo-nos portanto a Jesus; e como desejamos um modêlo, fixemos os nossos olhares, não na sua divindade, mas na sua santíssima humanidade. Jesus, o homem perfeito, o homem completo é o modêlo universal, o modêlo de todos os tempos, de todos os lugares, o modêlo de tudo e de todos.

Olhemo-lO, olhemo-lO frequentemente, longamente, não para copiá-lO: "Não se é santo por cópia; pela vontade de Deus, cada qual tem a sua fisionomia especial". Então será inútil olhar e fazer: jamais chegaremos a reproduzir a beleza de Jesus e de Maria. Olhemos Jesus não para copiá-lO, mas para esforçarmo-nos a adquirir suas maneiras".

Ele nasceu pobre, viveu pobre, morreu numa pobreza que não possue rival e ninguém igualará.

"A humanidade avança, caminha ligeira... e aclama no seu caminho o gênio que se alça e a ilumina, mas logo deixa-o atrás! Platão, Newton, Curvier, Hipocrates, Copérnico, Galileu, Mongolfier foram superados. Jesus Cristo?... Não! (1) "Jesus Cristo, disse o próprio Renan, jamais será superado!"

Seria maior se tivesse tido ouro e palácios? Aos nossos olhos seria menor. Muitos atribuem a sua sorte uma parte da sua grandeza. Somos obrigados a ver que a sua grandeza provém de si mesmo, que a traz consigo. Como é belo ser grande sem pedestal e sem cofre!

Se fordes pobres, sêde-o nobremente: pedí toda manhã o pão quotidiano ao vosso Pai do céu. Pedí com confiança: este Pai é boníssimo e vos dará, com o pão, tudo o mais. Agradecei, quando tiverdes recebido. Não invejeis o supérfluo, o luxo e os prazeres: o luxo e os prazeres põem mais lágrimas nos olhos que alegria no coração. Como Jesus, dai o valor que convem às cousas da terra, sem dar mais importância do que elas merecem. Usai destas cousas mas vivei mais no alto, pois sois maiores do que elas.

Se fordes rico, sede verdadeiramente rico. Pensai naqueles que nada possuem: abrí a vossa bolsa; abrí-a largamente e dai!... Dai à maneira de Deus, isto é, mostrandovos o menos possivel.

"Maior fortuna não significa maior prazer, porém maior dever". O rico egoista e avarento é menor e menos interessante que o pobre.

Jesus é um combatente. Ninguém lutou com maior energia e maior independência pelos interêsses de seu Pai, que são ao mesmo tempo os nossos interêsses, pois se trata do nosso direito ao reino dos céus. Mas na vida de Jesus mais ainda que lutas, há orações. Jesus é Deus, mas não esquece que também é homem; as duas naturezas absolutamente distintas agem cada qual a seu modo, na sua única pessoa. Sendo homem, deve rezar e reza. Antes de começar a sua missão pública, retirou-se ao deserto e durante quarenta d'as, rezou e jejuou. Os seus três anos de evangelização são uma prece. Jesus rezou durante as

⁽¹⁾ Bougaud, Jesus Cristo, III parte, c. II

obras, durante o repouso, no meio das multidões, na solidão, em toda parte, sem interrupção.

Também nós somos combatentes, mais ou menos, segundo o nosso grau de zêlo. Mas o reino de Deus deve-se estender e é por nosso intermédio que se deve estender. Se compreendêssemos bem como somos interessados no reino de Deus, lutaríamos com ardor e sobre tudo com que fervor rezaríamos! Não existe dever que se imponha mais ao homem que a oração... Pode ser que as circunstâncias tornem para nós impossíveis a confissão, a comunhão, a assistência à missa, sem que isso impeça de tornar-nos santos: mas ninguém pode santificar-se sem a oração. Rezemos, portanto, e rezemos à maneira de Jesus: preces de coração e constantemente, oração vocal de tempos a tempos. Jesus mesmo ensinou-nos a fórmula, o Padre nosso tão breve e tão completo! Não recitemos o Padre nosso, mas rezemos com o Padre nosso: uma coisa é muito diferente da outra!...

No deserto Jesus foi tentado; tentado de orgulho, de gula e de revolta. Ele não é menos puro, menos humilde e menos santo por isto. Sem angustiar-se, rejeitou a tentação e continuou a sua oração e o seu jejum, dando-nos assim uma nova lição. Também nós seremos tentados e em toda parte, onde quer que estejamos, porque em toda parte há tentadores que a ninguém respeitam. À maneira de Jesus, repelamos o tentador, desprezemos as tentações, rezemos melhor, corramos aos nossos deveres com maior ardor; sairemos, então, desses assaltos, mais fortes e mais santos. A tentação não é pecado, mas uma ocasião de vitória ou de derrota.

* * *

Com o coração pleno de compaixão, Jesus consolava todos aqueles que soíriam. Atraídos por sua bondade, os doentes, os pobres, os pequenos, os desgraçados cercavamno; a multidão o aclamou e lhe fez uma entrada triunfal em Jerusalém... Cinco dias depois Jesus agonizava... só! Durante o seu suor de sangue os seus três discípulos mais caros dormiam!...

Dizeis: quando sofro procuro ao meu redor corações afeiçoados e seres amados; encontro-os e os vejo, mas preocupados pela sua própria vida, pelas suas penas e suas alegrias, enquanto deixo escorrer a rios as minhas lágrimas; surpreendo um olhar que pouco a pouco se torna vago: o coração está longe! Quando falamos de nós mesmos somos sempre prolixos demais! Aquele que me ouvia afastou-se levado pelas próprias preocupações! (1)

Cara alma, cara alma, não te magoes! Se depois de teres feito o bem, tiveres de passar pela agonia como a de Jesus, aceita sofrer só; volta a Deus e Ele te enviará o seu anjo ou virá Ele mesmo para sustentar-te.

Toma a tua cruz como Jesus a tomou, não uma cruz fabricada por Ele mas a que lhe apresentaram os algozes. Não exijas que a tua cruz seja feita sob medida e adantada aos teus ombros: aceita a que compraz a Deus oferecer-te, a cruz feita das preocupações que enchem a tua vida, das tuas fadigas quotidianas, das contrariedades inevitáveis, da diversidade de caractéres, dos ciumes de uns e das críticas dos outros, das mortificações do amor próprio, das feridas do coração, dos enganos, das humilhações, das lutas que a vida impõe, das desgraças que golpeiam os teus queridos; numa palavra, feita de tudo que faz sofrer.

Pode ser que a tua cruz seja pesada; também a de Jesus o foi: caiu três vezes, para mostrar-nos que se pode cair sem fracassar, mas que não se deve ficar por terra.

Cara alma, olha bem Jesus: quando Simão o Cirineu

⁽¹⁾ Beaudenom. Prática progressiva, II, 51,

apreentou-se, ele aceitou o seu auxílio; quando Verônica saiu da multidão para enxugar o seu rosto, a fim de agradecer esta compaixão que lhe era doce, imprimiu o seu multidão que o rodeia, aquela multidão que preferiu um ças te abandonam e o teu coração não pode mais, se uma alma compassiva de ti se aproximar, aceita com reconhecimento a gota de consolação que a simpatia te oferece, mas não peças mais do que ela pode dar; o verdadeiro socorro vem de mais alto!

Olha ainda, cara alma; olha e ouve: está para terminar a tragédia do Calvário. Suspenso na Cruz, Jesus vê a multidão que o rodeia, aquela multidão que preferiu um ladrão, um assassino a ele; aquela multidão que reclamou a sua morte. Talvez lá no meio, veja tambem alguns daqueles que ele curou, mas nada lhes diz. Com uma agudeza que ultrapassa todas as expressões, a sua natureza sublime prova a repercussão do que sucede: sente o mal que lhe fizeram; sente as injustiças que lhe fazem; as ingratidões dos judeus; o orgulho e o ciume dos fariseus e entretanto a ninguém censura! Não responde aos gritos e aos insultos. Quando abre a boca é para dizer: "Pai, perdoalhes, porque não sabem o que fazem".

Ser odiado, perseguido, levado à morte por aqueles pelos quais se fez todo o bem possível, perdoar e implorar perdão por eles, é o sumo da bondade moral, o sumo da virtude, o cúmulo da santidade.

"Perdoa-lhes!"... perdoar é ir além da justiça, dar mais do que se deve!... E Jesus perdoa. E quer que também perdoemos.

Ó que belíssimo e confortante modêlo! Mais humano que qualquer outro, mais imitável também e quanto mais santo que todos os santos!... Eis porque a puríssima, a boníssima, a Santíssima Virgem conduz a Jesus todos aqueles que recorrem a ela. Eis porque ela repete a todos: "Fazei o que Ele fez".

Um pobre negro que havia abraçado a religião cristã, pela sua boa conduta ganhou a confiança e as boas graças do seu patrão. Um dia em que este quis comprar uns vinte escravos, foi ao mercado com seu fiel Tom e lhe ordenou que escolhesse bons operários. Com grande admiração do fazendeiro, Tom lhe apresentou, entre os outros, um velho decaído que o patrão aceitou a muito custo.

Quando voltaram às plantações o bom negro não cessava de prodigalizar ao velho os mais ternos cuidados. Alojou-o na sua cabana e fazia-o comer junto com ele. Se fazia frio, Tom conduzia-o ao sol, se ele se lamentava do calor, fazia-o sentar à sombra dos coqueiros. Maravilhado por este apêgo, o patrão quis conhecer a razão.

- É teu pai? perguntou-lhe.
- Não, patrão, não é meu pai!
- -- É um teu irmão mais velho?
- Não, não é meu irmão.
- É teu tio ou um dos teus parentes?... porque não é possível que tenhas tão amoroso cuidado por um homem que te é estranho...
- Não, patrão, não é nenhum dos meus parentes e nem é meu amigo.
 - Explica-me então porque cuidas tanto dele!...
 - É meu inimigo, respondeu o escravo ele vendeu-me a um homem branco na costa da África, mas eu não posso odiá-lo, porque o padre missionário disse-me: "Se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sê-de, dá-lhe de beber". (1)

Este negro compreendera a doutrina de Cristo e agia $como\ ele.$

Ó Maria, mãe de Deus e mãe minha, vós que vivendo à maneira de Jesus, amastes tanto o bom Deus e os filhos

⁽¹⁾ M. A. de Gentelles.

do bom Deus, ensinai-me a amar Jesus; ensinai-me a fazer o bem, a perdoar, a consolar, a amar; ensinai-me a colocar minhas forças, meus talentos, meu espírito, meu coração a serviço de Deus e dos homens. Ensinai-me a viver bem; ensinai-me a bem morrer: a viver e morrer à maneira de Jesus,

Máriá no Cenáculo

"Terminai, ó Senhor, o que começastes por nós". (Ps. 57, 29)

A Ascensão de Jesus imergira seus discípulos na tristeza e no temor. Que seria deles? Podiam temer dos judeus o mesmo tratamento do Mestre. Antes de deixá-los o Mestre dissera-lhes que esperassem em Jerusalém, a vinda do Consolador que Ele lhes enviaria. Conformaram-se com a ordem, mas cheios de medo, os apóstolos e certo número de discípulos, ao todo cento e vinte, segundo se narra, correram a fechar-se no Cenáculo. Maria estava com eles: só ela não temia. Cheia de fé porque era cheia de graça, confiava no seu Filho e esperava o Consolador prometido, sustentando a coragem daqueles homens medrosos e trêmulos, encarregados de continuar sobre a terra a missão do Cristo Redentor. "E todos esperavam perseverantes na oração" (1)

Tinham os Judeus de Jerusalém três solenidades principais: a Páscoa, Pentecostes e a festa dos Tabernáculos. A Páscoa recordava a saida do Egito, seguida pela passagem do mar vermelho; o Pentecostes renovava a recordação da promulgação do Decálogo sobre o Sinai, cincoenta dias depois da Páscoa judáica; a festa dos Tabernáculos era a festa do reconhecimento; celebrava-se sob as tendas, nos

campos que ficavam em tôrno da Cidade Santa, em lembrança dos acampamentos dos hebreus no deserto e dos prodígios operados naquela época em seu favor.

Vimos que a ressurreição teve lugar durante as festas pascoais. A primeira Páscoa cristã coincide portanto, com a Páscoa judáica, mas é totalmente diferente. Cincoenta dias após a ressurreição do Salvador, os estrangeiros vindos de todas as partes, afluiram a Jerusalém e os discipulos de Jesus, encerrados no Cenáculo, estavam atentos em não se deixarem ver. Eis, porém, de manhã, acerca de nove horas, uma grande luz foi vista na sala e um forte vento sacudiu toda a casa. Como sobre o Sinai com uma entrada impressionante, o Consolador penetrou na sala, na qual se achava reunida a primeira comunidade cristã; um globo de fogo aí entrou, iluminou-a, aqueceu-a e dividiu-se em tantas línguas de fogo quantas eram as pessoas. Uma língua de fogo formou-se sobre a cabeca de cada um dos cento e vinte: sinal exterior da misteriosa posse de cada uma dessas almas por parte do Espírito Santo.

Lá fóra, um rumor de breve, mas formidável tempestade fora ouvido; os curiosos acorreram em redor da casa. Havia judeus da Palestina e judeus dispersos, que moravam em toda a parte; havia também pagãos, vindos para vender as suas mercadorias a toda esta população. Pedro saiu da sala, anunciou o cumprimento das profecias, a ressurreição de Cristo, do Messias prometido. Depois do seu discurso, três mil judeus creram em Cristo, receberam o batismo cristão e tornaram-se os mensageiros do Evangelho em seus paises de adocão.

"Dar-vos-ei um espírito novo" (1) dissera Jesus, depois da predição do profeta. O Espírito novo viera; era o Espírito Santo, o Espírito de Amor, o Espírito de Deus. Ele veio e aqueles homens não eram mais os mesmos; uma luz sobrenatural iluminara a sua inteligência; um fogo interior devorava-os sem fazê-los sofrer; uma força desconhe-

⁽¹⁾ Ezequiel, 36, 26.

cida transportava-os; um Ser superior estava neles e queria agir por meio deles.

Até aquele momento não tinham compreendido senão pela metade as palavras de Cristo e quase nada da missão, que Jesus lhes confiara. Daquele momento compreenderam, não tremiam mais, não tinham mais medo, não queriam mais esconder-se. Imediatamente sairam, falaram, tiveram ouvintes que os compreenderam, creram neles e as conquistas começaram.

E não se deterão mais até o fim dos séculos.

A Igreja de Cristo estava fundada. Desde a sua origem, tem ela pastores e fiéis. Pedro, seu chefe visível, não tremerá mais diante de uma serva; o Espírito Santo, doutor infalível, inspirará enfim a ele, aos apóstolos e aos seus sucessores, a verdade que eles tem a missão de fazer conhecer ao mundo.

* * *

Notemos que não foi só por estas cento e vinte pessoas que o Espírito Santo desceu no cenáculo: foi por toda a humanidade. Era preciso que estas cento e vinte pessoas levassem aos outros o que haviam recebido: "Ide, ensinai a todas as gentes; batizai em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo e eu estarei convosco até a consumação dos séculos". (1)

Nesta primeira possessão da Igreja nascente, o Espírito Santo, pródigo para com todos, dotou com seus dons todos os seres, especialmente Maria cuja missão, se bem que de outra ordem, não era inferior à dos apóstolos. Para tornar possível esta missão que não ultrapassa a do Filho de Deus feito homem, já por duas vezes, de uma maneira miraculosa e única, o Espírito Santo encheu a alma da Virgem.

A primeira efusão subtraiu Maria ao império do de-

mônio, colocou-a acima de todos os seres criados a exceção de Jesus Cristo, o homem completo, o homem perfeito; permitiu-lhe conhecer imediatamente Deus e unir-se a ele por meio da fé, da esperança e do amor.

A segunda efusão fez nascer dela o Filho de Deus e comunicar-lhe todas as qualidades que exige uma missão tão sublime.

A efusão do Pentecostes deu-lhe todas as virtudes, todas as graças necessárias à sua maternidade de adoção, cujos deveres deve cumprir primeiro sobre a terra e depois no céu. Antes de morrer, Jesus confiara a humanidade a Maria, fez dela a mãe de todos os homens, a mãe dos justos e a mãe dos pecadores; a mãe dos bons e dos maus; a mãe daqueles que trabalham para extender o reino de Deus e a mãe daqueles que se esforçam por destruí-lo.

Que família e que filhos!

Para amar a todos, que coração é preciso possuir! Para patrocinar a causa de alguns, que invencível confiança é preciso ter! Para obter incessantemente novos perdões, que crédito! Para cumprir seus deveres, não importa com quem, não importa em qual circunstância, quais e quantas virtudes!...

Esta nova e pesada maternidade exigia, para aquela que a recebera, uma graça especial e abundante: esta graça global, recebeu-a ela no dia de Pentecostes. Deus prova nesta circunstância a importância que dá à Virgem Mãe e prova também que cerca a humanidade de paternal solicitude. Pode-se dizer que esta graça é sobretudo em nosso favor porque, afinal, Maria poderia também não se interessar por nós. Nós, porém, agora não podemos desinteressar-nos de Maria; temos necessidade de suas orações, de sua mediação e certamente ela não as recusará.

Também nós tivemos o nosso Pentecostes. No dia da Crisma, o Espírito Santo desceu sobre nós com todos seus dons, os mesmos dons que trouxera a Maria e aos apóstolos. Em que medida recebemos estes dons? Na medida do nosso desejo e do nosso amor. Junto a Deus é sempre a mesma cousa que vale, isto é, o amor; e a medida do nosso amor é a medida de seus dons.

Se temos atualmente a conciência de ter oferecido à liberalidade divina apenas uma preparação insuficiente, um coração aberto só pela metade, um desejo apenas esboçado, não nos esqueçamos de que se pode reparar tudo junto de Deus. Abramos completamente a nossa alma ao Espírito Santo e dilatemo-la com um arrependimento sincero. O arrependimento é o amor em lágrimas, o amor que chora, o amor que confessa o seu desagrado por não ter compreendido as ofertas divinas e exprime seu desejo de reparar. A semelhante amor Deus responde sempre e dá ao Espírito Santo a possibilidade de enriquecer-nos mais.

Então compreendemos para que devem servir os dons recebidos e pomos em atividade as nossas riquezas sobrenaturais, muitas vezes infrutíferas. Na vida existem horas nas quais o dever torna-se tão difícil que, para cumprí-lo, é preciso chegar até ao heroismo. Maria conheceu frequentemente estas horas. Talvez nós as conhecemos, mas também temos tudo o que é necessário para vivê-las: a sabedoria, a fortaleza, a inteligência, o conselho, a ciência, a piedade, o temor que treme por não dar a Deus tudo o que ele tem direito de esperar de nós. Se não pensamos bastante até agora, é tempo de fazê-lo.

* * *

Madalena Semer, falecida em 7 de maio de 1921, recebera no seu nascimento o nome de Luiza, devido à grande admiração que seu pai tinha pelas ideias de Jean Jacques Rousseau.

Nascida em Genebra, voltou à França na idade de quatro anos e a mãe colocou-a numa escola católica; aos treze anos fez a primeira comunhão; aos quinze perdeu a mãe; aos dezessete casou-se civilmente; aos dezeno-

ve teve um filho e nem sequer pensou em batizá-lo; até os trinta anos a sua beleza "ouro pálido" alcançou-lhe todos os sucessos mundanos; aos trinta e três, uma sentença de civórcio pronunciada contra ela, tirou-lhe casa, fortuna e filho.

Sem recursos, sem recomendações, sem aptidões especiais para ganhar a vida, dirigiu-se a Paris. Ninguém quis saber dela nem como empregada; todas as pensões eram muito caras para a sua bolsa. Constrangida pela necessidade, a pobrezinha resignou-se a bater à porta de um convento, na rua Malakof. O seu atavio mundano não inspirou confiança e a Superiora deu-lhe uma gentil recusa. Naquele momento sobre o rosto da jovem mulher pintou-se tal uma angustiosa emoção que a religiosa, comovida, deteve-a. Madalena então revelou toda a sua história, confessou suas necessidades e suas angústias. "Fique conosco", concluiu a Superiora e animada pela caridade de Cristo ajudou-a a encontrar um programa de vida.

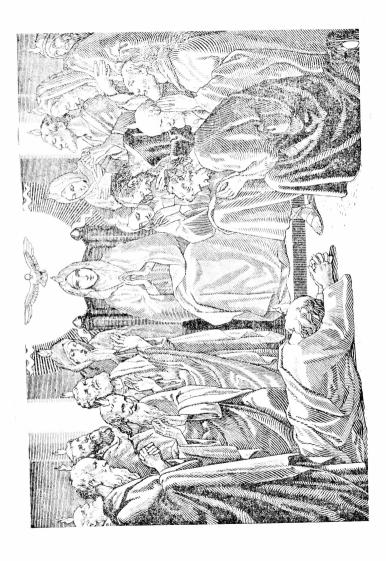
Era um consôlo, mas a jovem mulher via sòmente nisto uma mudança humana e não mudou em nada suas idéias. Todavia aos domingos assistia à missa "para agradar a Superiora", que fôra tão boa para com ela e pela qual sentia grande simpatia.

Em 24 de julho de 1911 escrevia: "Eu amo Deus sem crer nEle".

Em 26 de setembro, escreveu no seu diário que provava "grande complacência, grande doçura em todas as cerimônias religiosas". Um pouco com as provas, um pouco com a paz, Deus tirou-a do torpor. E Luiza colaborou generosamente com a graça, mas pôs um obstáculo com as leituras: leu os filósofos ímpios e encheu a cabeça de idéias falsas.

Era boa e caridosa, mas procurava o bem onde não estava; todavia procurava-O com coração sincero. Um dia descobriu e compreendeu que o Bem é Deus!

Em 1912, o filho que ela via em raros intervalos e ao



qual todavia amava apaixonadamente, ficou gravemente enfermo. Luiza desesperava-se porque não tinha liberdade nem dinheiro para socorrê-lo. Finalmente teve a alegria de abraçar o seu querido Paulo, o qual contiou à mãe que ele também se encontrara desarmado diante da dôr e da perspectiva da morte: "O' mamãe, concluiu, se ao menos soubesse rezar!"

Estas palavras soaram como uma reprovação aos ouvidos da mãe; se ela descuidara de ensinar as orações a seu filho, era necessário que ela mesma rezasse agora e se tornasse capaz de ajudar o filho a rezar.

Assim Luiza começou a rezar e em 30 de maio de 1913 escreveu no seu diário: "De há muitos dias a Capela é o lugar de delícias, onde, no silêncio, no recolhimento, espero, procuro e encontro Deus!"

E em 18 de agosto: "Bendita Capela onde se sentem remorsos e onde escorrem lágrimas de arrependimento!"

Luiza mostrou-se dócil a todas as graças recebidas; o ano transcorreu na paz e no reconhecimento.

Em 1º de janeiro, antes de ver alguém, correu ela à igreja, voltou e escreveu estas linhas: "Que o meu ano seja de Deus; que eu vos procure, único Espírito de poder e de doçura, e que em mim se faça a vossa vontade!"

A um professor de filosofia, incrédulo, que era seu amigo mais íntimo, em 14 de fevereiro, Luiza escreveu estas linhas: "Finalmente, resolutamente e na alegria, eisme discípula de Cristo... isto é para mim o milagre dos milagres; e parece-me, a alegria das alegrias".

As ascensões se sucederam. Ela mudou o nome de Luiza para o de Madalena e conduziu a Deus, o filho. Das trincheiras, este filho caríssimo escreveu-lhe em 21 de dezembro de 1916: "Peço-te que não me mandes nenhum presente para Natal. Deste-me uma alma e isto basta-me!"

Aproveitando uma licença, em 21 de maio de 1919, em Paris, na igreja de S. Pedro de Neuilly, Paulo recebeu o

batismo e aos 27 de maio, numa capela militar, fez a primeira comunhão.

Quanto a Madalena, ficou ela no mundo, mas praticava todas as virtudes religiosas; de quanto ganhava, conservava para si o estrictamente indispensável, fez voto de obediência à Santa Igreja; fez voto de castidade e pôs no dedo um anel cujo brilhante era uma cruz.

Daquele momento Madalena foi unicamente um apóstolo e ocupava-se em acender nas almas o fogo do amor divino. Suas orações e seus atos tinham somente um fito: revelar a todos, os segredos da felicidade que ela finalmente tinha descoberto e dar a Deus todas as almas.

"Com uma correspondência sem reserva à graça", Madalena saiu do pecado e em poucos anos elevou-se à pureza de coração com a qual, disse o Cristo, é possível ver a Deus e que, só, faz a felicidade.

* * *

O' Maria, minha boa mãe, ajudai-me a receber as visitas do Espírito Santo. Ensinai-me a servir-me de suas luzes, a utilizar seus dons, a respeitar a sua graça e obtende-me, como graça, a vontade enérgica de não resistiràs inspirações deste Espírito de Amor.

O Santificador

— Que cousa é verdadeiramente a alma dos Santos?

— E' um vaso cheio de Espírito Santo.

(S. Cirilo Alexandrino)

"Não se pensa, não se conhece, não se adora bastante o Espírito Santo; e todavia a Escritura está repleta de seus louvores e da sua grandeza... direi que o que Nosso Senhor não pôde cumprir em três anos, a transformação dos apóstolos, o Espírito Santo operou em uma só manhã". (1)

E' verdade: Cristo subindo ao céu, deixou aqueles que escolhera, incapazes de continuar a sua obra, não porque Jesus não pudesse formá-los melhor, mas porque queria deixar esta alegria a outro. De toda a eternidade fôra estabelecido que assim devia acontecer: Jesus Cristo, por meio do seus sofrimentos e da sua morte teria merecido todos os perdões, todas as graças necessárias para a salvação da humanidade, desde o pecado de Adão até ao do último ser vivente; fundaria a sua igreja; deixar-lhe-ia em depósito o tesouro inexaurível da Redenção; depois voltaria à sua glória e de lá enviaria outro igual a Ele para aplicar a cada um, pelo ministério dos Pastores da Igreja, os infinitos méritos da sua vida e da sua morte.

Este programa foi cumprido perfeitamente. O Filho terminou a sua missão; o Espírito Santo começou a sua. Assim, os Três que não formam senão Um, os Três que nunca

⁽¹⁾ Mons. Dupanloup numa das suas alocuções.

se separam, que nunca agem separadamente, estes Três manifestaram, cada qual por uma obra diferente, a sua personalidade distinta: o Padre pelo ato criador; o Filho pelo ato redentor; o Espírito Santo pelo ato santificador.

Se correspondermos às suas solicitações, o "Forjador de Santos" entrará em nossa alma, iluminar-nos-á. É o que fez com a SS.ma Virgem. Se Maria tornou-se o que é, foi porque soube olhar e ver na luz que se desprende do Espírito Santo.

Soube ver... o que viu?

Viu tudo o que estava ao redor de si: as criaturas animadas; viu as pessoas e as coisas; viu os prazeres e as riquezas. Tudo isso ela viu como é, no seu verdadeiro valor e este valor pareceu-lhe insignificante, enganoso quase sempre: os prazeres duram apenas um momento; a fortuna, a riqueza não impedem de chorar e de sofrer; a humanidade é enganada, pecadora, esquecida, numa palavra, mortal. Sua couclusão foi esta: não vale a pena dar-se às criaturas.

Depois na luz do "Forjador de Santos" viu estas criaturas no plano divino. E Maria viu que, também na terra. há alegrias dulcíssimas, belíssimas, santissimas. Viu que a fortuna é um bem precioso quando se sabe servir-se dela. Viu ricos que choravam e que enxugavam suas lágrimas, enxugando as dos outros. Viu junto dos corações áridos, corações cheios de bondade; viu junto de naturezas egoistas, naturezas generosas; viu junto das naturezas vís, servís e degradadas, almas elevadas, divinizadas pela graça.

E Maria concluiu: o Criador fez-me grandíssimos dons e o Espírito Santo ensinou-me a servir-me deles.

Por nossa vez se soubermos olhar a luz de Deus, conheceremos também o valor das coisas criadas, depoís de ver seu "valor negativo." Veremos que tomados a sós nada somos; deste nada, todavia, Deus quer fazer algo e é por meio das criaturas que este *algo* se fará. E se, como fez Maria, permanecermos sem interrupção sob a influência divina.

procurando o Invisível através do visível, iremos de luz em luz até o esplendor da glória.

* * *

Mas o Espírito Santo não é sòmente luz, é também calor. Ao mesmo tempo que nos ilumina progressivamente, progressivamente nos aquece. Calor tão doce e penetrante que insensivelmente invade todo o nosso ser e o transforma.

A Toda Bela, a Toda Pura não precisava ser transformada, e sim progredir. Mas nós!... Quantos defeitos a eliminar! Quantas virtudes para fazer nascer e crescer no terreno desimpedido!

O Santificador não se descuida de embelezar a alma na qual habita. Desde que esta alma esteja em estado de graça e se preste à sua ação, o trabalho processa-se ràpidamente. Com o que se encontra nela, o Espírito Santo faz tudo o que é necessário para levá-la ao seu grau de santidade. Nós dizemos ao seu grau, porque cada alma tem a própria santidade; mas a todas as almas que estão atentas, esta santidade garante a entrada no céu logo depois da morte. Deus não quer que a alma passe pelo Purgatório; é a alma que se condena antecipadamente, pela sua falta de generosidade e de correspondência à graça. Os condenados, o são por sua culpa e se eu devo, antes de entrar no céu, passar pelas chamas purificadoras do Purgatório, será por minha culpa.

Inspirando-se em Santa Catarina de Gênova, um autor moderno escreveu: "Apenas dado o último suspiro, a nossa alma comparece absolutamente só e nua diante de seu Juiz. Ele a olha, ela olha-o e depois olha para si mesma. Isto basta. Oh, como é belo Deus e como sou suja!... e logo precipita-se, por própria iniciativa, no Purgatóro com o desejo vivíssimo de apagar as manchas que lhe impedem de ficar na presença da beleza perfeita".

⁽¹⁾ A. Retté - Orações dos silenciosos.

Sim, à luz do Espírito Santo a alma vê a beleza de Deus e a sua fealdade, porém é antes da morte que ela sentirá a necessidade de purificar-se; e se fôr dócil aos impulsos do Santificador, mesmo durante a vida, a alma se encontrará diante do Filho de Deus, não como juiz, mas como Salvador. Seus méritos não são a salvação, mas são o meio da salvação. Com a oração e uso dos sacramentos. que permitem a aplicação dos méritos infinitos do Redentor, a alma pode cancelar todas as suas culpas, pagar todividas, suprir todas as deficiências, cobrir sua sordidez com a beleza maravilhosa da misericórdia e assim ornada com a beleza e santidade de Cristo, que se tornam suas, rica dos méritos do próprio Cristo, a alma pode, palpitante de amor e de reconhecimento, apresentarse quando chegar a morte, diante daquele que devia ser seu juiz e que já não é senão seu amadíssimo e poderosíssimo Introdutor na cidade celeste.

Para realizar sonho tão belo, todo o programa consiste em ficar qual Maria, sob a dependência do Mestre interior que me dirige; em deixar-me possuir por Deus, prestando-me a todas as suas vontades. Começar é dificil, mas quando se pôe todo o coração, as dificuldades diminuem e se se persevera na vontade e no esfôrço, acaba-se por amar só o que o bom Deus ama e por querer só o que Ele quer. A luz e o calor divino aumentam sempre, o coração se inflama e as chamas do amor devoram tudo o que não é divino. Então tem-se só uma paixão, uma só satisfação: a satisfação de Deus.

Ter gosto por alguma cousa, é amá-la, é pensar nela incessantemente; é consagrar-lhe todos os pensamentos, todo o coração, toda a vida; numa palavra, é sacrificar-lhe tudo. O desgraçado que tem o gosto dos pensamentos malsãos, sacrifica seus bens, a saúde, a honra e não chega a satisfazer-se plenamente. A alma santa que tem o gosto, ou melhor, a paixão de Deus, sacrifica-lhe tudo, também ela, mas não em vão. Vivendo sòmente pelas

coisas de Deus, chega ao conhecimento amoroso deste Deus e à união íntima com Ele, porque o Amor nunca deixa de corresponder ao amor.

Então passam-se na alma coisas misteriosas, que ultrapassam a concepção da natureza e que a palavra humana não sabe exprimir.

Maria, mais que qualquer outra criatura, conheceu e viveu estas coisas. Os santos também conheceram-nas e um dia, talvez, as conheçamos também nós se, conforme a recomendação do Apóstolo, não *extinguirmos* em nós o Espírito Santo (1), quer dizer, se não fecharmos os olhos à sua luz; se, com a nossa resistência às suas inspirações, não o obrigarmos a afastar-se de nós e com a sua ausência não lançarmos a nossa alma nas trevas.

"Não vos satisfaçais com o que sois, se puderdes conseguir o que não sois ainda", disse S. Agostinho. Feliz quem compreende, venturoso quem deseja, feliz quem chega à união divina.

* * *

Foi a esta união que chegou S. Catarina, vigésima terceira filha de uma modesta família de Siena. Seu pai, Tiago Benincasa, não tivera meios de dar-lhe instrução, mas o Espírito Santo, fonte universal de ciência, encarregou-se, Ele mesmo de instruí-la. Sem outro mestre que Ele, aprendeu a jovem os segredos da vida celeste e da santidade. Catarina foi objeto de tais predileções de Deus que, na idade de sete anos, fez voto de só ter como esposo a Jesus.

Ingressando mais tarde na Ordem Terceira de S. Domingos, viveu sob o teto paterno numa penitência rigorosa e numa tal união com Deus que chegou até aos êxtases; o que não a impediu de ocupar-se ativamente com os outros. Visitava os prisioneros, enfaixava as feridas dos doentes, corria à cabeceira dos pesteados.

Sua fama de santidade era tão grande, suas luzes sobrenaturais tão vastas que religiosos, bispos e cardeais vinham consultá-la. Catarina jamais recusou iluminar os que a ela recorriam. Sem falsa humildade, sabia perfeitamente que era objeto dos favores celestes e dava gratuitamente o que gratuitamente recebera. "Ficai certos, dizia, que não é um homem aquele que mostrou a via do céu". E aqueles que a consultavam, ficavam convencidos.

Esta humilde filha de tintureiros ocupava um lugar único nos negócios religiosos daquela época tão tormentosa. Foi ela quem pôs fim às hesitações do Papa Gregório XI e fê-lo decidir, em 1377, a deixar Avignon para restabelecer em Roma a séde do papado.

O amor é mestre melhor que a inteligência. Mais com o coração que com a inteligência, Catarina de Siena penetrou nos mistérios da fé. Horrivelmente caluniada, não quis ser defendida: "Pode-se ganhar de tudo, dizia; em qualquer cousa nos aconteça, o nosso primeiro pensamento deve ser: tirarei vantagem para a minha alma! Agindo deste modo seremos logo ricos". Um dia, quando viajava por mar junto com seus discípulos, a embarcação encontrou-se em perigo de naufrágio; seus companheiros mostraram certa apreensão: "Que temeis? disse ela, fostes talvez encarregados de vigiar sobre vós mesmos?" Pôs-se a rezar... e a tempestade acalmou-se.

Catarina de Siena dava a Deus todo seu amor e Deus recompensava-a com comunicações inefáveis. Sua alma toda pura era um alaúde vivo e amante cujas cordas o Espírito Santo tocava, tirando delas harmonias celestes, que subiam *em silêncio* até ao trono de Deus.

Depois da alma de Jesus, depois da alma de Maria, a alma dos santos ressoa assim sob o dedo de Deus. Porque não nos esforçaremos por afinar o nosso alaúde com o alaúde divino, de modo que os dois possam vibrar juntos? O sonho de cada alma deveria ser o de chegar à perfeita união com Deus; mas a ela só se pode chegar mortifican-

do os sentidos e desapegando-se das criaturas, isto é, aprendendo a não se preocupar com elas senão na medida necessária para chegar-se a Deus.

* * *

O' Maria, vós que conhecestes tão bem a via da santidade, introduzí-nos na luz e no amor. Que o Espírito de Deus obre na nossa alma como obrou na vossa e que nos faça saborear as alegrias da intimidade divina enquanto esperamos a felicidade celeste!

O apostolado de Maria

"De todas as cousas divinas a mais divina é cooperar com Deus na salvação das almas".

(S. Dionisio Areopagita)

Antes de subir ao céu Jesus deu aos apóstolos um último mandamento: "Ide, ensinai a todas as gentes... eis que eu estarei convosco até a consumação dos séculos". (1) E enviou os doze, que Ele mesmo escolhera e formara, à conquista do mundo; mas a Maria, mais santa e mais instruída que os doze sobre os mistérios da fé. Jesus não disse: "Ide com eles; ponde-vos à sua frente; repeti a todos o que sabeis". Não, o que Maria era, o que sabia, não era conveniente o manifestasse naquele momento; a Virgem devia eclipsar-se por trás do Redentor; devia eclipsar-se por trás dos que continuaram no mundo a obra da salvação. E Maria eclipsou-se. Longe "de arrogar-se as funções atribuidas pelo seu Filho aos Mestres da fé, foi sempre a mais humilde, a mais simples, a mais dócil entre todos os cordeiros confiados a Pedro". (2) Isto não impediu de prestar-lhes imensos serviços. E foi por isso, em parte, que Jesus a deixou após si, sobre a terra.

O Evangelho nada diz de Maria e poder-se-ia concluir

⁽¹⁾ Mt. 28, 19-20

⁽²⁾ Terrien, o. c., 1, II, c. 3.

que ela foi sempre a Virgem dos olhos baixos, a Virgem a-dormecida, piedosa nulidade, que recebia passivamente tudo o que vinha. Extravagante êrro. Sob este aspeto, Maria nada teria de Deus, porque Deus não dorme, mas trabalha e trabalha incessantemente; opera segundo as necessidades, variando incessantemente de modos: troveja e acaricia; atemoriza e excita. Pois que Maria se assemelha a Deus mais que qualquer outra criatura, age do mesmo modo, mas sempre sem se agitar além do conveniente. Se os evangelistas nada dizem sobre Maria é porque devem mostrar o Filho, não a Mãe; mas isto não prova que a Mãe estivesse sempre simplesmente num ângulo, de mãos postas, enquanto o filho percorria cidades e vilas, lançando nas almas a boa semente e multiplicando os prodígios.

Maria estava em plena atividade; seus olhos viam, seus escutavam, seu espírito raciocinava. sua tade decidia livremente; se soube dizer sim, também soube dizer $n\tilde{a}o$. Ora, dizer sim a Deus não equivale quase sempre a dizer $n\tilde{a}o$ aos outros? Maria não é simplesmente qualquer coisa entre as mãos de Deus, mas é alguém, é uma personalidade, é um ser vivente, vibrante, expontâneo; seu colóquio com o anio, a pronta decisão que a impeliu a visitar Santa Isabel, a improvisação do Magnificat são disso a prova; e se a Igreja proclama-a "Rainha dos Apóstolos" é porque, verdadeiramente, os frutos do seu apostolado foram mais abundantes que os dos doze e a sua influência no estabelecimento, na propagação e na conservação da fé é incomparàvelmente mais elevada, mais profunda que a de todos os apóstolos que trabalharam no passado e que trabalharão no futuro, para estender o reino de Deus. Maria não possui na mesma forma que a Igreja "os poderes de santificação depositados pelo Cristo nas mãos dos apóstolos. Ninguém a viu definir autenticamente as verdades da fé, celebrar o Sacrifício Eucarístico, administrar os sacramentos, dar leis obrigatórias aos fiéis, nem oferecer nos altares orações da santa liturgia. Mas a sua proeminência não é por isto menos completa, indiscutível porque suas operações são de ordem superior". (1)

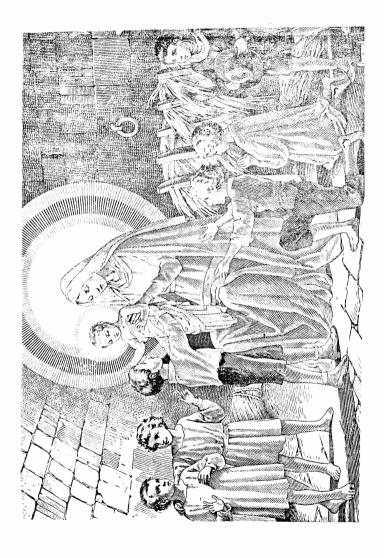
Maria deu Jesus ao mundo; foi ela a primeira que o deu a conhecer aos judeus e aos gentios; levou-o a João Batista que foi santificado graças a ela; fê-lo conhecer aos pastores vindos ao presépio logo após o aviso dos anjos; deu-o a conhecer aos Magos vindos do Oriente guiados pela estrela; fê-lo conhecer à profetiza Ana e ao velho Simeão que o esperava antes de morrer; tornou-o conhecido no Egito; e também em Nazaré muito antes que João, o Precursor, o designasse como o Cordeiro de Deus. Em Caná. Maria deu a ocasião de tornar conhecida juntamente a sua bondade e o seu poder. Depois da ascensão, Maria não seguiu os apóstolos; todavia eles voltavam-se para ela afim de aquecerem seus corações, consolarem-se de seus trabalhos, repousarem após suas fadigas e para serem iluminados por suas luzes.

O Espírito Santo impelia-os a Maria. É indubitável que este espírito de Amor inspirava os apóstolos e ainda inspira seus sucessores todas as vezes que a questão tratada ultrapassa a razão humana; mas se o elemento humano pode fornecer os meios de informação, Deus não quer que os desprezemos. Quando o Senhor enriquece alguém com seus dons, é porque quer que se faça uso deles e sabemos que é rigoroso por causa dos talentos sepultados!

Sabemos ainda que, antes de subir ao céu. Jesus dissera aos seus: "Quando vier o Consolador, êle dará testemunho de mim e também vós dareis testemunho, pois estivestes comigo desde o princípio" (1) quer dizer, depois do meu batismo. Mas o que havia precedido o seu batismo, os apóstolos não tinham visto; sòmente Maria conhecia todos os mistérios do nascimento e da vida oculta. Só ela soubera tudo, vira tudo, tudo ouvira; é por isso que ela deve dar

⁽¹⁾ Terrien, o. c. 1. VIII, c. 2

⁽²⁾ João, 15, 26-27.



testemunho; o seu testemunho é necessário. Foi ela quem deu a conhecer à Igreja e seus chefes, a misteriosa história do Salvador que S. Lucas resumiu no seu Evangelho. lho

Maria foi apóstola, mais apóstola que o maior dos apóstolos. E nós tambem devemos ser apóstolos; no nosso tempo, os cristãos que dormem são inúteis; exigem-se cristãos que ajam, que vivam a sua fé e irradiem Deus; cristãos que dêm Cristo às almas e levem .as almas a Cristo. Dar Deus às almas e levar almas a Deus é apostolado. Todo cristão em estado de graça é uma potência apostólica: ele possui Deus, portanto pode dá-lo e dando-o, o possui maiormente.

O apostolado toma tôdas as formas, o que permite a todos serem apóstolos. O apostolado de Maria foi sobretudo o apostolado da bondade. A bondade é o amor que se dá sem nada reclamar em troca.

O apóstolo da bondade vai àqueles que choram, que sofrem; leva-lhes seu coração e com ele tudo o que pode. Com boas palavras resolve as questões, afasta os motivos de discórdia, reanima a chama do amor prestes a se extinguir, expande a seu redor a concórdia e a paz. Como é belo ser bom, de maneira a fazer nascer em todos o desejo de serem bons.

Como isto se assemelha a Deus!

Para ser apóstolo, os meios não faltam. Tudo pode tornar-se meio de apostolado: o tear do tecelão, a agulha da operária, a bigorna do ferreiro, o cinzel do escultor, a pena do escritor, o pincel do artista. Tôdas essas cousas podem falar de Deus, podem aproximar os corações, reanimar a fé, extinguir o ódio, fazer florescer o amor.

Existe o apostolado da palavra, das boas ações, da amizade, do auxílio, da dedicação. Existe o apostolado da oração, o apostolado fecundo do sofrimento, o apostolado oculto do sacrifício, que não aniquila a personalidade, mas que, imolando-a, multiplica o seu valor. Existe o apostolado da

santa alegria que ilumina, que aquece, que alegra, como faz o sol, também os objetos mais rebeldes que entram na sua esfera. Existe, enfim, o apostolado do exemplo, que se impõe a todos, que pode ser dado a todos e mais que qualquer outro apostolado, arrasta.

Cada qual deve pôr a serviço das almas o que tem: suas forças físicas, suas qualidades morais, seu saber, sua experiência, os dons de graça e os da natureza; e com tudo isto, cada qual, na medida que lhe permitem seus deveres de estado, deve trabalhar como bom operário de Cristo, sem desencorajar-se, sabendo que com Deus se pode tudo.

* * *

Quando senador de Maine-et-Loire, o conde Maillé recebeu esta carta: "Recordai-vos do pequeno sub-tenente que, numa noite de 1870 dormiu ao vosso lado numa cabana às margens de Mans? Antes de deitar-vos, recitastes vossas orações e eu, que não tinha fé, sorri. Mas, refleti, estudei e reonheci que tínheis razão. Agradeço pelo bem qu fizestes à minha alma".

— Esta carta, dizia todo comovido o conde Maillé, quero tê-la entre as mãos antes de morrer porque me sirva de passaporte para a eternidade".

Vêde o que é preciso para ser apóstolos? Cumprir bem os próprios deveres de cristão. O exemplo é poderoso; vai longe e arrasta!

* * *

Ó Maria, Rainha dos Apóstolos, formai em nós uma alma apostólica, uma alma irradiante, que dá Jesus apenas com a sua presença; uma alma valente que saiba trabalhar, lutar e sofrer pela salvação de seus irmãos; uma alma de conquistador, que arranque ao demônio suas vítimas e as leve a Jesus Cristo, vosso adorável Filho.

O silêncio de Maria

"Ela conservava a recordação de todas estas cousas e meditava-as no seu coração."

Nos escritos divinos de seu compêndio, os Evangelistas, sempre tão discretos quando se trata da parte humana do Mestre, nada disseram sobre o que aconteceu a Maria depois do drama sangrento do Calvário, exceto que João a tomou consigo.

Mas João tinha um apostolado a cumprir, o que o obrigava a deixar frequentemente a casa. A vida de Maria, portanto, teve certamente, longas horas de solidão. Então "sendo proporcionada a profundidade dos pensamentos de Maria à altura das suas luzes interiores, ela estava forçosamente isolada de tudo que a circundava" (1). Longe de se afligir ou de chorar, a Virgem fechavase não sòmente na sua casa, mas também no silêncio de sua alma, isto é, no lugar mais íntimo e profundo onde o ruido do mundo não pode chegar e onde a alma só pode encontrar Deus.

Lá, só com o "Só", Maria revivia o passado, aceitava o presente, repetia o seu "Fiat" e cantava o seu Magnificat. Falava... ouvia...

Falava... mas como se pode falar no silêncio? Como se fala? Um pouco como no céu, parece-me.

(1) P. L. Perroy. A humilde Virgem Maria.

Mostra-se a Deus sem lhe dizer nada — Deus compreende.

Ouve-se a Deus, que não diz uma palavra — e compreende-se Deus.

"O silêncio é a palavra suprema que exprime o inexprimível". No silêncio, entre Deus e a alma desenvolve-se um diálogo mudo: "Fizeste bem em calar; de todas as tuas palavras, o teu silêncio é a mais elevada. Não te preocupes: entendo o que não me dizes e manifesto-te o que ignoras". As cousas mais belas que o homem diz não deixam traços no mundo visível, porque são palavras inarticuladas, orações inexprimíveis que os anjos levam aos pés do trono de Deus.

"Nos momentos solenes, quando o homem procede em plena luz no sentimento do infinito, se ele sente a necessidade do silêncio, não é porque nada tenha a dizer, mas porque tem tudo a dizer: não é o objeto que falta às palavras, mas as palavras que faltam ao objeto. Tem medo de aniquilar, determinando-a, esta alegria imensa e tímida que se ergue do fundo de sua alma e paira sobre o mundo sem pousar nele, sentindo-se pequeníssimo diante dela. Tem medo de extinguir esta chama se a prender (1) na palavra.

Como era vivo e povoado o silêncio de Maria!...

Sem dúvida ela mostrava a Deus a sua dor, porque era mulher e não lhe faltavam sofrimentos. Quando se tem penas, sente-se a necessidade de falar delas, sobretudo a Deus que tudo vê e compreende; mas estou certo que a Toda Santa não se prolongava demais sobre este ponto. O coração tinha temas mais doces: o amor falava mais forte que os sofrimentos, na espera de abafá-los completamente.

O silêncio de Maria era povoado de palavras interiores, de atos sobrenaturais, de confidências secretas: este silêncio de intimidade não colocava a Virgem simples-

⁽¹⁾ E. Hello, Do nada a Deus! 1. I. O limite e o alcance do silêncio.

produzia a fusão, a compenetração dos corações; este silêncio é solene aos olhos da nossa fé e a Toda Bela devia achálo delicioso!... A intimidade com Deus não é a nda a felicidade perfeita é uma "felicidade que espera outra" (1), é todavia uma felicidade muito grande e é como um pouco de céu sobre a terra.

Ninguém falou das expansões de amor recíprocas da Virgem puríssima com Deus e Deus com ela, mas ousamos afirmar e afirmamos que em tais expansões as horas decorriam velozes.

Todavia Deus não fazia constantemente milagres para ela: Maria não gozava da visão habitual de Deus. Procurava-o por me'o da fé, como devemos procurá-lo. Era a fé que lhe permitia ver os reflexos da luz divina e entender o éco das melodias celestes, às quais se reunia a melodia de sua alma, cantando incessantemente o seu amor e a sua conformidade à vontade de Deus, única prova indiscutível de amor.

Maria jamais provara êxtases sensíveis, nem elevações da terra, nem síncopes. Junto da cruz do seu Filho, "no mais doloroso e ardente excesso de amor que se possa imaginar", com a espada no coração. Maria ficou de pé, tranquila, pacífica, em plena posse das suas faculdades, maior e mais forte na sua dor. Estando perto de Deus, mais que qualquer pessoa, foi isenta de todo fenômeno violento.

É um fato que os santos mais favorecidos de êxtases "quanto mais se avizinham à perfeição final, menos se vêm neles os fatos extraordinários, tais como os raptos e êxtases sensíveis... A desproporção habitual que existe entre a enfermidade da criatura e a operação de Deus vai diminuindo à medida que as almas privilegiadas aproximamse do seu fim. À proporção que elas se adaptam ao divino, os mais altos favores já não as impress onam como antes. Certamente existem êxtases e tanto mais sublimes quanto mais perfeito é o conhecimento e mais intenso o amor; mas

⁽¹⁾ Marquês Costa de Bellosguardo.

tudo sucede na parte superior da alma e a região inferior do ser humano não recebe os golpes que a paralizam e a perturbam" (1) Nem todos podem tomar por modelo Santa Teres: de Avila, todos porém podem esforçar-se para imitar o nosso adorável Salvador e sua Mãe SS.ma. As criaturas mais perfeitas são ao mesmo tempo as mais imitáveis. Que mistério de divina bondade! São as mais imitáveis e entretanto são para nós as mais fáceis de imitar!

Maria não era egoista; os encantos da intimidade divina não lhe subtraiam a conciência dos seus deveres. A Virgem era a mãe de Deus, mas também mãe dos homens. Seu filho, Jesus, estava atualmente na sua beatitude e na sua glória, mas aqueles que lhe deixara em herança achavam-se em necessidade. Nas suas silenciosas expansões, Maria recordava-se deles; a sua maternidade adotiva custara-lhe demais e não podia portanto, esquecê-la... tre seus filhos de adoção encontrava muitos pouco interessantes; mas era sobretudo por esses que seu Filho viera à terra; por estes havia rezado e sofrido e também Maria por estes, sobretudo, trabalhava, rezava e sofria. A estes principalmente, Maria, no seu silêncio, recomendava a Deus antes de todos; e depois rezava por todos os outros. porque na terra todos estão em perigo. A vida é perigosa! quem cai deve levantar-se; quem é débil deve ser sustentado para que não caia.

Maria compreendía perfeitamente os desígnios de Deus à medida que eles se iam manifestando, mas não os conhecia antecipadamente. Ela ignorava o futuro dos seus filhos e era por isso que tremia. A sua preocupação constante era a de conduzir todos ao céu e como conhecia mais que qualquer outra pessoa todas as grandezas e juntamente as misérias humanas, durante o seu silêncio de oração, Maria fazia desfilar todos sob os olhos de Deus e pedia-lhe que os guardasse, que os tirasse do mal se fosse necessário,

⁽¹⁾ P. Terrien, o. c. T. II. 1. VIII. c. 1.

porque já via as multidões que não se aproveitariam das graças da redenção. Por estes e por aqueles que viriam mais tarde, talvez seu Filho tivesse derramado inutilmente o seu sangue, porque não aceitariam ser salvos por ele.

Este pensamento torturava a alma de Maria e no seu silêncio sofria, rezava, implorava, merecia por nós, ao mesmo tempo enriquecia-se de graças, embora fosse já tão rica.

O silêncio de Maria! Como era solene, vibrante, fecundo, santo!

* * *

Há também na nossa vida horas de solidão e de silêncio? Que fazemos nestas horas preciosas? O que fazemos nas horas de sofrimento?

Como pássaro noturno, a dor voa nas trevas arrastando com um golpe de asa tudo o que encontra. Sob a rudeza do golpe, os *débeis* gritam, gemem, lamentam-se; os *fortes* calam-se e fecham-se em si mesmos. Mas com frequência, intelizmente, é para pararem na soleira de sua alma, na perigosa região das más paixões. Dirigir-se para aí é a primeira imprudência; melhor seria ficar fora que penetrar em si mesmo para juntar-se às más companhias. O orgulho, a inveja, a cólera, o ressentimento, a vingança dão sòmente maus e pérfidos conselhos. Não é ali que se encontra a Deus; não é este o domínio do silêncio mas o reino do tumulto, da desordem, da anarquia interior cujo cetro pertence a Satan.

* * *

Para encontrar Deus, para entendê-lo é necessário caminhar sobre as ruinas do amor próprio, sobre os cálculos interesseiros, sobre o apego dos bens terrenos, sobre mil mesquinharias que nos arrastam e torna-se sempre mais fortes.

E se esta multidão temível de paixões do nosso ínti-

mo inspira-nos temor, se não tivermos força nem coragem de esmagá-las sob os pés, devemos recorrer a Deus e a seu auxílio. Para socorrer a alma que põe nele a sua confiança, Deus sai do seu retiro, estende-lhe a mão, tira-a dos perigos e a conduz na profundidade do silêncio.

E' o que fazem os santos, aflitos como nós pela concupicência e pelo triste poder do pecado: chamam a Deus e quando ele vem, ajuda-os.

Não esqueçamos: somos, nós todos, santos em potência, inclusive os maiores pecadores. Não teremos a vontade de ser o que podemos e que devemos ser?

Esta vontade virá se soubermos viver no silêncio. "O homem vale quanto vale seu silêncio".

É no silêncio que se aprende a calar para ouvir, ver, pensar e compreender.

É no silêncio que Deus faz brilhar a sua luz, que a fé se desenvolve e que o amor, o amor ardente, o amor de fogo, desperta.

É no silêncio que os olhos se abrem, que se vê o que convém eliminar da própria vida para não impedir a união divina.

É no silêncio que Deus faz sentir alguma cousa da sua plenitude e que nos separa do nada para unir-nos ao Tudo.

E' no silêncio que se descobre o grande segredo da santidade: "Querer tudo o que Deus quer". Fazer tudo por seu amor.

E' no silêncio que a alma entende os convites de Deus, que lhe revela seus segredos, sua ternura, seus encantos infinitos.

É no silêncio que a alma, transformada, extasiada, canta a Deus suas belas orações sem palavras, que são os ímpetos do coração, transportes de reconhecimento, adesões aos desejos divinos. "As grandes vias sobrenaturais são cantos mudos".

E' no silêncio que os santos se nutrem de eternidade, de

in inito, de divino e depois de repletos de Deus tornam-se fontes de luz e de amor.

Um dia a filha de Jean Jaurès, sem ter ouvido falar de Deus, sem que ela soubesse o que procurava, encontrou Deus no fundo de sua própria alma.

Entretano seu pai tinha tomado todas as precauções para que jamais o encontrasse. O deputado socialista, depois de ter feito desaparecer das encruzilhadas das estradas, dos tribunais e das escolas, livros e emblemas religiosos; depois de ter proibido à sua filha o ingresso em qualquer capela; depois de ter proferido na Câmara esta terrível blasfêmia: "Se Deus mesmo se apresentasse visivelmente a nós, seria necessário recusar-lhe obediência e tratá-lo como igual", depois de outros semelhantes erros, deu à filha como mestra uma aluna da Escola Normal, muito anticlerical para ter a certeza que esta faria desaparecer nela, se ainda houvesse também as noções de fé, impressas na sua primeira infância.

Uma noite, depois de um dos seus mais belos sucessos oratórios, o deputado de Albì entrou no seu escritório com os olhos brilhantes de alegria pelo seu triunfo.

Falando consigo mesmo dizia: "Que dia! Falei por três horas sem falhas, sem experimentar fraqueza: a minha palavra serviu perfeitamente ao meu pensamento... Quando falamos sobre a descristianização da França, parece que até as pedras se levantaram contra nós... e agora está feito... Minha filha Germana tem vinte e um anos e é competentíssima; senhores católicos, instituições religiosas, eu vos desafio a trazer-me um modelo de semelhante educação que eu vos apresento como fruto da independência e da liberdade de pensamento".

Neste momento ouviu-se à porta uma leve pancada; a cortina foi erguida e sua filha Germana entrou. Tomou uma cadeira baixa e cologou-se perto da poltrona do pai.

- Estais cansado desta longa sessão? perguntou. Com certeza e eu quereria que estivesseis tanto, que não recebesseis mais ninguém esta noite; assim eu vos teria todo para mim.
- Donde te vem este gosto de reclusa? Sabes que é necessário ter ao meu redor muitas pessoas para que tu possas escolher, a teu gosto, o companheiro de tua vida.
- —A meu gosto, disse ela sorrindo. Não sereis, portanto, um pai bárbaro que impõe à filha um esposo que não seja de sua escolha?
- Mesmo que quisesse, não o poderia ser; és de maior idade e livre na tua escolha. Já a fizeste?
 - Sim, papai!... foi a resposta franca.
- Estou curioso por saber o nome do preferido, ao qual sacrificaste todos os outros...

Germana ergueu-se da cadeira, ajoelhou-se diante de seu pai inclinou a cabeça e com toda a calma e simplicidade disse:

— Quero consagrar-me a Deus na vida religiosa.

Golpe de raio para o deputado socialista e silêncio... Germana levantou a cabeça; seu pai estava tão pálido

que ela teve medo e quis chamar alguém em socorro. Com um gesto ele a entreteve e depois dominando sua emoção e angústia disse-lhe com voz trêmula:

- Há quanto tempo pensas neste projeto?
- Há três anos.
- Quem te pôs essa idéia?
- Ninguém.
- -Não falaste à senhorita Verdelot? (a sua mestra).
- Não; devíeis ser o primeiro a receber a minha confidência.
- Mas houve nas suas conversas ou nas das tuas amigas um fio condutor que te conduziu a este abismo?

Não. Há quatro anos, eu passeava pelos campos com a minha mestra; sobre a estrada encontrei um cruxifixo

quebrado: a cruz estava nua e o Cristo, em pedaços, estava espalhado entre o capim da estrada. Esforçando-me por recolher estes pedaços sobre o pedestal de pedra, consegui reconstruir o Cristo aos pés daquela Cruz da qual o tinham arrancado. A senhorita associou-se ao meu esforço, mas enquanto eu contemplava o meu trabalho, ela deu no Cristo reconstruído um formidável ponta-pé, que dispersou os pedaços em todas as direções. Senti pena e desde aquele día senti aumentar no fundo do meu ser toda uma germinação de idéias que não tinheis lançado e que ninguém havia feito nascer. E por isso quero ser de Cristo para sempre!

Germana levantou-se e beijou com respeito e ternura a mão do pai, que lhe fez sinal de retirar-se. Ela tinha necessidade de ficar só. (1)

No silêncio do coração, o Cristo falara a Germana e ela ouvira-o, compreendera-o, amara-o... (e foi para sempre sua).

* * *

O Maria, minha Mãe boníssima, concedei-me compreender como vós o valor do silêncio, durante o qual se entende a Deus. Ensinai-me a calar para ouvir a sapiência eterna. Ensinai-me a extrair do meu silêncio tudo o que contém de sobrenatural, de divino; ensinai-me a fazer uma oração onipotente, uma oração de fé, de confiança e de amor; uma oração capaz de glorificar-vos e de salvar as almas.

As ascensões da alma

"A santidade, como o gênio \acute{e} a paciência".

(Hetsch)

"A velhice, disse Victor Hugo, não conspurca o gênio do ideal. Fara os Dante e Miguel Angelo, envelhecer é crescer!"

Se o poeta pôde dizer isto do gênio, que diremos da santidade?... Que diremos da SS.ma Virgem cuja vida inteira foi um crescimento espiritual?

Tendo recebido com a graça santificante, a conciência dos próprios atos, Maria entregou-se a Deus e à Sua vontade desde os primeiros instantes da sua conceição. Estava orientada para este ponto fixo que a fascinava e o seu olho interior, dele não se afastou mais. (1) Deus, sempre Deus. Maria amou-O desde o primeiro instante com toda a ternura possível de seu ser, tão prodigiosamente favorecido; o seu amor crescia proporcionalmente com o crescimento do corpo; engrandecia-se com ele e não repousou mais.

Ora, amar a Deus é merecer, é progredir, é aumentar a própria vida sobrenatural, é levá-la ao alto. Vê-se, portanto, que a ascensão da alma de Maria começou no pri-

⁽¹⁾ Entre as criaturas de Deus, só os anjos e os dois primeiros pais puderam, como Maria, dirigir-se a Deus desde o primeiro movimento de coração e do primeiro instante da existência. (P. Terrien o. c. cap. II).

meiro instante da sua existência e que continuou sem interrupção até o dia no qual, palpitante de felicidade e de amor ultrapassou a soleira da imutável estabilidade.

Mas para elevar-se sem parar, sem desfalecimento, que fez Maria?... Que fez durante a estadia no Templo? Que fez em Nazaré? Que fez durante toda a sua vida?

No Templo Maria fez o que faziam todas as suas companheiras: rezou, estudou, trabalhou.

Em Nazaré governou a sua casa; ocupou-se do seu Filho Jesus e do seu esposo José; todos os dias, junto com eles, Maria observou fielmente a Lei; em todos os sábados, sempre com eles, foi à sinagoga para rezar e para ouvir a leitura da Biblia. Fez, numa palavra, o que faziam todas mulheres de Israel, mas tudo fez mais perfeitamente, porque amava mais.

O seu amor unia-a estreitamente ao supremo Senhor e dominador do universo e por isso Maria ascendia, ascendia, ascendia, ascendia! E quando chegou a hora das cruéis separações a hora de dilacerantes sacrifícios, a dor em vez de diminuir o seu ímpeto, aumentou o seu vôo: o coração quer estar onde está o tesouro. O tesouro de Maria estava no alto e para alcançá-lo, ela subia, subia sem repousar; subindo, crescia, porque aproximar-se de Deus é crescer!

"Para o gênio do ideal, envelhecer é crescer". Para o gênio da santidade envelhecer é crescer sempre mais.

Três anos antes da morte, Dante terminou "A divina Comédia" e este poema épico colocou o seu autor na fileira dos maiores gênios do espírito humano. Isto entretanto não o impediu de morrer.

Para terminar a sua longa e gloriosa carreira, Miguel Angelo reproduziu o Panteon na basílica de S. Pedro em Roma e coroou o mais célebre templo cristão com a mais bela cúpula do mundo. Em troca, o mundo deu a seu nome, a imortalidade no tempo. Entretanto, o artista morrendo com 89 anos, exprimia a sua aflição por partir quando

começava a saber alguma cousa e entristecia-se por não ter feito à sua alma tudo o que deveria fazer.

Diversamente belas, diversamente gloriosas, são as obras primas semeadas por Maria no seu caminho: obras primas de pureza, obras primas de bondade, obras primas de imolação, de abandono e de amor sucederam-se sem interrupção; a última obra prima sempre mais bela que a precedente. Toda a obra da Virgem era uma maravilha tal que lançava o céu em êxtase. E a Virgem crescia, crescia com seu amor. E a Virgem subia, subia sempre mais, cada vez mais pressurosa, até o dia em que o amor, tirando a sua alma do corpo, lançou-a, palpitante de ternura, entre os braços que Deus lhe estendia. Para a "Toda Bela" a ascensão terminara.

* * *

Também nós devemos ascender. Em que ponto está a nossa ascensão?

Digamo-lo logo: não podemos subir sós; Deus sabe-o e para nos auxiliar oferece-nos a sua graça. Raramente, porém, a graça se apresenta sem pedir um sacrificio: sacrificio do orgulho para manifestar as próprias culpas ao sacerdote; sacrifício de um pouco de tempo para santificar o domingo; sacrifício do respeito humano para afirmar a própria fé e comungar diante de olhares irônicos; sacrifício de um prazer proibido; sacrifício de um bem mal adquirido; sacrifício de um ressentimento, de uma aversão, de um rancor. Todas essas co sas são absolutamente necessárias, mas custam.

Infelizmente existem pessoas que não querem saber destas coisas! Quando a graça vem como vento propício pronto a consolá-las, elas se apegam à família, aos negócios, à fortuna, às flores do campo, a erva dos prados, a tudo que encontram sobre a terra e assim, resistem à graça. Não querem ascender. E a graça passa murmurando simplesmente ao ouvido do coração: "Pois se te basta a terra, conserva-a".

Mas a terra não basta por muito tempo. As flores murcham; a erva seca-se; os negócios complicam-se; a fortuna passa a outras mãos; um após outro, todos os que eram amados se vão e aqueles que apegaram o coração a estes bens efêmeros, vão-se por sua vez, sem nada levar. A terra se abre para receber os seus despojos; fecha-se e é tudo!... Tudo o que se pode esperar dos amigos desta terra.

Felizmente existem outros que colocam muito mais alto o seu amor. Toda manhã, antes de dirigir-se aonde o dever os chama, este negociante, este empregado, aquele operário, aquela operária, recordam-se que têm um Pai nos céus; erguem para ele um olhar de fé e com o coração rezam a seu Pai:

"Padre nosso que estais no céu, seja santificado o vosso nome por mim, por meus parentes e por todos.

"Que o vosso reino de amor estenda-se na minha alma e em todas as almas;

"Que a vossa vontade seja feita em mim, na minha casa, na minha oficina, no meu estabelecimento, sobre a terra, como é feita nos céus".

Depois de ocuparem-se da glória e dos interêsses do Pai celeste, pensando como o seu Pai é onipotente e infinitamente bom, acrescentam:

"Pai, para nós, para as nossas famílias e para todos os homens, nossos irmãos, dai-nos hoje o nosso pão quotidiano: o pão do corpo e o pão da alma.

"Pai, contraimos débitos convosco a toda a hora e agora vamos encontrar os irmãos que têm débitos conosco: perdoai-nos os nossos, como perdoamos os deles.

"Neste dia haverá também muitas ocasiões para ofender-vos novamente. Pai, não nos deixeis sucumbir nas tentações.

"Nos estaleiros, na oficina, na casa, mil perigos ameaçam o nosso corpo e a nossa alma: Pai, livrai-nos do mal".

Depois eles partem e atendem aos seus afazeres; nada fazem de extraordinário, mas porque orientaram a sua vi-

da em direção de Deus, ascendem! E porque começaram assim os seus dias e tomam o Decálogo a sério, vão também estes de ascensão em ascensão.

Sem dúvida não ascendem como Maria, sem desfalecimento. Aqui ou lá encontram-se deserções, mas em todos os casos a graça vem em seu auxílio; retomam coragem e logo tornam a partir.

Estai certos de que se os homens forem testemunhas destas deficiências, não as esquecerão; e talvez chamem aqueles de hipócritas, quando os virem retomar os deveres e a prática da vida religiosa: o ôlho humano é máu porque o coração não é puro e vê nos outros aquilo de que ele é capaz. Quanto mais tem em si o que reprovar, menos desculpa.

Mas o ôlho de Deus não é o ôlho do homem: é ôlho de Pai justo e bom; de um Pai que ama seus filhos e conhece as dificuldades no meio das quais se debatem a sua fraqueza e a sua inconciência. Quando alguém cai, o que Deus vê é a necessidade que este tem do seu auxílio. Se o imprudente o invoca e detesta a sua queda, com uma misericórdia inexaurível como o seu amor, este Pai boníssimo só pensa em socorrê-lo. Vem, então, a graça que ergue o caido, medica suas feridas, restitue-lhe força e vigor e torna a colocá-lo na direção do céu. Assim a ascensão interrompida não recomeça, mas continua, do ponto em que foi suspensa, para um vôo mais alto.

Com outro, dever-se-ia recomeçar tudo; seria preciso partir da terra, pois se estava caido por terra; com Deus não acontece isso: desde o momento em que o chamais em vosso auxílio a sua graça levar-vos-á ao ponto onde estáveis no momento do incidente; o que fizestes antes está fe to e não é preciso refazê-lo como um muro demolido. Se estáveis sobre o muro quando caistes, a graça para aí vos levará e é do alto do muro, não da sua base, que retomareis o caminho. Vede... que Deus de bondade





possuimos!... Podemos compreender como este Deus de bondade tenha inimigos?

Se é de fé que o Senhor é tão bom com os simples cristãos que dão a Deus sòmente o que lhe devem, que sucederá então quando se trata dos santos, que lhe dão mais do que o estritamente necessário?... Os primeiros são honestos: pagam seus débitos ao soberano Senhor e Patrão; os segundos pagam também os seus débitos, mas acrescentam presentes ao pagamento. Os primeiros respeitam as ordens e as proibições: isto basta para contentar Deus. Mas quando vê o segundo satisfazer também o mínimo dos seus desejos, Seu coração se inflama de amor, torna-os seus amigos e admite-os na mais estreita e secreta intimidade.

Para os santos que nada recusam a Deus e aos quais Deus nada recusa, acontece o mesmo que a Maria: a virtude é acrescentada à virtude, o mérito ao mérito, a graça à graça, o divino ao divino. É a respeito dos santos que se pode dizer com toda a verdade: "Envelhecer é crescer!"

Quando um aviador decóla, os que permanecem em terra, seguem-no com o olhar até que desapareça na imensidade do céu. Esforcemo-nos em seguir os santos na sua ascensão maravilhosa, mas não da terra: esforcemo-nos a subir com eles seguindo o seu rastro. Inclinados para nós, Jesus e Maria nos chamam e estendem-nos as mãos: subamos, vamos partilhar a sua glóría!

Na espera de viver em tão doce companhia faz bem encontrar na própria estrada um homem como os outros e entretanto, diferente dos outros. Quero dizer, um daqueles cristãos de fé robusta e serena, ao qual nenhum dos acidentes da vida desanima, que nenhuma prova o abate. Aqueles que tiveram a dita de conhecer Carlos Jacquier, dirão conosco: Este era um daqueles! E era também um devoto servo de Maria.

Em Lião, em 1900, quando se celebrava o Congresso Mariano de Fourvière, aquele que ilustres oradores saudaram como "o príncipe da palavra" (1), "a glória do foro lionês", "o primeiro advogado de França", exaltou, por uma hora, diante de um seletíssimo auditório "A Virgem, nossa advogada". Ele amava esta Virgem, última esperança das causas perdidas, com uma ternura de menino; discursou tão bem que fez passar na alma dos Cardeais, bispos, sacerdotes e fiéis, apinhados na cripta da Basílica para ouví-lo. o seu entusiasmo, a sua gratidão, o seu amor.

Orador! Era-o certamente; mas sobretudo cristão e que cristão!... Como era viva a sua fé! Essa "dominava e governava toda a sua vida: na acepção da palavra, Jacquier vivia de fé".

Na igreja de S. Francisco de Sales, em Lião, era visto toda manhã, na missa das sete; fazia sempre a comunhão e depois da ação de graças começava a sua vida de trabalho; "mas não deixava Deus senão para ir a Deus".

A sua fé irradiava-se de toda a sua pessoa. Nos seus dias, nenhum orador deu como ele "uma prova maior, ao seu auditório, de elevar-se ao céu sublime das idéias onde habita a verdade". Ele era impelido ousadamente pássaro que parte do seu ninho e se lança como uma seta em direção de um raio de sol. Que golpes de asa! Entre as duas sumidades, Deus e Verdade, movia-se livremente, consolando e mantendo à sua altura os homens simples e sem cultura e também os intelectuais... Tudo lhe servia: um raio de sol, um raio que relampeava, o rumor de uma oficina, um trem que passava, o vento que soprava "entre as folhas"; tudo fornecia ao seu pensamento resplandecentes imagens que levavam os seus ouvintes, palpitantes, à verdade; cuidava sòmente dela e dava-a aos outros... "Era uma pregação viva e, certamente, jamais aborrecedora", porque Jacquier era um apóstolo, um apóstolo de tal fé que fazia compreender as palavras do Evangelho: "Se tiverdes fé transportareis montanhas". O seu gên o vinha da sua alma.

⁽¹⁾ Paulo Boncour.

"Humilde com os humildes e mais indomável que as feras", era sempre "alegre, bom, generoso, acolhedor... Ninguém batia à sua porta em vão. Multiplicava o seu tempo para dá-lo a todos e nada sabia recusar".

"Quando via a morte aproximar-se à cabeceira de um indiferente ou de um incrédulo, que ele conhecia, ainda mais se se tratasse de um colega, não recuava nem diante do impossível para fazer violência à misericórdia divina e ao enternecimento e à fraqueza do pecador. Se o conseguia, seu coração inundava-se de alegria".

E como se esquecia de si mesmo!... Um dia, no tempo mais vergonhoso da perseguição religiosa, "devia defender um cura perseguido por uma infração às leis laicas". No dia em que se devia julgar a causa deste padre. detido em prisão, Jacquier sepultara o seu primogênito. O juiz que conhecia a sua ternura e por consequência a sua dor, teria transferido de boa vontade o julgamento, mas isto significaria retardar a liberdade do sacerdote privar. por alguns dias a mais, os fiéis dos socorros religiosos e talvez deixar morrer algum fiel sem sacramentos. O Sr. Jacquier conhecia bem o dano que esta demora podia causar às almas e não permitiu que a sua dor retardasse o julgamento. Voltando do cemitério onde fora acompanhar os despojos do filho, pôs a pasta debaixo do braco, atravessou o Saone e dirigiu-se ao palácio da justica. Ele falou. "E' uma lembrança inolvidável. Jamais um advogado foi mais preciso e mais claro; e quando terminou, pedindo aos magistrados por amor de Cristo, que o fizera passar por uma tal dor, que reenviassem este pastor às ovelhas sob os seus cuidados, Jacquier caiu sobre o seu assento. e do seu peito rompeu um soluço irreprimível... E o pastor foi restituido às suas ovelhas.

O S.r Jacquier "foi um dos raríssimos homens aos quais Deus — que eles amam sobre todas as coisas e do qual vivem profundamente — faz a graça de embelezar suas almas com o decorrer dos anos até o dia em que Ele as acolhe para colocá-la no seu paraiso. Desse modo, após sua carreira, este ancião de oitenta e dois anos subiu ao céu.

"No dia da sua morte, ele se levantou como nos outros dias, fresco e ágil. Ouviu a missa, fez a Comunhão na igreja da sua paróquia, dirigiu-se à Faculdade e deu aula... Depois atravessou a cidade para ir à Prefeitura, onde o chamavam suas funções de vice-presidente do ofício do departamento para os orfãos de guerra. Subiu sòzinho as escadas, entrou no seu escritório e pôs-se ao trabalho. Pouco depois a sua esposa viu que parecia dormir com a cabeça apoiada sobre os papeis abertos. Aproximou-se... ele estava morto! Era o dia 17 de Janeiro de 1928".(1)

Creio que é com homens como êste que Deus faz os seus santos, os seus grandes santos.

* * *

Ó Maria, assim como vossa vida foi uma perpétua ascenção, ajudai-nos a ascender como vós. Muitos dos vossos pobres filhos têm ainda sòmente pés: pedí ao vosso Filho que lhes dê asas e quando êle as conceder pelas vossas orações, sob a forma de graças, inspirai-lhes a vontade de servirem-se delas e sustentai-os no vôo para que todos cheguem onde estais e gozem, eternamente convosco, dos esplendores de Deus.

⁽¹⁾ Antonio Lestra, Um grande orador católico, Carlos Jacquier.

Maria Rainha

"É certo que Maria tinha no fim de sua peregrinação terrestre uma medida de graça superior à santidade de todas as outras criaturas".

(P. Terrien)

Para Maria o exilio fôra longo. O seu amor, que crescia a cada instante, tornara-se tão ardente, tão forte que arrebatou a sua alma imaculada do corpo e transportou-a aos braços de Deus.

Um longo frêmito atravessou todo o céu, seguido de um silêncio solene: silêncio de admiração: a recem-chegada era tão bela!

Subitamente, com perfeita retidão de juizo, cada um dos eleitos viu o pôsto que convinha àquela maravilha de graça, de amor e beleza.

O Filho fê-la sentar à sua direita e os anjos, os arcanjos, os patriarcas, os profetas, os mártires, os confessores, as virgens e todos os santos como outros tantos fiéis súditos, foram cercá-la e de tácito acôrdo, mas unânime, proclamaram-na rainha... Desde então, até a consumaçãodos séculos, os eleitos engrossarão o número deste cortejode amor, cuja soberana jamais será destronada.

O céu é o reino da ordem. Imersos na luz da glória, que não permite nenhum êrro, os eleitos vêm o pôsto que lhes convém, vão por si mesmos a este pôsto e não desejam outro. A visão beatífica extingue todas as invejas, todas as tristezas e todas as saudades.

O céu não é o reino da igualdade: é o reino da justiça. Na morte, o meu grau de graça torna-se o meu grau de glória e o meu grau de glória dará a medida da minha felicidade. Mas Deus é tão belo, vê-lo causa tal um enlevo, que só o amor é possível na sua presença! Ver a Deus, amá-lo, é a única ocupação dos eleitos; e esta visão dá a cada um uma felicidade que apaga todos os desejos.

A glória nada mais é que o desabrochamento da graça, como a rosa é o desabrochamento do botão: sem botão não há rosa; sem graça nenhuma glória; à falta de glória, nenhuma felicidade.

Nenhuma criatura e nem a SS.ma Virgem, puderam merecer a primeira graça, princípio de todos os méritos; Deus a dá gratuitamente a todos e conforme o uso que cada qual faz dela e das que se seguem, a sua vida é bem ou mal sucedida. Todos que obtêm êxito na vida vão ao céu e vêm Deus, mas nem todo da mesma maneira e no mesmo grau.

椰马牌

Três homens acaricíam um mesmo pensamento: construir uma casa ter *um lugar* de onde ninguém os possa expulsar. Todos os materiais estão a sua disposição; precisam sòmente servir-se deles, mas não encontram quem consinta em excutar o trabalho; devem, portanto, arranjar-se sós.

O primeiro diz: "Contanto que tenha um této". E constrói uma cabana de madeira.

O segundo diz: "Quero mais, com um pouco mais de tempo, um pouco mais de fadiga, construirei uma casa cômoda e confortável". O terceiro diz: "Quero mais ainda: não pouparei tempo nem preocupações, mas desejo erguer um palácio grande e belo".

E como é inteligente, corajoso, perseverante, constrói um magnífico palácio.

Todos os três obtém o que desejam; têm qualquer coisa de próprio, mas uma não vale a outra.

Da mesma maneira, há diversas habitações no reino do Pai celeste.

S. Paulo disse: "Jesus Cristo é o fundamento do edifício da nossa santidade". Sem ele, sem o seu resgate, sem os seus méritos não é possível nenhuma santidade. Com o preço do seu sangue ele colocou os fundamentos; mas sobre estes fundamentos devemos construir nós mesmos, pessoalmente, o nosso edifício, cujo valor fixará o nosso grau de glória e de eterna felicidade.

Os nossos humildes deveres quotidianos são o material da nossa construção. Estes humildes deveres trazem o seu valor para a vida sobrenatural que anima a nossa alma. Se aumentamos a nossa vida sobrenatural com a frequência dos sacramentos, com intenso amor de Deus, o valor dos nossos atos aumentará proporcionalmente. De maneira que, segundo o nosso valor divino, construimos com ouro, com prata, com pedras preciosas, com pedras comuns, com lenho, com barro ou com palha.

Terminado o trabalho, o edifício é submetido à prova do fogo. Passando pelo fogo que restará da palha, do feno e do lenho? O trabalho é perdido a vida fracassada. De todas as outras construções restará o que cada um pôs. Segundo o seu valor, o justo Juiz fixa a recompensa. Há diferentes valores, felicidades diferentes, mas também felicidade perfeita.

No céu, a felicidade é tudo, porque tudo vem de Deus e a visão de Deus satisfaz todas as aspirações da alma. Os mais felizes são os que melhor vêm, porque gozam mais da infinita Beleza "Luz! gritou Goethe ao morrer. Luz!..." Se o céu abriu-se diante dele, Goethe encontrou-se na luz e viu Aquele que é a luz; e a medida da sua visão é a medida da sua graça.

No céu, Deus não faz reservas e não se mostra, segundo os méritos, mais a um e menos ao outro. Não. Deus nada esconde, nada reserva; mostra a todos o que Ele é, o que Ele sabe; mas cada qual vê o que *pode* ver, compreende o que é *capaz* de compreender.

Não acontece o mesmo aqui na terra? Ponde cem pessoas diante de uma mesma maravilha de natureza; todas as cem verão a mesma cousa? Oh, não. Cada qual verá segundo a sua mentalidade, segundo a sua educação refinada ou grosseira, segundo a sua inteligência desenvolvida ou não e algumas vezes, segundo o seu interêsse.

No céu, ao grau de vida sobrenatural, corresponde o grau da visão; e à agudeza da visão correspondem o ardor do amor, a intensidade da felicidade e esplendor da glória. Quanto mais se vive, mais se vê; quanto mais se vê, mais se ama; quanto mais se ama, mais feliz se é; assemelha-se mais a Deus, torna-se mais glorioso. A agudeza da visão é o resultado normal da perfeição maior ou menor da alma que vê.

Esta infinidade de valores concientes com os quais se forma o povo eleito, origina — embora se contemple a mesma infinita beleza — uma infinidade de visões diferentes. Isto não impede a bem-aventurança de cada um, porque cada qual vê o que deseja ver, compreende o que deseja compreender, sabe o que deseja saber, conhece o que deseja conhecer. Só Deus se conhece perfeitamente e é mais santo quem o conhece mais.

Não obstante, repito-o, é para todos a felicidade perfeita. Se não é para todos felicidade igual, é porque a capacidade de felicidade não é igual; um copo não será capaz de conter o que contem uma bacia e esta, o que contem um oceano. Mas quando o copo está cheio, esta reple-

to: é a plenitude que satisfaz; e o menos bem servido está tão bem aquinhoado que não inveja a ninguém.

De tudo isto podemos, todavia, tirar uma conclusão: aumentando a minha graça na terra, aumento a minha felicidade no céu e já que uma intenção é suficiente para transformar um ato comum em ato sobrenatural que faz merecer a graça, não devo descuidar desta intenção que me permite e permitirá eternamente glorificar mais a Deus.

O aumento "da graça não é formado por partes reunidas umas às outras. Não é um tesouro que se aumenta ajuntando uma moeda de ouro às outras; não é como o crescimento de uma árvore, na qual novos círculos concêntricos ajuntam-se aos antigos (1);" mas é um aumento de vida celeste em nós.

Fala-se muito, atualmente, de transfusões de sangue; poder-se-ia dizer que a graça é a transfusão da vida divina na nossa alma. Transfusão mais ou menos abundante, mais ou menos contínua, segundo a vontade de Deus e segundo a nossa. Em Maria esta transfusão divina começou no mesmo instante da sua Imaculada Conceição e continuou sem interrupção até o seu último suspiro. Em nós, esta transfusão começa com o batismo e continua enquanto permanecermos no nosso dever.

Maria está acima de todos os eleitos porque depois de ter recebido mais que todos, mereceu mais que todos. Tudo o que Deus lhe deu, ela o recebeu com reconhecimento, tudo o que Deus pediu, ela lho deu com generosidade. Imitemos a Maria e Deus poderá amar-nos como quer e doarnos todos os bens que deseja. Confiamos num médico, num arquiteto e num alfaiate. Confiemos também em Deus! Creiamos na sua bondade, no seu amor; não tenhamos medo dos seus desígnios. E' preciso crer para merecer ver: a vida de fé só termina na vida de glória. A fé é a noite ou pelo menos a névoa mais espêssa que nos vela o caminho; mas a névoa dissipa-se e a noite termina na luminosa

⁽¹⁾ P. Terrien, o. p. t II,

claridade do longo dia da eternidade; neste dia vivem os bem-aventurados que se amam com profundo amor.

Eis como Dante nos fala do céu: "No céu, a virtude da caridade dirige a nossa vontade e não a deixa desejar mais do que possuimos. Se quiséssemos ser mais elevados, os nossos desejos não estariam mais em harmonia com Deus, que nos guia. Ora, semelhantes desejos não existem mais nas esferas celestes. Aí todas as nossas vontades formam uma só. Neste reino somos colocados por grau; o que agrada ao rei que tudo governa, agrada a todo o reino. A sua vontade é a nossa paz. Esta paz é semelhante a um mar no qual se perde tudo o que a sua grandeza criou e tudo o que faz a natureza". (1)

Porque então não começareis desde já a união sobrenatural da vossa vontade com a vontade de Deus? Esta união faz-nos gozar antecipadamente a paz dos eleitos. Sobre esta terra tão atribulada, a paz será um bem verdadeiramente grande!

Esforcemo-nos portanto! e não esqueçamos que, depois da morte, ocuparemos na hierarquia da recompensa e da glória o pôsto correspondente ao que ocupamos agora na hierarquia da virtude.

* * *

A horrível perseguição religiosa verificada há alguns anos no México, deu a muitos católicos a oportunidade de verter o próprio sangue para testemunhar a própria fé e de levar a sua virtude até aos mais sublimes heroismos. A SS.ma Virgem ensinou-nos a morrer de amor; um jovenzinho de doze anos ensina-nos a morrer *pelo* amor.

José Sanchez del Rio foi preso em 5 de fevereiro de 1928 e conduzido à prisão pelo general Guerero.

Que fizera este menino?

Nenhuma maldade, nenhum ato condenável, estai certos! Mas pertencia a uma família rica e católica. Duplo pecado, duplo perigo.

⁽¹⁾ Paraíso, c. 3, 70-87.

E quiseram extirpá-los com um só golpe. Por isso no dia seguinte ao da sua prisão, conduziram-no ao cemitério e puseram-no aos pés de uma forca onde um menino da sua idade seria enforcado. Com a corda no pescoço o jovem heroi fez um grande sinal de cruz e em tom resoluto disse aos carrascos: "Estou pronto!" Foi então levantado da terra e suspenso sob os olhos de Sanchez.

Cumprida esta monstruosidade, sempre com a intenção de intimidar Sanchez e tirar proveito da sua captura, pois era necessário dinheiro para continuar a perseguição, fixou-se em presença dele o preço do resgate. Para libertálo seu pai deveria pagar cinco mil pesetas: do contrário, seria a morte.

Dar dinheiro... para ajudar a perseguição... o bravo e piedoso menino não queria saber disso e escreveu imediatamente um bilhete a seu pai:

"Papai, não dê nem um cêntimo!"

Na mesma noite, às sete, escreveu a um seu companheiro:

"Estou condenado à morte; nesta noite, às 8 e meia, virá finalmente o momento desejado. Não tenho coragem de escrever à mamãe; fá-lo tu por mim. Viva Cristo! Que Ele reine! Que Ele comande! Viva Nossa Senhora de Guadalupe!"

Não foi às 8 e meia, mas às 11 e meia da noite, que o menino foi tirado da prisão para ser fuzilado. Sanchez caminhou tranquilo e resoluto para a morte e chegando ao lugar da execução gritou:

"Viva Cristo Rei!"

E caiu sob as balas.

O' Maria, boa e piedosa Rainha, se tivermos de confessar um dia a nossa fé, estai presente para sustentarnos. Mas estai também presente para ajudar-nos nas lutas ordinárias da vida, perigosas também essas e pondenos, pois sois nossa mãe, nas disposições que sempre foram as vossas: "Morrer, antes que ofender a Deus!" permitiu à alma gloriosa de Maria reunir-se ao corpo e fazê-lo participar da sua glória.

De maneira que, se a morte de Maria foi o triunfo do seu amor por Deus, a ressurreição antecipada do seu corpo foi o triunfo do amor de Deus por Maria.

* * *

Em um de seus célebres quadros, Murilo mostra-nos a Assunção da SS.ma Virgem ao céu, envolvida na sua glória e sustentada por alguns anjos que lhe formam uma coroa.

E' deliciosamente verdadeiro, mas não é a verdade inteira. Certamente no dia do ingresso da Toda Bela no céu, os anjos cooperaram no seu triunfo; mas não creio que precisaram carregá-la. O corpo de Maria ressuscitou glorioso, não estando mais sujeito às leis da gravidade, nem a nenhuma outra lei da natureza, portanto, não houve necessidade de auxílio para subir. Sem preocupar-se com obstáculos que não existem mais para eles, sem vertigem, sem medo dos abismos, mais ágeis que o pensamento e com a mesma facilidade, os corpos gloriosos vão de um lugar a outro, através das paredes, transpõem os espaços interplanetários sem fadigas e sem impecilhos.

Além disso o céu não está tão longe nem tão alto! O céu está em toda a parte onde Deus se mostra como é. Ora, Deus pode mostrar-se em toda parte porque está em toda parte. O céu circunda-me, porém o céu não é ainda o céu para mim, porque não vejo Deus face a face.

Sôbre o Sinai, Moisés dissera ao Senhor: "Mostra-me a tua face." O Senhor respondera: "Farei passar diante de ti toda a minha bondade, mas não pedarás ver a minha face porque morrerias. Mete-te numa cavidade da rocha quando a minha glória passar e cobre os olhos com as mãos até que ela passe. Depois tira as mãos e verás a minha glória por detrás, mas a minha face não poderá ser vista." E as-



sim aconteceu. De fato, Moisés não viu Deus senão depois de passado e isto foi suficiente para que ele descesse todo luminoso do monte.

Para subir ao céu, Maria não teve, pois, necessidade do auxílio dos anjos nem de viagem, nem de ascensão visível como a de Cristo, porque êste último milagre não era necessário. Todavia é permitido dizer que Maria subiu ao céu: aproximar-se de Deus é sempre elevar-se, porque Ele é altíssimo. É também permitido pensar que os anjos, vendo a Virgem ornada de todo o seu esplendor, suspenderam os seus cânticos e exclamaram cheios de admiração: "Quem é esta que sobe do deserto, revestida de sol, com a lua sob os pés, coroada de estrelas, apoiada sôbre o seu dileto?"

O dileto é o seu Filho adorável. Depois de fazê-la sentar à sua direita, de ter coroado os seus pensamentos, os seus desejos, os seus sofrimentos, os privilégios aos quais fizera jús, depois de ter coroado as suas virtudes, os seus méritos, este Filho onipotente coroou também a sua cabeça, colocou um cétro nas suas mãos e associou-a por toda a eternidade à sua glória, ao seu poder, à sua felicidade.

Um dia, também nós ressuscitaremos, mas antes, o nosso corpo passará pela dissolução, pela repugnante corrupção e a nossa alma, pessoa humana incompleta, deverá até o dia do juizo universal, gozar sòzinha da felicidade suprema. Depois daquele dia, nenhuma separação é possível; o meu corpo e a minha alma, unidos durante a vida, continuarão em condições novas, uma existência comum. Sou eu, corpo e alma, que sobre a terra faço o bem ou o mal; sou eu, corpo e alma, que no último dia da história do mundo, receberei o castigo ou o prêmio eterno.

O juizo universal!... Que dia terrível para os malditos!... Que festa esplêndida para os eleitos!... Como parecerão sábias todas as vontades de Deus!... As disposições da Providência tão obscuras e inexplicáveis até aquele momento, revelar-se-ão misericordiosas e soberanamente paternais!... Veremos que Deus fez tudo bem!... E os seus perdões que destroem todas as nossas faltas, as suas misericórdias, que cobrem todas as nossas misérias, aparecerão divinos, amorosos e ternos aos nossos olhos!... Veremos que também os mais santos são apenas ricos de misericórdias divinas! Eles fizeram bom uso delas, eis o seu mérito! O juizo final: eis a justificação de Deus, tão pouco comprendida por ora!...

Durante a espera é preciso morrer para ver Deus. Morrer quando Ele quer, como quer, isto é, andar até o fim da prova e sair dela com honra. Porque a prova terminará; o nosso destino não é o de viajantes perpétuos: "Nada se move por mover, mas para chegar", disse S. Tomás. A pátria de repouso existe; é o reino do nosso Pai celeste, o "nosso reino", onde somos esperados por Alguém que nos ama e quer fazer-nos felizes.

Fazer-nos felizes! Eis o seu desejo: fazer-nos felizes já nesta terra. Com este fim, este Pai terno e previdente já passou antes de nós em toda a parte onde devemos passar; e passou por nós. Sabendo muito bem que por aí devemos passar, porque os nossos deveres para aí nos levam, ele semeou pelas nossas estradas pérolas e flores. Pérolas: quero dizer, graças, auxílios que deverão tornar-nos capazes de cumprir quaisquer deveres e de enriquecer-nos de virtudes e méritos, os únicos verdadeiros bens. Semeou também flores, isto é, prazeres inocentes se soubermos usálos, mas cujo abuso nos tornará culpados.

Por onde Deus passou, todos passam. O inconciente colhe as flores e desdenha as pérolas. As flores murcham e nada resta quando se chega.

O sábio colhe as flores quando pode, mas o seu cuidado é o de ajuntar pérolas; enche as mãos,o coração, e a alma que se dilata para receber ainda mais. Enriquece-se, assim, a cada passo e torna-se um precioso escrínio. De maneira que, no ocaso da sua vida, quando parece que a idade lhe roubou todo o seu valor, o sábio que se fez santo

caminhando, na realidade não tem preço. Se os que passam pudessem ver nele o que Deus vê, lançar-se-iam a seus pés para adorar o que de divino ele encerra.

Para o sábio, como será belo morrer!

Como morreremos nós?

Não somos tão santos como Maria para morrer de *a-mor*. Provàvelmente não nos será apresentada a ocasião de morrer *por amor*, como os mártires. Podemos, todavia, ' e devemos a todo custo *morrer* no amor, isto é, em graça. A morte é o fim de uma fatigante viagem; é a chegada à nossa casa. Se chegarmos triunfalmente, esta chegada porá todo o céu em festa e a nossa entrada no mundo dos eleitos será para nós um verdadeiro triunfo.

Mas para viver bem é preciso aprender a servir-se das criaturas; é preciso aprender a passar por cima e esforçar-se também para diminuir a necessidade fitícia delas, em vez de aumentá-la.

Isto é o que fazia o seráfico S. Francisco de Assis. Filho de um rico negociante, a fortuna não era bastante para a sua grande alma. Lançou-se então aos prazeres, mas a vida deu-lhe sòmente náuseas. Esforçou-se por encontrar a felicidade na glória. De mal a pior! A carreira das armas, os prazeres mundanos, o ouro, a prata, tudo esfaimava o seu coração em vez de satisfazê-lo. Então Francisco abandonou tudo o que possuia. "A senhora Pobreza" tornou-se a companheira da sua vida e a partir daquele momento vivia sòmente do amor de Deus e dos seus irmãos.

Desta vez ficou satisfeito!

Seus irmãos... é toda a criação que deve a existência ao seu mesmo Pai.

E a criação, encontrando um tão bom irmão neste seráfico Francisco, pôs-se, como no paraiso terrestre, às suas ordens. Todas as alegrias que antes lhe recusara, deu-lhas então, prestando-se prontamente aos seus desejos. No impeto da sua gratidão, Francisco convidava todos os seres a unir-se a seu agradecimento.

"E' preciso que cantes louvores ao Senhor, irm \tilde{a} cigarra", disse.

E a cigarra pôs-se a cantar e cantou até que Francisco lhe ordenou que calasse.

A sua alma de poeta sentia em alto grau o valor das criaturas: obra de Deus, elas revelavam-lhe a sua beleza, a sua potência, o seu amor. Ele exultava diante do sol e do fogo.

"Nós somos como cegos — dizia — mas Deus empresta-nos a sua luz por meio destes dois irmãos".

Um dia os seus olhos cegaram completamente; Francisco não pôde ver mais esta bela criação que ele tanto amava. Sem perder a serenidade, continuou a fazer a criação cantar os louvores ao Senhor, sabendo que ela existia embora não a visse. Doente e cego, compôs o cântico das criaturas ou como se costuma chamar o "Cântico do Sol".

A sua doença tornou-se gravíssima. Para salvá-lo, os médicos acharam melhor cauterizá-lo com um ferro em braza. Quando o doente sentiu aproximar as pinças que seguravam o ferro avermelhado, fez sobre estes instrumentos o sinal da cruz e disse:

"Irmão fogo, sei que és mais útil que a maior parte das outras criaturas; mas sabes também que eu sempre fui bom contigo e sempre o serei por amor dAquele que te criou. Portanto mostra-te dócil e amável comigo e não me queimes além do que eu possa suportar".

Os frades fugiram ao sentirem queimar a sua carne, mas Francisco afirmou que nada sentira. Porém não sarou. Então vendo aproximar-se a morte, pediu que lhe cantassem o cântico do sol, que ele mesmo compusera. E os frades cantaram:

"Louvado sejas, meu Senhor com todas as criaturas, especialmente pelo senhor, o irmão sol, o qual dá o dia

e ilumina por si e ele é belo e radiante com grande esplendor — e de Ti Altíssimo traz significação.

"Louvado sejas meu Senhor, pela irmã lua e estrelas. "Louvado sejas, meu Senhor, pelo vento e pelo ar e nuvens...

"Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água que é muito humilde, preciosa e casta".

"Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo que ilumina a noite, e é belo, alegre, robusto e forte".

"Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa mãe terra, que nos sustenta e governa..."

"Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor... Felizes aqueles que se mantêm em paz...

"Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que suportam enfermidades e tribulações pelo teu amor..."

"Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã morte corporal...

"Felizes os que se acharem nas tuas santíssimas vontades..." $% \left(1,...,1\right) =\left(1,...,1\right)$

E o que é mais surpreendente é que S. Francisco teve discípulos e ainda os tem depois de sete séculos. Quanto mais o pobrezinho se escondia e se despojava, tanto mais os esfaimados de felicidade se precipitavam em suas pegadas.

Tanto que precisou fundar para os homens a família dos Franciscanos. Menos de quarenta anos após sua morte, esta ordem contava oito mil conventos.

Precisou também fundar para as Virgens a ordem das Clarissas.

Precisou fundar para as pessoas do mundo, para as pessoas casadas, a Ordem Terceira de S. Francisco. Através do mundo cúpido e corrupto, esta ordem terceira conta também em nossos dias, nos palácios, albergues, minas oficinas, instituições, comércio, em toda parte, numerosíssimos cristãos e cristãs desconhecidos, que vivem aci-

ma das miseráveis atrações das criaturas, numa atmosfera de paz e virtude.

* * *

O' Maria, obtende-nos morrer no amor como o vosso servo Francisco. Ensinai-nos a amar Deus e a encontrálo nas suas obras. Ensinai-nos a viver, ensinai-nos a morrer.

Santa Maria, mãe de Deus e mãe nossa, rogai por nós, pobres pecadores, agora e na hora de nossa morte.

O triunfo de Maria sobre a terra

"Ergue-te amiga minha, pomba minha, que te escondes entre as fendas das rochas; vem, mostra a todos a tua face e resssoe a tua voz nos meus ouvidos".

(Cant. 2, 10-14)

"Quando o Salvador subiu ao céu, deixou a sua Mãe sobre a terra; ela "viveu tão humildemente diante dos homens que, percorrendo a história, dir-se-á que nada valeu para o mundo. Mas no dia de hoje que maravilhosa mudança de opinião!" (1) A humanidade lança-se expontaneamente de joelhos diante daquela que até agora viveu escondida e esquecida e proclama-a sua Senhora e Rainha. Em toda parte existe "a Madonna", a "Nossa Senhora!" Recorre-se a ela; se lhe oferece os corações doloridos, despedaçados, inquietos ou transbordantes de alegria. E' chamada com todos os nomes segundo a necessidade: "Nossa Senhora da Piedade", "Nossa Senhora das Sete Dores", "a Dolorosa", "a Piedade", "Nossa Senhora do Perpétuo socorro", "Rainha dos Apóstolos", "Nossa Senhora do SS.mo Sacramento", "Nossa Senhora da Boa Morte", "Nossa Senhora Se

⁽¹⁾ Terrien, o. c. II.

nhora da Misericórdia", Nossa Senhora do Bom Conselho", "Nossa Senhora de todas as Alegrias", "Nossa Senhora de Lourdes ou de Fátima", e com mil outros nomes! A necessidade no momento inspira a cada um, novo nome que surge expontaneamente do coração.

Mas não nos basta chamar Maria com todos estes nomes de reconhecimento e de amor: em toda a parte levantam-se altares em sua honra, constroem-se capelas ou templos. Nomearemos alguns:

Na Itália: Santa Maria Maior e a Madonna de Ara Coeli em Roma; Nossa Senhora Menina de Milão; Nossa Senhora de Loreto; o Santuário de Oropa; a Auxiliadora de Turim; Nossa Senhora da Consolação e a Grande Mãe, também em Turim; Nossa Senhora de Superga; a Basílica de São Lucas em Bolonha: Nossa Senhora de Savona; Nossa Senhora do Carmo em Nápoles: Nossa Senhora de Aspromonte; Nossa Senhora de Messina (a Nossa Senhora da carta); Nossa Senhora de Grappa; Nossa Senhora de Monte Berico em Vicenza; Nossa Senhora das Graças em Lucca; Maria Menina de Siena; Nossa Senhora de Rocciamelone; Nossa Senhora de Pompéia e mil outras. Na Itália, especialmente, não há cidade e região que não tenha Nossa Senhora como sua especial protetora ou não tenha, pelo menos um Santuário, onde todos os anos, particularmente no mês de maio, se fazem peregrinações soleníssimas e numerosas.

Na Polônia há "Nossa Senhora de Cracóvia" que todos chamam de "Grande Senhora"; ao par desta existe "a Nossa Senhora Negra de Czestokowa", chamada a "Rainha da Polônia".

Na Bélgica: "Notre Dame de Hal" e "Notre Dame de Anvers".

Na Suissa: "Notre Dame dos Eremitas", "Nossa Senhora de Lucerna", "Maria de Ensielden".

Na Espanha, um dos seus reis, S. Henrique, atribuiu a Nossa Senhora todas as vitórias contra o Islamismo e fezlhe erguer mais de mil santuários grandes e pequenos.

Na Húngria: "Nossa Senhora da Alvorada Real":

Na Algéria a cidade dos piratas, há "Nossa Senhora de Ravin" e "Nossa Senhora da África".

Em Portugal: "Nossa Senhora do Calvário" e agora a celebérrima "Nossa Senhora de Fátima".

Em todos os continentes, em todas as nações, existem santuários particulares. Queremos recordar no Novo Munod, "Nossa Senhora de Guadalupe" do México, célebre pelos seus inumeráveis milagres.

E na França? Sem falar da Nossa Senhora de Lourdes e de Salette, que todos ouviram nomear e que muitíssimos visitaram, existe: Nossa Senhora de Pontmain, de Fourvière, de França, de Verdelais, de Landes, de Arcachon. Existe a Nossa Senhora de Roc-Amadour, a mais antiga peregrinação de França, onde se venera a Virgem Negra, que dizem ter sido transportada por Zaqueu, o publicano, aquele que Jesus fez descer do sicômoro para ir comer em sua casa; este, depois de restituir o "quadruplo" de tudo o que havia roubado e dado aos pobres a metade do que lhe restava, dirigiu-se à França para evangelizar a Provença e difundir o culto da SSma. Virgem. Roc-Amour guarda a sua lembrança.

Em París há a Nossa Senhora de París, erguida sobre as ruinas de um templo de Júpiter; Nossa Senhora das Vitórias, dos campos, da Boa Notícia. Em Marselha há Nossa Senhora da Guarda.

Em Havre, Nossa Senhora da Frota; em outras partes, Nossa Senhora de Chartres; de Reims; do Porto; de Delivrance; de Liége e tantas outras.

Aos templos é necessário acrescentar as cidades: em Alsácia, Santa Maria aux Mines; na Mancha, Santa Maria do Monte; Santa Maria des Bains; Santa Maria dos Reis, assinaladas também nas cartas geográficas.

Sobre a terra Maria possui as suas ilhas, as suas praias; um seu mês na primavera e outro no outono, durante os quais, seus altares se cobrem de rosas dos nossos jardins e das rosas das nossas orações. Maria tem o seu dia, o sábado; a sua hora, a "Ave Maria"; três vezes ao dia os sinos de todas as igrejas soam demoradamente para celebrar o privilégio da sua divina maternidade.(1) Há também sinos que espandem no silêncio, em todos os tons, o mais profundo, o mais prodigioso dos mistérios de amor e se revestem de tanta poesia, tanta grandeza, tanto encanto, que muitas vezes inspiraram os sentimentos dos artistas. Quem não conhece o célebre quadro de Millet, o Angelus?...

No campo, já meio imerso na sombra, aparece ao longe o campanário de uma igreja; mais em baixo, numa lavoura, estão um bretão e sua esposa. O sino toca: os lavradores erguem-se deixando na terra a enxada e a cesta, e de cabeça inclinada, rezam. O seu recolhimento também nos recolhe(2).

As honras sobem como incenso, de toda a terra, ao trono de Maria. Para glorificá-la viram-se surgir os Congressos Marianos, o ano mariano, a imprensa mariana, as obras marianas; é Maria, sempre Maria que se visa celebrar em todos os pontos do globo: o Velho e o Novo Mundo rivalizam em cantar os seus louvores. Até os não-cristãos, falam com respeito de Maria: em Tóquio, em 1929, um professor pagão fez uma conferência pelo rádio sobre o tema "a SS.ma Virgem dos cristãos" e propunha-a como modelo dos jovens pagãos japoneses. "A pureza, disse, não é uma ficção: é uma realidade e foi realizada em toda a plenitude

⁽¹⁾ Depois do assédio de Belgrado por Maomé II, o Papa Calixto III ordenou que soassem todos os dias, ao meio dia, os sinos de todas as paróquias da Europa, para convidar os cristãos a rezar pelos defensores da fé. O uso difundiu-se em toda a Igreja Católica e assim, toca-se o **Angelus** três vezes ao dia.

⁽²⁾ Esta obra prima deu ao seu autor 800 francos: 29 anos mais tarde, em 1889, foi vendido por 700.000 francos... É sempre assim: para apreciar os seus semelhantes, os homens esperam que eles morram.

pela Mãe de Cristo à qual os cristãos gostam de chamar "a Virgem das Virgens" e acrescentava:

"As nossas jovens são destinadas a tornarem-se boas esposas e boas mães. Nisto ainda, a Senhora cristã, a Mãe de Deus é o seu mais perfeito modelo. A imitação da SS.ma Virgem Maria fará muito mais pela educação das nossas jovens que os exemplos heroicos das mulheres célebres do nosso país".

E' verdadeiramente um pagão que fala deste modo? E a "Toda Bela" não conquistou já o seu coração?

Os fatos abundam, mas quando se é rico demais, renuncia-se a fazer o inventário da própria fortuna; contenta-se de servir-se dela e de fazer os outros aproveitarem-se dela: Inútil ir procurá-los no Extremo Oriente: a Itália e a França possuem um maravilhoso capital consagrado a Maria, e Maria Rainha do Universo tem pela Itália e pela França um maravilhoso capital de ternura. Lourdes e Salette, Oropa e Pompéia, Loreto e Rocciamelone provam que Maria se compraz em estar sobre os nossos montes e entre as nossas neves, como sobre nossas planícies e nos nossos vales, que lhe são caros e aos quais proteje!

Em Lião, por mais de meio século, a peste fez tais morticínios que os historiadores do tempo contam cenas inimagináveis.

"Quando os carros fúnebres passavam pelas estradas, lançavam-se neles os cadáveres desordenadamente. Mais de uma vez, na confusão e na pressa, os coveiros lançavam até os pobrezinhos que ainda viviam".

Faziam-se votos particulares; o flagelo cessava por um pouco e depois reaparecia. A população aterrorizada reclamou, da parte do poder civil, um ato de fé e confiança em Maria. Para satisfazer ao sentimento popular, os Cônsules, em 1643, reuniram-se no Palácio da cidade e consa-

graram Lião à SS.ma Virgem, fazendo voto, — se o flagelo cassasse, — de subir, eles e seus sucessores, todos os anos, a 8 de setembro, à capela de Fourvière, de ouvir a Santa Missa e de oferecer em reconhecimento, um escudo de ouro e uma vela de sete libras. (1)

Subitamente o flagelo cessou e não mais apareceu.

De 1643 a 1790 os Cônsules cumpriram fielmente o seu voto. A Revolução interrompeu a piedosa peregrinação e suspendeu a administração consular. Em 1848, S. E. o Cardeal de Bonal pôs em vigor o cumprimento do voto.

Para substituir os cônsules, todos os anos, a 8 de setembro, festa da Natividade da SS.ma Virgem, de manhã, às 7 horas, os delegados de todas as paróquias da cidade fazem cortejo a S. E. que do palácio episcopal vai em procissão à Basílica de Fourvière para aí celebrar a Missa do voto. Durante o Evangelho os delegados depositam nas mãos do Cardeal "um escudo de ouro e sete libras de cera branca". O escudo vai para o tesouro do Templo e a cera é queimada até a extinção, diante do altar de Nossa Senhora. S. E. renova a consagração de Lião a Maria e dá a bênção com o SS.mo Sacramento. Durante aquele dia, a Basílica e o velho santuário ficam repletos.

À tarde, às 17 horas, oito ou dez mil pessoas estacionam ainda na praça do santuário. Mais de cem mil pessoas cobrem as estradas de Saone, a praça de S. João, a de Bellecour e todas as janelas e praças de onde se pode ver Fourvière. Um novo cortejo se forma; S. E. levando o SS. Sacramento, dirige-se ao pórtico da Basílica que domina toda Lião. Às 18 horas, à primeira pancada de relógio, todos os sinos da cidade soam demoradamente; acima deste concerto ouvem-se as vozes solenes dos cantores.

"Um primeiro tiro de canhão adverte os fiéis que se põem de joelhos nas estradas, nas praças, em toda parte. Ao segundo tiro, os sinos dão o sinal da bênção: as cabeças

⁽¹⁾ Em Lião, no Arquivo do Palácio da cidade, existem os «Atos» deste voto.

se inclinam; S. E. levanta o Ostensório e abençoa a cidade de Maria. Um terceiro e último tiro de canhão anuncia que tudo está terminado: a multidão levanta-se, concentra-se e se afasta. Não há nada mais solene, mais imponente e impressionante que este espetáculo de poucos minutos de fé ardente e de amoroso reconhecimento.

O como se ama a Maria em Lião! Sobre uma velha lápide de mármore, pode-se ler a seguinte inscrição: "Povo de Lião, saibas que teus filhos nascem consagrados à SSma. Virgem!"

"Os lioneses têm alma mariana: eles põem Nossa Senhora de Fourvière em todas as circunstâncias da da sua vida. Colocaram a estátua da sua Senhora em grande número de casas e nas encruzilhadas de muitas estradas. Todas as suas alegrias, suas dores, suas esperanças, suas cruzes são confiadas a Nossa Senhora e Maria é verdadeiramente o centro da vida lionesa". (1)

Em Lião, depois de 8 de setembro é preciso ver, em 8 de dezembro, a peregrinação das mulheres e dos homens à Rainha do céu e a iluminação! E' uma maravilha de fé, entusiasmo e amor!

Estas peregrinações começaram em 1852 para a inauguração da estátua dourada que domina o velho santuário. O pedestal da Virgem devia ser iluminado e algumas piedosas famílias haviam lançado a ideia de iluminar para a circunstância, também as habitações particulares. A autoridade religiosa não encorajou esta iniciativa e por isso a proposta pareceu ficar em nada.

A 8 de dezembro, na hora fixada para a inauguração da estátua, um violento temporal se desencadeou sobre a cidade, foi por isso impossível iluminar o campanário. Todavia, chegando a noite, o vento fez cessar a chuva e reapareceu o céu sereno, brilhantemente coroado de estrelas. Num instante a cidade acordou como por encanto.

⁽¹⁾ Mons. Chatelus, Notas e esboços.

Nunca foi visto e talvez jamais se verá um entusiasmo semelhante.

"A multidão fazia fila nas vendas para poder prover-se de óleo e de velas. Em menos de um quarto de hora, todas as provisões destes artigos foram vendidas. Pouco depois, nenhuma janela permanecia na obscuridade. Os pequenos negociantes iluminaram, também eles, os seus balcões e os condutores, os seus carros...

Avisou-se S. E., que de nada sabia e fizeram-no subir ao terraço. À vista de tal espetáculo o venerando prelado não pôde conter as lágrimas".

O palácio arquiepiscopal iluminou-se também, enquanto fogos de artifício lançados do pedestal da estátua de S. João iluminavam e cercavam de luz todo o santuário.

Depois daquele dia, em todas as noites de 8 de dezembro, Lião apresenta sempre este espetáculo maravilhoso.

Em 1870, Lião estava ameaçada de invasão prussiana. Uma centena de mulheres lionesas dirigiu-se ao palácio do arcebispado para suplicar ao Monsenhor Ginoulhiac que, em nome da cidade e da diocese, fizesse o voto de construir um novo templo a Maria, se a Virgem conservasse afastado o inimigo.

Imediatamente lançou-se uma grande quantidade de manifestos para a subscrição e estes logo voltaram cheios de assinaturas. Os lioneses fizeram voto de contribuir generosamente para a construção do novo santuário, se a SS.ma Virgem defendesse do inimigo a cidade e a diocese de Lião.

A 8 de outubro, Monsenhor subiu a sagrada colina e aos pés da Virgem Imaculada fez-se eco do voto dos seus diocesanos.

O inimigo estava às portas. Três vezes foi dada a ordem de marchar sobre Lião e três vezes, inexplicavelmente, a autoridade militar alemã precisou retirar esta or-

dem... Em 1º de março de 1871 a paz foi firmada: os prussianos retiraram-se sem ter pisado o território da diocese de Maria.

Também desta vez o voto foi cumprido; Maria obteve a sua basílica essencialmente simbólica: uma fortaleza exteriormente; uma maravilha de graça, de beleza e de pureza interiormente.

Verdadeiro poema de amor escrito com mármore e com os mosáicos rutilantes de ouro, em honra da Imaculada.

* * *

O' doce, ó bela, ó esplendente Maria, Rainha do universo e Rainha da cristandade, vós que fostes por tanto tempo a pérola escondida, sois hoje celebrada pelo céu e pela terra; a vossos pés lançamos-nos ainda uma vez. Trazemos-vos os nossos corações: tomai-os, ó onipotente e boa Soberana. Colocai-os dentro do vosso e oferecei-os ao Rei dos reis, ao vosso divino Filho Jesus do qual queremos ser fiéis e leais súditos, ocupados constantemente em estender sobre a terra o seu reino de paz e de amor.

Os ausentes

"E' confortável, sobretudo na hora da morte, recordar que Maria é o refúgio dos pecadores".

"Quando Deus quis mostrar-se em toda a sua majestade, fez o céu salpicado de estrelas e com ele se cingiu como de uma veste real", disse o P. Binet. "Quando quis fazer sentir a sua graça e doçura, colocou-se nas flores
e as perfumou. Quando quis mostrar a sua riqueza, depôs
a prata e o ouro nas entranhas da terra. Quando quis revelar a sua justiça, habitou as nuvens trovejantes e de lá
dardejou os seus raios sobre a terra. Mas quando quis operar os milagres da sua eterna misericórdia, escondeu-se no
coração de Maria". (1)

Têm grande necessidade de misericórdia aqueles que faltam ao concerto de louvores e de amor que admiramos precedentemente. De fato, neste concerto permanecem vazios grande número de lugares. Por esta ausência, voluntária ou não, admiraremos em Maria, além da sua realeza celeste, a sua realeza sobre a terra, a sua realeza de misericórdia.

Os ausentes, aqueles que faltam ao concerto mariano são os que estão no inferno, os pecadores e os infiéis.

Dos primeiros, Maria não se ocupa. Eles voluntària-

⁽¹⁾ Maria, obra prima de Deus, parte I.

mente e para sempre separaram-se do seu Filho; nada mais se pode fazer por eles.

* * *

E', pelo contrário, muito diferente o caso daqueles que o batismo fez filhos de Deus, filhos da Igreja e filhos de Maria, mas que se comportam como filhos desnaturados, indignos da mãe à qual deshonram com a sua conduta.

Não são todos indignos no mesmo grau. Alguns não respeitam as prescrições do Chefe da família cristã e, para eles, a santificação do domingo, a abstinência da sextafeira, o cumprimento do preceito pascoal, são cousas negligenciadas.

Existem outros que fazem pior. Depois de se descuidarem dos deveres precedentes, tornam-se culpados apoderando-se dos bens alheios, espezinhando a moral e chegam até a suprimir os que os aborrecem.

Existem também os que, não se contentando em censurar a autoridade paterna de Deus, tornam-se revoltosos, mantêm públicamente escola de heresia e o Pai de família vê-se constrangido a expulsá-los do teto paterno.

Outros destacam-se voluntàriamente — por orgulho —do Pai, que os condena.

Existem, enfim, os que por interêsse ou por malícia, renegam a sua família cristã e entram em outra.

Pecadores, herejes, cismáticos, apóstatas, renegados, excomungados; todos, tristes, tristes filhos! mais ou menos malvados, mas todos malvados.

Todavia, Maria ama-os. Sim, também os que não fazem mais parte da família são amados por Maria. Eles não estão mais na Igreja, mas continuam ainda no seu coração.

Pobres, pobres pecadores! A Virgem abomina as suas culpas... mas eles... como sente ainda que são seus filhos! Foi para os pecadores que ela foi criada. Se não exis-

tissem pecadores, não teria havido a Redenção, não ter amos o Redentor, não teríamos a Mãe de Deus, não teriamos a mãe adotiva da humanidade. Seu coração materno mais que sua razão, diz estas coisas a Maria.

Na terra, o seu coração tão bom sofria verdadeiramente pelas nossas misérias; no céu, Maria não pode mais sofrer, mas compadece-se. E como se compadece! A sua solicitude sempre vigilante acompanha por toda parte os seus filhos culpados ou em perigo de tornarem-se culpados. Ela cerca-os com santa influência, subtrai-os das ocasiões perigosas, arranca-os do pecado, dá-lhes coragem de repelir as tentações, faz nascer nos seus corações o remorso e o arrependimento. E isto durante toda a vida.

Mas é principalmente no momento da morte do pecador endurecido que Maria se recorda que é a mãe dos miseráveis e que exerce o seu apostolado invisível. O pecador é um filho seu, mais desgraçado que todos os outros; Maria quer salvá-lo e salvá-lo-á se ele quiser ser salvo! Para subtraí-lo à sorte desastrada que o ameaça a Virgem Mãe usará não sòmente de toda a sua bondade, mas também de toda a sua misericórdia. A misericórdia vai além da bondade: a bondade faz o bem; a misericórdia faz o bem e livra do mal. Quando Maria vê o pecador insensível a todos os seus cuidados, quando vê pender sobre ele, como um raio, o mais terrível dos males, o único mal irreparável, a Virgem volve-se para seu Filho, reza, implora, obtem!

O que obtem é uma graça tão potente que, em um momento, o pecador mais empedernido, pode remediar toda a sua vida. E esta graça está tão perto do moribundo que para recebê-la, basta-lhe abrir o próprio coração. Se o pecador-faz este gesto, mesmo que seja ao exalar o seu último suspiro, será salvo!... Na soleira do tribunal supremo, em vez de encontrar a inexorável justiça que o condena, encontrar-se-á defronte à misericórdia que vem para perdoá-lo.

O Juiz!... Maria não precisa afligir-se para vencê-lo.

porque também Ele ama o pecador; foi por este que veio à terra, por este sofreu e morreu. As suas capitulações voluntárias, harmonizadas com as orações de sua Mãe, são a sua maior alegria e a sua maior glória: perdoar é mais nobre que punir. Deus perdoa! Perdoa os pecadores, mas não perdoa a vontade do pecador que quer continuar no pecado.

Maria, por isso, não salvará o pecador contra a vontade dele, nem sem ele; mas se ela o tira do inferno, não será libertando-o quando ele já lá estiver; será prevenindo-o da desgraça de lá entrar. Uma vez fechadas as portas do abismo, não se volta sobre os passos; fica-se na fornalha. E os gritos que saem de lá não são ouvidos por Maria; são os únicos gritos que deixam insensível a Rainha da misericordia.

Citam-se diversos casos de pecadores mortos na impenitênc a e restituidos à vida da graça pelas orações da SSma. Virgem. Nestes casos, raríssimos, de ressurreição, causados por circunstâncias excepcionais, Maria não obteve que o pecador saisse das chamas eternas, mas que a sentença — que ordinàriamente segue logo após a morte — fôsse suspensa e que a condenação não fôsse pronunciada antes que o culpado tivesse tempo e modo de arrepender-se e de recuperar a graça, o que se pode fazer sòmente estando em vida.

Sem precisar recorrer a estes meios extraordinários, quantos pecadores não tem Maria salvado? A eternidade nos mostrará. O certo é que veremos no côro dos eleitos muitos daqueles que na terra não faziam parte do concêrto mariano.

Mais que os pecadores, estão ausentes deste concêrto, os pagãos que adoram os ídolos. Depois, acham-se os maometanos e os judeus, que não têm a fronte marcada pelo sinal do cristão. Infelizmente estes são legiões! E todavia Maria os conhece a todos. Conhece-os pelo nome; também eles são seus filhos, mas filhos que não nasceram ainda pa-

ra a vida sobrenatural e aos quais Maria quer fazer nascer. A Virgem ama estes filhos ainda inexistentes e quer que também eles participem da sua felicidade; mas eles podem participar sòmente pelos méritos de Jesus Cristo que ela tem entre as mãos. Para levar a estas almas a sua parte de redenção, Maria atravessa os oceanos, percorre as ilhas, as florestas, as geleiras, os desertos, os impérios, oferecendo a cada um, em segredo, a graça suficiente para ser admitido na morada dos eleitos. Se os pagãos, os infiéis aceitam esta graça, também eles são salvos.

Sabemo-lo muito bem; foi o Salvador mesmo que disse a Nicodemos: "Ninguém pode entrar no reino de Deus se não renascer pela água e pelo espírito", isto é, por meio do batismo e por uma vida nova, que é a vida sobrenatural, a vida de Deus. Jesus Cristo morreu para todos os homens e quer salvar todos; ninguém poderá dizer que se perdeu por culpa de Deus.

Para os infelizes que ignoram completamente a redenção e que não conhecem alguém que possa instruí-los, Maria está lá com a sua oração onipotente; e para responder a esta oração à qual Deus não resiste, Jesus tem o seu Coração. Este chama o coração que o ignora e se o coração do homem responde ao coração de Deus, a alma recebe a vida sobrenatural que lhe dá o direito de entrar no céu, não pela porta do batismo, mas pela porta do amor. O amor é o batismo de fogo.

Não podemos calcular o número das graças e dos milagres que chegam aos homens por intercessão de Maria.

* * *

Em 1841 um jovem judeu fanático, Afonso de Ratisbonne, ficou noivo de uma jovem judia que não completara seis anos. Esperando o matrimônio, resolveu fazer uma viagem ao Oriente e visitar, de passagem, algumas cidades italianas, mas Roma não estava incluida no seu itinerário.

devido ao horror que lhe inspirava o catolicismo. Seu irmão mais velho. Teodoro, ao finalizar seus estudos de direito, abjurara o judaismo e recebera as ordens sacras. Afonso não lho perdoava e por este motivo, Roma inspirava-lhe profunda aversão e o catolicismo, ódio.

Todavia, na última hora recordou-se que nesta cidade estava um dos seus melhores amigos, Gustavo de Bussière, protestante fanático e quis abraçá-lo.

Quando Afonso se apresentou, o amigo estava ausente de Roma; em vez de dizer-lho, o camareiro que compreendia mal o francês e que o falava pior ainda, introduziu-o no quarto do barão Teodoro de Bussière, irmão do precedente, mas ardente católico.

Os dois homens conheciam-se apenas, o que, porém, não impediu ao barão de acolher o senhor de Ratisbonne com a mais amável cordialidade. Conversaram com o coração aberto como dois velhos amigos e para recordar este gratíssimo encontro, o barão ofereceu uma medalha ao senhor de Ratisbonne que a recusou, embora gentilmente.

- Não compreendo o motivo dessa recusa disse o barão. Depois de me terdes manifestado a vossa maneira de pensar, este objeto deveria ser-vos indiferente e quanto a mim, teria prazer que o aceitasseis como lembrança minha.
 - Se é por isto disse o jovem em tom jocoso aceito-o. Provarei assim que os judeus não merecem a fama de teimosia que lhes dão.

A medalha que o S.r de Ratisbonne aceitara, não era uma medalha qualquer: era aquela cujo modelo a SS.ma Virgem mesma havia dado. Em 1831, aparecendo a uma irmã de S. Vicente de Paulo, S.ta Catarina Labouré, a Imaulada encarregara-a de cunhar uma medalha e prometera, em seu nome, graças inumeráveis àqueles que a trouxessem: Maria manteve tão bem a sua promessa que um ano depois, em Paris, foram vendidas 2 milhões em ouro e prata e 18 milhões em outros metais. Em toda parte fa-

lava-se dos prodígios obtidos por meio desta medalha, pela fé viva de esposas, de mães, de irmãs, de filhas, de almas cristãs, de maneira que a medalha era chamada "medalha milagrosa". Atualmente circula pelo mundo inteiro e sob este nome é conhecida.

O S.r de Ratisbonne, ignorando esta particularidade, aceitou a lembrança e manifestou, ao pedir licença para retirar-se, o pensamento de abandonar Roma no dia seguinte.

— Oh! — disse o S.r de Bussière — não deixeis uma cidade como Roma sem visitá-la! E' preciso pelo menos oito ou dez dias para conhecê-la um pouco!

E ao mesmo tempo ofereceu-se como guia, decidindo com isso o seu amigo a retardar por alguns dias a partida.

Por diversos dias as visitas foram feitas sem incidentes. Em 20 de janeiro de 1842 o S.r de Bussière pediu ao S.r de Ratisbonne que o esperasse durante alguns minutos na Igreja de S.to André, pois precisava decidir um pequeno negócio. Deixou-o perto do balaustre, do lado da epístola.

Quando regressou dez minutos depois, não o encontrou mais. Pensou que ele fôra embora e dispôs-se a sair; viu, porém, na parte oposta, numa capela lateral, o S.r de Ratisbonne ajoelhado, em atitude extática.

Não podendo crer a seus olhos, aproximou-se, mas não foi percebido. Tocou-o com as mãos, mas o extático pareceu não reparar. Sacudiu-o mais fortemente; a mesma imobilidade e o mesmo silêncio. O rosto banhado de lágrimas e as mãos postas, revelaram-lhe, em parte, o que estava acontecendo. O S.r de Ratisbonne estava alí em êxtase, como arrebatado por uma graça celeste.

O S.r de Bussière ergueu-o, arrastou-o da igreja e perguntou-lhe onde queria ir.

Conduzí-me a um padre!... foi a resposta.

Ao mesmo tempo tirou fora a medalha e cobriu-a de beijos e de lágrimas, repetindo entre soluços:

— Como Deus é bom!... Que plenitude de bem!... Que alegria desconhecida!...

 ${\rm O~S.r}$ de Bussière conduizu-o ao Padre de Villefort, jesuita. ${\rm O~S.r}$ de Ratisbonne lançou-se aos seus pés exclamando:

— Eu a vi!... eu a vi!...

Aquele que nascera judeu e queria morrer judeu, àquele que havia jurado ódio eterno ao cristianismo, a Imaculada aparecera com o mesmo semblante com o qual apareceu à humilde Irmã de Caridade.

- Ela n\u00e3o falou disse mas compreend\u00ed tudo!
 No dia seguinte o acontecimento tornou-se conhecido em toda Roma e as visitas afluiram. Uma delas, o General Chlabonski, disse ao neo-convertido:
 - Vistes, portanto, a imagem da Virgem?
- A imagem? Foi a ela mesma que vi! Sim, ela mesma em pessoa, como vos vejo agora!

De fato, na capela onde o S.r de Bussière encontrara o amigo, não havia uma imagem ou estátua da Mãe de Deus; era a capela do Arcanjo S. Miguel.

Disse em seguida:

— A minha família é judia, a minha noiva é judia, a minha avó é judia: fazendo-me cristão, desprezo todos os meus interêsses, todas as esperanças da terra, mas faço-o de todo coração.

O seu noivado foi desfeito. Fez a sua abjuração e o seu batismo foi realizado com grande pompa, em 31 de janeiro. Quando o Padre Villefort pediu-lhe o nome, respondeu: "Maria!" só depois foi-lhe acrescentado o de "Afonso". Mais tarde, como o irmão, também ele recebeu as ordens sacras.

* * *

Não devemos crer que uma tal conversão foi efeito do acaso. Se Afonso de Ratisbonna não rezava, outros rezavam e sofriam por ele. Seu irmão estava em primeiro lu-

gar. Diretor da Arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias, colaborador do santo sacerdote Desgnettes, pusera em campo um exército de almas piedosas que solicitavam a proteção de Maria.

Quando a SS.ma Virgem, a Mãe das Misericórdias respondeu à sua fé e à sua confiança por meio deste estrepitoso milagre, o abade Teodoro não se esqueceu de agradecer-lhe. Em reconhecimento deste favor insigne, ele fundou uma Congregação de homens: "Os Missionários de Nossa Senhora de Sion", cujo alvo é o de dedicar-se à conversão dos israelitas. Afonso Maria entrou primeiramente, na congregação fundada pelo seu irmão e fundou uma outra para mulheres em 1843, a da "Damas de Nossa Senhora de Sion" destinadas antes de tudo a dar uma educação cristã às jovens neófitas da religião hebraica.

O feliz privilegiado da Virgem morreu em Jerusalém em 1884.

O' Mãe de Misericórdia, reconduzí a Jesus todos os que vivem afastados dele. Preservai-nos do pecado, obtende o perdão para os pecadores. Recomendamo-vos particularmente todos que devem morrer neste dia; assistí-os, ó boa Mãe; fazei entrar o arrependimento no seu coração; ficai à sua cabeceira para aliviá-los na angústia; fazei-os morrer na paz e no amor de Deus.

Jesus, Maria, nós

"Maria é Mãe de Deus para obter tudo e Mãe dos homens para tudo conceder!" (Bossuet)

Jesus, Maria e nós; nunca separemos esses três!... Não separemos a Mediadora do Mediador; a Plena de Graça do Autor da Graça; e nós, pobres, tristes, necessitados, infelizes, culpados, arrependidos, esfaimados sedentos do infinito, qualquer que seja o nosso grau levemos todos, as nossas misérias, as nossas necessidades, os nossos desejos a esta Mãe Onipotente sentada ao lado do Trono do Onipotente. Vamos a Maria: Maria é aquela de quem temos necessidade.

Para compreender as nossas angústias é preciso alguém da nossa espécie; para apiedar-se das nossas dores, alguém que tenha sofrido; para obter o nosso perdão, uma alma inocente. Para poder ocupar-se exclusivamente das necessidades alheias, é preciso ser isento de quaisquer débitos. Para consolar, para enxugar as lágrimas dos filhos, é necessário ser mãe; para dispensar graças e benefícios é preciso ser rainha. Para que não falte cousa alguma é preciso ter nas próprias mãos os tesouros de Deus.

Maria possue estas condições: ela é da nossa estirpe, sofreu mais que nós, é Imaculada, não precisa prestar contas à Justiça; é mãe, é rainha e usa a seu bel prazer dos tesouros divinos.

Todos os bens espirituais que recebemos das mãos liberais de Maria não são seus, mas ela os obtem daquele ao qual tudo pertence.

Deus é aquele que é. Comparada à Majestade de Deus, Maria, é a primeira resgatada, a primeira salva, a única preservada, todavia uma criatura saída das mãos de Deus Criador, é menos que um átomo. Deus o Eterno, o Independente, não tem necessidade dela para o cumprimento dos seus eternos desígnios, para a manifestação da sua glória, para a dispensa das suas misericórdias. Não, Deus não necessita dela, Deus jamais teve necessidade de Maria; mas Ele quis e quer ainda sentir necessidade dela; quer que tudo passe por Maria e dela tudo passe por Jesus para chegar ao Pai.

No céu, todos os eleitos são soberanos, todos se sentam sobre tronos, todos levam coroa, todos são revestidos de poder e de bondade; trono mais ou menos resplandecente, coroa mais ou menos brilhante, potência mais ou menos extensa, segundo o grau de santidade; mas trono, diadema e potência tais que, diante do mínimo dos eleitos, o maior dos monarcas do mundo é nada.

Todos os brados que partem da terra e que são dirigidos a S.to Antônio, S. João, S. Pedro, a S.ta Teresa d'Avila ou a S.ta Teresinha do Menino Jesus passam por Maria; de Maria a Jesus e de Jesus ao Pai. E em resposta, todas as graças obtidas passam do Pai ao Cristo; do Cristo à Virgem, da Virgem ao santo invocado e do santo ao indivíduo que lançou o brado de socorro.

No céu a diversidade é maravilhosa. Imaginai um mosaico em via de execução. O artista tem nas mãos uma porção de pequenos tubozinhos cheios de pequenos fragmentos de mármore, vidro, esmalte, ouro, de todas as formas, de todas tintas, de todas cores; certos mosaicos contam até dez mil matizes.

O artista coloca-os juntos de si e imerge-os numa solução de cimento. Sob os seus dedos, todas as gamas de

branco, azul, vermelho, verde, amarelo, cobre, prata, zinco, platina, movem-se variadamente, segundo as linhas de um plano que reproduz, com todos estes pequenos nadas, os desenhos e os coloridos de uma pintura de mestre, que os séculos não alterarão mais.

Diversamente belo, diversamente colorido é o mosaico do ceu cujo conjunto representa a Beleza Absoluta, isto é Deus, porém sem o infinito. Por perfeito que seja, também no seu conjunto, o finito jamais poderá igualar-se ao iniinito; o infinito não pode ser conseguido.

O finito na glória não é menos maravilhosamente belo. Cada santo santificou-se a sua maneira, segundo a graça especial com a qual correspondeu à sua vocação. E do reino da sua beatitude, os eleitos interessam-se por aqueles que na terra estão nas condições semelhantes às que foram as suas. Cada qual sabe o que custa a virtude nesta condição e sendo bons, são ao mesmo tempo misericordiosos; mas cada um parece ter uma especial prerrogativa para socorrer o gênero de luta que corresponde ao gênero de luta e de vitórias que ele mesmo alcançou na terra. Quanto mais um santo praticou virtudes, quanto mais perfeitamente as praticou, tanto maior é o seu poder.

Ora, Maria praticou todas as virtudes e praticou-as num grau de perfeição tal que a nossa insignificância não poderá medí-las. Ela passou por todos os estados e por todas as idades; conheceu todas as dificuldades e todos os sofrimentos; é a Mãe do Onipotente que a associou ao seu governo divino. Compreendemos o que possa valer a sua proteção?

Maria não tem uma especialidade, não se limita a uma só categoria. Maria tem todos os poderes, porisso protege, consola, cura e deseja salvar toda a sua família humana. Não espera as nossas súplicas para vir em nosso auxílio: "Mãe de misericórdia imita o Pai das misericórdias e ajuda-nos também sem ser invocada".

Todavia Maria é mãe e como todas as mães está mais

pronta em correr em auxílio do filho que pede o seu socorro, e mais quando ele suplica com confiança e amor.

Vamos, portanto, a Maria! E' nossa mãe, mãe de cada um em particular; vamos a ela. Oh, se soubéssemos fazer-nos pequenos! Oh, se soubéssemos estar sempre rodeando-a, dizendo como os meninos, os nossos "Porques?" e os nossos "Comos?" Quantas belas e boas coisas a sua santa alma nos ensinaria sobre as vantagens da humildade, sobre as exigências da caridade, a sabedoria do abandono em Deus. Se a jovem soubesse abrir-se com ela para guardar sua inocência; o culpado, lançar-se no seu coração para procurar um refúgio e fugir ao castigo; o indigente, a sua miséria para obter socorro; o aflito, as suas lágrimas para serem enxutas, a terra seria menos triste porque seria mais cristã.

Esforcemo-nos, portanto, para fazer-nos pequenos, crianças, como Maria, nossa Mãe; quando se chora, quando se sofre, não é difícil fazer-se pequenos: tem-se tanta necessidade de socorro! E quem não sofre? Quem não chora sobre esta terra? Quem não tem necessidade de fazer-se consolar, de ser curado? Esforcemo-nos em fazer-nos pequenos e em não fazer nada sem o conselho, sem o socorro da nossa mãe.

A criança crê sem discutir o que diz a sua mãe. Ora, Maria dir-nosá que o nosso dever é o de imitar a Jesus e que há apenas uma maneira para isso: tomar a cruz, e carregando-a seguí-lo. Dir-nos-á também o que ela sabe por experiência e que a maior parte ignora: que a cruz tornase dia a dia mais leve quando quem a carrega se santifica, aceitando-a.

Se forem preciso bens temporais, Maria obter-nos-á com uma condição: "Que sejam empregados para a vida sobrenatural, isto é, para glória de Deus e salvação das almas. Quando falta esta condição, Maria não intervem, porque Maria é Mãe sòmente para concorrer na produção, con-

servação e aperfeiçoamento da nossa vida sobrenatural" (1). Eis porque certas orações parecem não ser ouvidas. Pedem-se coisas que não podem glorificar Deus nem conduzir ao céu. A missão de Maria é a de aperfeiçoar, na qualidade de Mãe dos homens, a nossa condição de filhos de Deus.

Vamos, portanto, a Maria: "A maternidade divina revestiu-a com uma grandeza que não possui rival nem no céu, nem na terra. Esta maternidade coloca Maria sobre tudo que não é Deus e lhe dá, por comunicação, o poder que Deus tem por natureza; pode-se dizer que acontece no céu o que acontece na terra entre uma boa mãe e um filho amoorso; quando a mãe diz queria, o filho responde quero.

"A maternidade divina deu a Maria, com referênca a nós, a autoridade benéfica de uma rainha, à qual o Rei dissera: "Os meus súditos te pertencem; torna-os felizes". E a Rainha manda, dirige, distribui as graças, aplaina diferenças, ergue e reabilita os culpados. A rainha é a distribuidora dos tesouros do rei, das graças do rei, dos favores do rei". (2)

- O' Maria, como sois boa!
- O' Maria, como sois grande!
- O' Maria, como sois poderosa!
- E sois minha Mãe!

Em 1892, quando Mons. Verjus precisou voltar à França, para recuperar a saúde, parou em Marselha e aceitou a hospitalidade de um seu amigo o cônego Casanova.

Essa morada, ele conta, não parecia com nenhuma outra: aí falava-se só da Virgem, vivia-se da Virgem. Nos sa-

⁽¹⁾ Terrien, o. c. III.

⁽²⁾ Abade Silvano

lões, nos quartos, no jardim, em toda parte viam-se estátuas da Virgem e havia mais de cincoenta anos funcionava naquela casa a academia da Virgem sob o belo título de "Nossa Senhora da boa lembrança".

Para fazer parte desta academia, ignorada pelo Instituto da França, eram necessários títulos: antes de tudo, um amor excecional à Divina Mãe; depois um pouco de literatura e música para louvar e cantar a Virgem. No dia de admissão na academia, o candidato devia ler ou cantar uma obra de sua composição em louvor à Mãe de Deus.

Mons. Verjus foi eleito membro desta academia, solenemente, a 1º de setembro de 1892, e pagou o tributo tradicional a Maria com o diálogo seguinte, entre um indígena das Ilhas de Sonda e um missionário:

- -- Missionário, porque os ingleses (protestantes) dizem que o seu nome é Jesus e o nosso, Maria?
- Meu filho, não te admires; a sua palavra engana: o nosso nome é Jesus-Maria.
- Missionário, porque de manhã cedo, ao meio dia, à tarde e também durante a noite, tocais o vosso sino maior?
- Filho, quando encontras a tua mãe e refletes sobre a sua bondade, tu a bendizes: também nós fazemos o mesmo.
- Missionário, porque depois do jantar recitais as vossas orações cantando? Essa corôa, o que é?
- Filho, nossa Mãe é um grande chefe: fez grandes coisas. São as suas vitórias que celebramos cantando.
- Missionário, porque levais sobre o colo o escapulário?
- Filho, não tens sobre o peito o sinal da tua tribu?
 Não o levas orgulhosamente? Também fazemos o mesmo.
- Missionário, porque no interior da vossa casa santa, no meio do altar, está Maria diante de todos?
- Meu filho, olha: quem é o grande Chefe desta casa? E' Jesus, não é verdade? Pois bem, Maria está a seu lado.

- Missionário, porque aos domingos, como nas festas de Maria, cantamos hinos sacros?
- Filho, quando os vossos Chefes nascem ou morrem, não cantais, comeis e ordenais festas? Também nós fazemos o mesmo.
- Missionário porque consagrastes a Maria uma lua
 (1) como consagrastes a Jesus?
- —Filho, é porque nos nossos paises, na lua de Maria, todas as árvores florescem. Nós celebramos, então, Maria que leva a sua bela flor, Jesus.
- Missionário, ouví ainda: queremos saber porque na vossa embarcação Maria ocupa a proa?
- Filho, ouve: Maria faz conhecer a estrada, como a estrela polar, e além disso, a Virgem nos impele como o vento sudeste.
- Bem, Missionário; agora não falemos mais; conhecemos Maria: ela é a Mãe de Jesus.
- Sim, meu filho: é assim mesmo! Falaste bem! Nosso nome é, pois, muito lindo: "Filhos de Jesus-Maria". (2)

Jesus! Maria! Como são grandes!... Como são bons!... E como somos felizes por ter a ambos!

Jesus, Maria e nós: não separemos mais estes três!

Jesus nos impele a Maria; Maria nos impele a Jesus; assim vamos do Amor ao Amor; da misericórdia à misericórdia na qual podemos lançar-nos sem temor de perdernos!

* * *

⁽¹⁾ Os selvagens não dividem como nós, o ano em meses, mas em lua.

⁽²⁾ Na mesma noite, depois desta cerimônia, Mons. Verjus escrevia no seu diário: «Todos cantaram hinos a Maria como rouxinois e eu assobiei — pobre melro — como melhor pude na minha linguagem obscura, o que os nossos caros selvagens pensam de Maria e como a honram».

O peito e a garganta do santo bispo estavam tão atacados pelo mal que o pobrezinho via-se «como um pobre melro». Dois meses depois, em 13 de novembro de 1892, a sua alma apostólica voava ao céu. Tinha 32 anos. (P. J. Vaudon, Mons. Verjus)

Ó Jesus, ó Maria, para terminar, queremos invocar-vos juntos. Do céu, onde reinais na felicidade e na glória, lançai um olhar de bondade sobre a pobre humanidade que geme na terra do exílio. Conheceis os males e os perigos que existem; conheceis a nossa fraqueza que tem tanta necessidade da vossa fôrça; conheceis a nossa ignorância que precisa da vossa luz; conheceis o nosso mêdo pelo sofrimento, mêdo que tem necessidade dos vossos sublimes exemplos. Jesus, Maria, tende piedade da nossa miséria e fazei descer sobre nós a superabundância da vossa graça.

Mediadores onipotentes e infinitamente bons, concedei liberdade aos prisioneiros, cura ao doentes, arrependimento e perdão aos pecadores e aos justos a intimidade divina e uma eminente santidade.

Jesus e Maria, guiai-nos, atraí-nos e abrí-nos as portas do céu, para que nos seja dado cantar eternamente convosco, na mansão dos eleitos, o *Magnificat* do agradecimento!

Indice

A toda bela	7
O nascimento da eleita	17
A apresentação ao Templo	23
A Nazarena	29
A escola íntima	37
A cheia de graça	. 44
Magnificat	51
O lírio e sua flor	59
A oferta da Virgem	68
A fuga para o Egito	74
A volta a Nazaré	82
As grandes pequenas ações de Maria	88
A perda de Jesus	95
A oração de Maria	103
O bom conselho	111
Maria e os milagres	119
A doutrina de amor	127
O martírio de Maria	133
As alegrias de Maria	141
Os imprevistos divinos	148

O modêlo	155
Maria no Cenáculo	163
O Santificador	171
O apostolado de Maria	178
O silêncio de Maria	183
As ascensões da alma	192
Maria Rainha	201
O triunfo dos despojos virginais	208
O triunfo de Maria sobre a terra	217
Os ausentes	226
Jesus, Maria nós.	235



EDIÇÕES PAULINAS

MARIA NOSSA MÄE PADRE J. CABRAL

1000233532469 20,00

Catolicismo www.sebosonline.com